

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO**

Renata Rocha de Oliveira

**EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO
COM VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS**

Santa Maria, RS
2017

Renata Rocha de Oliveira

**EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM
VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janis Elisa Ruppenthal

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rocha de Oliveira, Renata
CRESCIMENTO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL:
ANÁLISE DE CORRELAÇÃO APLICADA A VARIÁVEIS ECONÔMICAS E
SOCIAIS / Renata Rocha de Oliveira.- 2017.
102 p.; 30 cm

Orientadora: Janis Elisa Ruppenthal
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção, RS, 2017

1. Empreendedorismo Feminino 2. Análise de Correlação
3. Variáveis Econômicas e Sociais 4. GEM I. Elisa
Ruppenthal, Janis II. Título.

©2017

Todos os direitos autorais reservados a Renata Rocha de Oliveira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
Endereço: Rua Reinaldo Manoel Guidolin, 257, apto 401, Bairro Camobi, Santa Maria, RS. CEP: 97.110-212.
Fone: (055) 99998-3255; E-mail: reoliveira.2808@gmail.com

Renata Rocha de Oliveira

**EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM
VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Engenharia de Produção.**

Aprovado em 13 de Março de 2017:

Janis Elisa Ruppenthal, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Luciane Flores Jacobi, Dra. (UFSM)

Olinda Barcellos, Dra. (FAPAS)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois o que seria de mim sem fé.

A meu Pai Carlos Alberto, pelo apoio moral, financeiro e, por muitas vezes, ter mais esperança em mim do que eu mesma.

A minha Mãe Cléia, pela força, por me ensinar a perseverar e sempre ir até o fim em tudo que faço.

A minha Irmã Roberta por todas as vezes que, incansavelmente, me ouviu e apoiou e, em muitas delas, aconselhou.

Ao meu namorado Fábio, por estar ao meu lado em todos os momentos da elaboração desse trabalho, pelo apoio e incentivo incondicional, muitas vezes ouvindo e todas as vezes segurando minha mão.

A Professora Janis, pela oportunidade, pelos ensinamentos, por me orientar a escrever, me ensinando a ser um ser humano e uma profissional cada vez melhor.

A Professora Luciane, pela paciência incansável, pela dedicação em ajudar, em muitas vezes me puxar e ofertar ideias para que meus trabalhos saíssem melhores. Além de um apoio imensurável para que esse trabalho se realizasse.

A Professora Olinda Barcellos, como uma nova mão de Deus em meu caminho, ensinando, ajudando e apoiando.

Aos meus professores pelo incentivo e ensinamento.

Em suma, a todos que de alguma forma contribuíram para realização deste trabalho.

Jamais considere seus estudos uma obrigação, mas sim uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer.

(Albert Einstein)

RESUMO

EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS

AUTORA: Renata Rocha de Oliveira
ORIENTADORA: Janis Elisa Ruppenthal

O crescimento do empreendedorismo feminino está intimamente ligado à variáveis que descrevem as razões do empreender das mulheres, através da economia, da renda, de influências internas como a maternidade, e muitas vezes por gerirem sozinhas suas famílias. Buscou-se descrever essas variáveis de forma coesa e que comprovem os motivos do crescimento empreendedor. São elas: mulheres empreendedoras iniciais, PIB, matrículas na educação infantil, empreendedoras por oportunidade e por necessidade, nível de escolaridade – faixas 1 a 4, renda média per capita familiar e taxa de renda média, e, número de mulheres empregadas no mercado formal de emprego. Esse estudo possui como objetivo verificar o crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil, viabilizado pela análise de correlação. Partindo de uma análise quantitativa, em continuidade a uma análise qualitativa, por meio de discussões econômicas e sociais, utiliza-se observação de diagramas de dispersão, estatística descritiva mediante de medidas de tendência central e medidas de dispersão, seguindo com a análise fim dessa pesquisa, a análise de correlação. Com base em pesquisas bibliográficas de cunho social e discussões, esse trabalho vem a colaborar, utilizando métodos estatísticos, com a influência do empreendedorismo feminino na economia brasileira e nas decisões da mulher em se inserir no mercado empreendedor. Da mesma maneira que proporcionar o enriquecimento científico quantitativamente testado, para fins de discussões sobre as empreendedoras. Obteve-se, como resultados desse estudo, comprovações da influência, do número de matrículas na educação infantil, do nível de escolaridade – faixa 1, da renda média per capita familiar e o número de mulheres empregadas, no crescimento do empreender feminino. Ainda, por intermédio de resultados complementares, testou-se a relação do número de mulheres empregadas no mercado formal de emprego, com a educação infantil, com os percentuais de empreendedoras por oportunidade e por necessidade, a fim de enriquecimento e proposição de trabalhos futuros nessa temática. Por fim, os resultados vieram a corroborar discussões sobre a mulher empreendedora, de forma a tornar mensurável essas relações e motivos do crescer empreendedor da mulher brasileira.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Variáveis Econômicas e Sociais. Análise de Correlação.

ABSTRACT

FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL AND ITS RELATIONSHIP WITH ECONOMIC AND SOCIAL VARIABLES

AUTHOR: Renata Rocha de Oliveira

ADVISOR: Janis Elisa Ruppenthal

The growth of female entrepreneurship is closely linked to the variables that describe women's entrepreneurial reasons, through economics, income, domestic influences such as motherhood, and often by managing their families alone. We sought to describe these variables in a cohesive way and to prove the reasons for entrepreneurial growth. They are: initial entrepreneurial women, GDP, enrollment in early childhood education, entrepreneurs by opportunity and by necessity, level of schooling - ranges 1 to 4, average family per capita income and average income rate, and number of women employed in the formal market of job. This study aims to verify the growth of female entrepreneurship in Brazil, made possible by correlation analysis. From a quantitative analysis, following a qualitative analysis, through economic and social discussions, we use observation of dispersion diagrams, descriptive statistics through measures of central tendency and measures of dispersion, followed by the analysis of this research, The correlation analysis. Based on bibliographical researches of social nature and discussions, this work comes to collaborate, using statistical methods, with the influence of female entrepreneurship in the Brazilian economy and women's decisions to enter the entrepreneurial market. In the same way as providing scientific enrichment quantitatively tested, for the purposes of discussions about entrepreneurs. As a result of this study, we verified the influence of the number of enrollments in kindergarten, the level of schooling - track 1, the average family per capita income and the number of women employed, in the growth of the female entrepreneur. Also, through complementary results, the ratio of the number of women employed in the formal employment market, with pre-school education, with the percentages of entrepreneurs by opportunity and by necessity, was tested in order to enrich and propose future work in this market thematic. Finally, the results came to corroborate discussions about the entrepreneurial woman, in order to make these relations and motives of the entrepreneurial growth of Brazilian women measurable.

Keywords: Female Entrepreneurship. Economic and Social Variables. Correlation Analysis.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e PIB.....	53
Gráfico 2 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Matrículas Escolaridade Infantil.....	55
Gráfico 3 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Empreendedoras por Oportunidade.....	56
Gráfico 4 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Empreendedoras por Necessidade.....	57
Gráfico 5 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 1.....	59
Gráfico 6 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 2.....	60
Gráfico 7 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 3.....	61
Gráfico 8 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 4.....	62
Gráfico 9 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Renda Média per capita Familiar.....	63
Gráfico 10 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Taxa de Renda Média per capita Familiar.....	64
Gráfico 11 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Mulheres Empregadas.....	65
Gráfico 12 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Matrículas Escolaridade Infantil.....	72
Gráfico 13 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Empreendedoras por Oportunidade.....	73
Gráfico 14 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Empreendedoras por Necessidade.....	74
Gráfico 15 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 1.....	77
Gráfico 16 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 1.....	78
Gráfico 17 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 2.....	79
Gráfico 18 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 2.....	80
Gráfico 19 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 3.....	81
Gráfico 20 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 3.....	82
Gráfico 21 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 4.....	83
Gráfico 22 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 4.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Faixas de Escolaridade parametrizadas conforme alterações do GEM..	29
Quadro 2 – Classificação das Medidas Descritivas.....	35
Quadro 3 – Revisão Sistemática de artigos para discussão do estudo.....	43
Quadro 4 – Variáveis selecionadas para a pesquisa	48
Quadro 5 – Estatística Descritiva das variáveis em análise	52
Quadro 6 – Resultado do Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk.....	67
Quadro 7 – Matriz de correlação entre Empreendedoras Iniciais e as Variáveis econômicas e sociais	69
Quadro 8 – Matriz de correlação entre Mulheres Empregadas e Matrículas na Escolaridade Infantil, Empreendedoras por Oportunidade e Empreendedoras por Necessidade	76
Quadro 9 – Matriz de correlação entre Empreendedoras por Oportunidade e Nível de Escolaridade – faixas 1 a 4	85
Quadro 10 – Matriz de correlação entre Empreendedoras por Necessidade e Nível de Escolaridade – faixas 1 a 4	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCB	Banco Central do Brasil
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada
IPCA	Índice de Preços ao Consumidor Amplo
MEC	Ministério da Educação
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
MTPS	Ministério do Trabalho e Previdência Social
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Programa Nacional por Amostras de Domicílios
RASEM	Relatório Anual Socioeconômico das Mulheres
RAIS	Relatório Anual de Informações Sociais
SW	Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS DE PESQUISA	15
1.1.1	Objetivo Geral	16
1.1.2	Objetivos Específicos	16
1.2	JUSTIFICATIVA	17
1.3	DELIMITAÇÃO DO TEMA	18
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	18
2	VARIÁVEIS DA EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO	20
2.1	MULHERES EMPREENDEDORAS INICIAIS	20
2.2	VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS	23
2.2.1	Produto Interno Bruto (PIB)	23
2.2.2	Educação Infantil - Creche e Pré-Escola	25
2.2.3	Empreendedoras por Oportunidade	26
2.2.4	Empreendedoras por Necessidade	27
2.2.5	Nível de Escolaridade	28
2.3	EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO	30
2.3.1	Renda Média per capita Familiar	30
2.3.1.1	<i>Taxa Renda Média per capita Familiar</i>	31
2.3.2	Mulheres Empregadas	32
2.4	TÉCNICAS ESTATÍSTICAS APLICADAS	35
2.4.1	Estatística Descritiva	35
2.4.2	Análise de Correlação	37
2.4.2.1	<i>Diagrama de Dispersão</i>	37
2.4.2.2	<i>Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk (SW)</i>	37
2.4.2.2	<i>Coeficiente de Correlação de Pearson</i>	38
2.4.2.3	<i>Coeficiente de Correlação de Spearman</i>	39
2.4.2.4	<i>Teste t de Student</i>	40
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1	REVISÃO SISTEMÁTICA	42
3.2	COLETA DE DADOS	46
3.3	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	50
4	ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
4.1	ESTATÍSTICA DESCRITIVA	51
4.2	DIAGRAMA DE DISPERSÃO	51
4.3	TESTE DE NORMALIDADE	66
4.4	MATRIZ DE CORRELAÇÃO E TESTE DE SIGNIFICÂNCIA	67
4.5	RESULTADOS E DISCUSSÕES COMPLEMENTARES	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
5.1	CONCLUSÕES E TRABALHOS FUTUROS	86
5.2	CONCLUSÕES COMPLEMENTARES	90
	REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

A inserção das mulheres no mercado de trabalho destaca-se pelas discussões sobre igualdade de gêneros, a interação com os homens e o transcorrer de suas carreiras em cargos de liderança, coordenação e gerência, e também como empreendedoras de um negócio em seu nome (CRAMER et al, 2012). Nesse ambiente de trabalho, onde ocorrem relações entre os gêneros, acontecem, conjuntamente as disparidades de salário, relação de cargos e posições de poder em grandes empresas (CAVAZOTTE; OLIVEIRA; MIRANDA, 2010).

De forma intuitiva, há percepção do avanço da mulher no mercado de trabalho nas últimas duas décadas, delimitando seu espaço como profissional e empreendedora. Ainda que de forma circunspecta, sua presença tem crescido no mercado de trabalho e no empreendedorismo (SILVA, 2016).

No Brasil, a força do empreendedorismo se intensificou e popularizou com a abertura da economia. Antes desse período, pequenas empresas eram criadas de forma limitada, em uma época que o ambiente político e econômico do país não eram favoráveis para tal (GRECO et al., 2012).

Bernardi (2012) busca explicar que o empreendedorismo se desenvolve no ser, e se constitui em situações como de um empreendedor nato, como herdeiro, se apresentando como exímios técnicos funcionários de uma organização, aqueles que optaram pelo desemprego, ou até mesmo desenvolvendo um trabalho paralelo e aposentadoria.

Para Custódio, Tófoli e Nogueira (2011), empreendedorismo significa mudar o estado original, de forma que haja uma busca infundável por novas oportunidades, com foco na inovação e criação de valores. De acordo com os autores, existem muitas traduções e significados para o empreendedorismo, por sua natureza diferenciada em empregar recursos disponíveis de forma criativa e assumir riscos de maneira cautelosa.

A indução orientada de empreender, fonte de discussões por muitos pesquisadores, tem se tornado uma estratégia para desenvolver qualidades hábeis, bem como intensificar ações colaborativas, o que ao longo dos últimos anos, tem se caracterizado como formas de gestão de liderança (BARRETO; NASSIF, 2014).

A visão da mulher como líder e gestora de seu próprio negócio, como empreendedora, enfatiza a assídua participação do gênero feminino no

desenvolvimento da sociedade, gerando empregos e renda em vários lugares do mundo (SILVEIRA; GOUVÊA, 2008). Morshed e Haque (2015) afirmam que as mulheres possuem motivação, bem como uma visão diferenciada e realista, moderna e entusiástica.

As vantagens do empreendedorismo feminino salientam-se como: a autonomia empresarial da mulher, a capacidade de gerir a si própria, poder administrar o tempo de trabalho juntamente com seus aspectos pessoais, diminuir a desigualdade de salários, bem como a diferença quanto sua capacidade empresarial. Da mesma forma que as desvantagens, em função do gênero, descrevem-se como enfrentar estereótipos de inferioridade, especialmente no acesso aos recursos financeiros, o que limita seu desempenho como empreendedoras (CASSOL, 2006 apud SANCHES et al., 2013). Coincidir sua carreira com a vida em família permanece, ainda, como um empecilho para a maioria das mulheres (SILVA, 2016).

Quando se trata de Brasil, as mulheres ainda se mantêm em desvantagem, pois em sua maioria, recebem salário menor e poucas assumem cargos de liderança. Levantamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base na Pesquisa Mensal de Emprego, constata que as mulheres recebem em média 25,5% menos do que os homens (GRECO et al., 2012; IBGE, 2015).

A pesquisa do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (2016), em sua amplitude, tem capacidade de identificar toda a forma de atividade empreendedora, que apresente característica autônoma com finalidade de criação de recursos. Esse relatório tem por objetivo avaliar de forma ampla, o papel do empreendedorismo como fonte de propulsão do crescimento econômico de um determinado país, bem como do mundo (GEM, 2016). Parte do relatório contém a medição do nível de comprometimento das empreendedoras iniciais, a qual são caracterizadas dessa forma, iniciais, pela sobrevivência até o terceiro ano de vida da empresa. A busca pela compreensão das diferentes faces do empreendedorismo, seja no ambiente econômico, ou no ambiente social, salienta o envolvimento das atividades do ser empreendedor. Considerando a sensibilidade para com o meio, a proatividade e a educação, como premissas de análises dos níveis empreendedores, comparam-se países e regiões; ainda, observando as dificuldades enfrentadas para a criação e

desenvolvimento desses negócios, nortearam e motivaram o progresso do relatório do GEM, e suas metodologias.

A Pesquisa Internacional do GEM e os dados estatísticos, tem periodicidade anual e buscam medir a evolução do empreendedorismo com relação a diferentes aspectos. Em 2015, 160 países participaram, e com essa pesquisa, vários aspectos do empreendedorismo mundial são revelados, dentre eles o desempenho das mulheres empreendedoras (GEM, 2016).

Oliveira e Souza Neto (2010) e Barbosa et al. (2011), destacam em suas pesquisas que, a premissa do impulso em iniciar um negócio, e prosseguir no empreendimento, tem por motivação o sentimento que a grande maioria das mulheres empreendedoras possuem pelo ramo que sua empresa age.

Torna-se importante, para base desse estudo, identificar variáveis que auxiliem no entendimento do empreendedorismo feminino como índice de uma mudança. Essas variáveis foram consideradas por serem índices de órgãos responsáveis por dados e estatísticas públicas de grande relevância, como o IBGE, conjuntamente com os levantamentos apontados pelos relatórios do GEM, sendo esse de responsabilidade do *Global Entrepreneurship Research Association* e do *London Business School*, órgãos do Reino Unido com amplitude mundial nas pesquisas.

Esse trabalho buscou identificar a existência de correlação entre o empreendedorismo e variáveis econômicas e sociais. As variáveis serão: Mulheres Empreendedoras Iniciais, Produto Interno Bruto (PIB), Número de crianças matriculadas em creches e pré-escolas, Empreendedoras por Oportunidade, Empreendedoras por Necessidade, Renda Média per capita Familiar, Taxa de Renda Média per capita Familiar, Nível de Escolaridade e o Número de Mulheres Empregadas.

O problema de pesquisa vem a enfatizar: qual a influência do crescimento do empreendedorismo feminino, como forma de evolução da mulher e redução da desigualdade de gênero, e quais variáveis apresentam evidências de que o empreendedorismo feminino se tornou um índice de redução das desvantagens da mulher perante o mercado de trabalho?

1.1 OBJETIVOS DE PESQUISA

O objetivo geral e os objetivos específicos vêm a fortalecer a temática abordada, mediante do detalhamento das partes que comporão o trabalho.

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar o aumento da participação da mulher no empreendedorismo brasileiro, por análise de correlação aplicada a variáveis econômicas e sociais, com a finalidade de identificar quais fatores influenciam, de forma significativa, a ascensão da mulher no mercado de trabalho, como empreendedora.

1.1.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, foram estabelecidos por:

- a) Identificar, por meio de revisão de bibliografia, quais variáveis caracterizam o perfil das mulheres empreendedoras brasileiras, e as motivam ao empreendedorismo;
- b) Aplicar técnicas de estatística descritiva em dados econômicos e sociais, para verificar quais podem propiciar o aumento do empreendedorismo feminino nacional;
- c) Buscar a relação da presença de mulheres no meio empreendedor, pela correlação com as variáveis sociais e econômicas, com a finalidade de identificar quais são significativas, e assim, levantar questionamentos sobre a temática quantitativa do empreendedorismo feminino no Brasil;
- d) Em uma análise de resultados complementar, após realização de levantamento, mediante Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), para apontar a participação da mulher no mercado formal de emprego, e no empreendedorismo, bem como analisar a correlação dessa variável com as demais, a fim de visualizar a influência da mulher empregada no empreendedorismo;

1.2 JUSTIFICATIVA

O ano de 2008 se tornou marco intensificador sobre o empreendedorismo brasileiro, o qual se caracterizava por empreendedores individuais, micro e pequenas empresas, empresas de médio e grande porte. O incentivo ao empreendedorismo no Brasil se fortaleceu com a criação de uma lei que incentivou a formalização, de pessoas que trabalhavam no mercado informal, e ainda a formação de empresas com apenas um sócio.

A Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008, criou a figura do Microempreendedor Individual e modificou a legislação das Micro e Pequenas empresas. Desde sua promulgação, tem objetivo de incentivar a formalização de pessoas que trabalhavam de maneira irregular, mas principalmente, tornou-se a mais forte razão, para pessoas comuns, abrirem suas pequenas empresas e se tornarem empreendedores (BRASIL, 2008).

Em meio a esses novos empreendedores, encontram-se as mulheres, que buscam independência financeira, incentivo profissional, motivações pessoais e, por ser relevante em todas as famílias brasileiras, melhora na renda. Com base nessas assertivas, objetiva-se discutir o empreendedorismo feminino de uma maneira mais quantitativa, ainda que contextualizada.

A motivação em uma pesquisa aprofundada sobre o empreendedorismo feminino se faz importante, devido ao aumento do percentual de empreendedoras no período de 2002 até 2015, de acordo com os relatórios do GEM.

Nessa pesquisa, variáveis econômicas como o PIB, e a renda média per capita familiar; e sociais, como o número de crianças matriculadas em creches e pré-escolas, nível de escolaridade e mulheres empregadas, serviram de embasamento para medir o crescimento, influência e significância do empreendedorismo feminino no Brasil. Essas variáveis foram analisadas individualmente, e em conjunto, por meio da técnica de análise de correlação, com a finalidade de identificar a existência de relação entre elas e se realmente são influenciadas pela variação do empreendedorismo feminino.

A pesquisa bibliográfica realizada substancia a discussão desse estudo, vindo a suplantar a temática de empreendedorismo feminino. Essa acabou evidenciando a necessidade de pesquisas quantitativas quanto às mulheres empreendedoras. Em toda a base teórica encontrada, e atualizada, não encontraram-se dados específicos

referente à economia dos países ou locais selecionados às suas pesquisas. Identificaram-se trabalhos com aplicações de técnicas estatísticas, apenas em dados qualitativos, através de tabelamento de questionários. Em suma, esse levantamento acabou transparecendo a unicidade da pesquisa proposta.

Permeado pelas mulheres empreendedoras, esse trabalho tem por justificativa principal, verificar a importância da participação dessas mulheres, pois após o ano de 2008 tornaram-se responsáveis pelo aumento, no número de empreendimentos iniciais, em mais de 5%. Sendo esse percentual, o maior resultado obtido em todos os anos de pesquisas sobre empreendedorismo feminino no Brasil (GEM, 2016).

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

As variáveis econômicas e sociais analisadas correspondem ao período anual de 2002 até 2015, com dados nacionais, obtidas de sites oficiais de órgãos especializados, juntamente com relatórios do GEM. A técnica utilizada deu-se por análise de correlação.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No Capítulo 1, apresenta-se a introdução, delimitação do tema da pesquisa, justificativa e a importância do trabalho, a exposição do problema em estudo. Constam também os objetivos da pesquisa, a delimitação do tema e a estrutura do trabalho.

No capítulo 2 será encontrada a revisão bibliográfica sobre as variáveis relacionadas aos objetivos do trabalho, incluindo pontos importantes para o embasamento desse estudo.

No capítulo 3, apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, em que estão expostas as etapas necessárias para a análise de correlação.

No capítulo 4 constam os resultados e discussões das análises feitas mediante as técnicas utilizadas, ainda, apresentam-se os resultados e discussões complementares.

Pertencentes ao capítulo 5 constarão as considerações finais e sugestões de trabalhos futuros.

Ao final deste trabalho estão compostas as referências bibliográficas utilizadas no embasamento teórico.

2 VARIÁVEIS DA EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO

No Brasil, as mulheres são maioria da população e passaram a viver mais, têm menos filhos, ocupam mais espaço no mercado de trabalho e, atualmente, são responsáveis pelo sustento de 37,3% das famílias (BRASILd, 2015).

A seguir apresentam-se as variáveis que englobam os questionamentos do crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil, para esse estudo.

2.1 MULHERES EMPREENDEDORAS INICIAIS

Em uma linguagem literal, empreendedor significa aquele que empreende, que é animoso para empreender, trabalhador, forma de ganhar a vida (FERREIRA, 2010). Conforme o conceito jurídico, empreendedor é aquele que possui uma empresa formal (BRASIL, 2008). Para Schumpeter (1949) o empreendedor é quem modifica a ordem econômica vigente por meio da introdução de produtos e serviços inovadores, novas formas de explorar e executar atividades.

O empreendedorismo feminino, ou seja, a participação da mulher como proprietária de seu negócio, tem crescido em todo o mundo nas últimas décadas. Paladino (2010) destaca a evolução feminina em empreendimentos de pequeno porte, como profissional autônoma e como líder familiar empreendedora. Os padrões esperados de cultura feminina e seu comportamento perante a sociedade iniciou sua mudança a partir do fim da década de 60, início de 70. Essas revoluções se tornaram marcos históricos da mulher, permeados na busca pela igualdade salarial e melhores condições de trabalhos para as mulheres, por meio de greves e acordos. A ideia era que o feminismo partia da procura em repensar a identidade da mulher não a partir de hierarquias, fundamentado na questão de gênero, mas no ser como um todo, não apenas homem ou mulher, independentemente (DUQUE, 2012).

Dentre os primeiros pesquisadores a tratar sobre o tema do empreendedorismo feminino, Schwartz (1976) aparece como um dos nomes a realizar pesquisas nessa área. Em seu artigo, são abordadas as dificuldades que as mulheres encaravam, cerceadas nos aspectos de relação. Gomes et al. (2014) relata que Schwartz (1976) concluiu que, essas dificuldades que as mulheres empreendedoras se deparavam, impossibilitavam o sucesso de seus

empreendimentos, principalmente quando relacionado ao aspecto de financiamentos.

Gomes et al. (2014), afirma que o empreendedor feminino não se refere somente a mulher se inserir no mercado para complementação de renda, mas também pelas influências e transformações sociais advindas dessa inserção.

O empreendedorismo tem sido alvo de pesquisa nas últimas três décadas, pelo menos. Um dos destaques na pesquisa desse tema é Filion (1999) que possui como ponto central de sua pesquisa, a evolução da mulher como ser empreendedor e como líder, por suas características mais perceptivas de conhecimento, melhor preparo e melhores planejamentos para empreender. A mulher empreendedora busca não apenas um novo objetivo profissional, mas também realização pessoal. Ao abrir seu próprio negócio, liberta-se de situações incômodas, tais como facilitar o gerenciamento do tempo entre trabalho e a família (IPEA, 2016).

A revolução no trabalho e na família alterou as estruturas sociais, instituições e culturas que formam a sociedade como um todo. As barreiras enumeradas por Sanches et al. (2013) continuam sendo as mesmas relatadas por Schwartz (1976), há mais de 30 anos, problemas com aceitação da mulher disputando o mesmo espaço do homem; falta de suporte afetivo e social; a impossibilidade para atuar no mercado internacional; barreiras para conseguir financiamentos; a falta de tempo; e a dificuldade em conciliar trabalho e família.

O Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RESEAM), publicado em 2015 (BRASILd, 2015), aponta o dilema para conciliar trabalho e família, envolvendo a batalha entre as atividades tradicionalmente exercidas pela mulher na sociedade, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos, e o empreendimento. Outro papel importante na vida das mulheres empreendedoras é o do marido, sustentando-as através de suporte e apoio (ALPERSTEDT; FERREIRA; SERAFIM, 2014). Esses autores ainda destacam que, mesmo que o laço seja forte, existem as disparidades de opinião que podem limitar a relação, ainda assim, consideram uma base emocional fixada pela força. Boa parte das mulheres vai de encontro ao marido para adquirirem recursos, apoio e financiar suas ideias. Assim como, o esposo toma o papel de auxílio na tomada de decisão (BRASILd, 2015).

Estudos sobre as mulheres empreendedoras compõem menos de 10% de toda a pesquisa realizada na área do empreendedorismo (BRUSH; COOPER, 2012). O empreendedorismo feminino representa um importante impulso de crescimento

econômico para os países em desenvolvimento, uma vez que tem um papel de liderança na geração de trabalho produtivo, tendo como meta a igualdade de gênero e redução da pobreza (VITA; MARI; POGGESI, 2014).

A mulher empreendedora possui algumas aptidões similares ao empreendedor, embora algumas pesquisas apresentem em seus resultados que a mulher possui mais motivação e atenção com os clientes. Sendo que esses fatores influenciam no sucesso dos negócios liderados por empreendedoras (VALADÃO; RIBEIRO; BRITO, 2016).

Frente aos desafios que cercam a participação da mulher na economia, existe um nítido crescimento nas estatísticas de empreendedorismo no Brasil, mas nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, e ainda com pouca, ou nenhuma orientação de gestão, mas presente e em busca de crescimento (FRANCO, 2014).

Conforme o relatório do GEM (2016) a taxa de empreendedorismo feminino no Brasil já se tornou superior à taxa de empreendedorismo masculino. O país possui uma das taxas de empreendedorismo feminino mais relevante entre os países participantes da pesquisa GEM. O empreendedorismo feminino também está em crescimento, e pode ser visto como um fator de alteração de cultura e comportamento, salientando a necessidade de maior visão para o assunto devido esse avanço.

O visível crescimento da participação da mulher na economia do país vincula-se ao avanço da formação escolar das mulheres, que atualmente, além do fato de não abdicarem do estudo para se dedicar a família, possuem menos filhos, e constituem novos valores referentes a essa estrutura. Essa nova estruturação familiar é independente da inclusão da mulher na sociedade brasileira (GEM, 2016).

No relatório do GEM (2016), ao longo do período de 2002 a 2014, demonstra-se uma evolução em mais de 8% no crescimento de empreendedoras iniciais. Indiretamente, esse dado apresenta o aumento do empreendedorismo feminino, salientando a capacidade da mulher em se tornar dona de seu próprio empreendimento, seus horários e individualidades.

Quanto aos setores pelos quais as mulheres têm maior preferência em abrir seus negócios, segundo investigações do GEM (2016), 18% dos casos, preferem atividades ligadas ao comércio varejista, em 18,4% atividades de alojamento e

alimentação, 17,5% com atividades que abrangem serviços domésticos e 2,7% na indústria de transformação.

A razão do crescimento do empreendedorismo feminino pode estar relacionada com as variáveis mais discutidas nesse contexto do crescimento econômico, tais como a existência de locais adequados para que seus filhos possam estar em segurança enquanto trabalham, a obtenção de uma renda maior ou, por muitas vezes, sendo as únicas mantenedoras de suas famílias. Diante disso, destaca-se a relação dessas variáveis com o tema.

2.2 VARIÁVEIS ECONÔMICAS E SOCIAIS

As variáveis selecionadas para o estudo, em comparabilidade com as mulheres empreendedoras, foram escolhidas por sua influência, de forma econômica ou social, na vida das mulheres e de suas famílias.

2.2.1 Produto Interno Bruto (PIB)

O PIB, também nomeado como crescimento econômico, trata de resultar na soma de toda produção e serviço, de determinada região, em certo período, com a finalidade de medir a atividade econômica desse mesmo local. Para tal, conta-se apenas com a atividade final, sendo retirado do cálculo atividades intermediárias com o objetivo de evitar contagem duplicada (OLIVEIRA; SILVA; MORAES, 2008).

Os ciclos de desenvolvimento econômico, no Brasil, ao longo dos anos, mostraram-se incapazes de incorporar, suficientemente, os contingentes expressivos de força de trabalho em condições dignas de vida, garantindo todos os direitos fundamentais. A força discriminatória, do que se excedeu em força de trabalho, tornou-se um dos elementos mais relevantes no que trata do aumento de desigualdades, ainda que em tempos de crescimento econômico (PINHEIRO et al., 2016).

No período de 2004 a 2010, o Brasil passou por um ciclo de crescimento econômico expressivo, com taxa média de expansão do PIB de 4,5%, de acordo com dados do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES). Nesse mesmo período, iniciou-se um movimento relevante na incorporação de setores de força de trabalho em relações assalariadas, diminuindo as taxas de desemprego e

crescimento da massa salarial. As mulheres conquistaram uma melhoria substancial nos salários e condições de trabalho. Entretanto, em anos anteriores, meados da década de 1990, as taxas de crescimento econômico estavam em baixa, apoiadas em mudanças nas formas de gestão do trabalho, desde os anos de 1970, causando uma generalizada redução dos salários, aumento da pobreza, crescimento das taxas de desemprego, informalização, atividades produtivas sendo terceirizadas, e aumento de trabalhadores em subatividades, de acordo com o relatório da Organização Mundial do Trabalho (OIT) de 2010.

Após quase uma década de grande crescimento econômico, no Brasil, vive-se uma economia decrescente. Resultante de uma crise mundial que se iniciou pela queda das Torres Gêmeas de Nova Iorque (Estados Unidos), em 2001. O Brasil foi atingido apenas a partir do ano de 2008 (OLIVEIRA, 2015). Mantido pela solidez econômica, a partir do final do ano de 2008, o país vem sofrendo aumento do desemprego, desaceleração da economia, ao ponto que a previsão para o ano de 2016, resultou em uma retração de 3,8% no PIB segundo dados do IBGE (2015).

No Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas primárias (BRASILb, 2016) a previsão do crescimento real do PIB, para 2016, ainda mais reduzida em relação ao último trimestre de 2015, passou de -2,94% para -3,05%. A estimativa da variação do Índice de Preços do Consumidor Amplo (IPCA) foi revista de 7,1% para 7,44%.

Trimestralmente são analisados todos os dados pertinentes ao Produto Interno Bruto (PIB), em que ao final dos anos é feita a média do período. Cabe salientar que esse trabalho será conduzido com dados anuais.

Nos dados das Contas Nacionais (BCB, 2016), o resultado do PIB em 2015, confirmou redução intensa na atividade econômica do país, sendo um reflexo do que está incerto na economia brasileira. Em uma projeção, a contínua queda da atividade, em 2016, evidencia-se a necessidade de ajustes econômicos e avanços nas reformas de base, o que tende a construir estruturas mais sólidas para que o crescimento econômico torne a evoluir de forma positiva (BCB, 2016).

A instabilidade no PIB acaba por incitar o estudo sobre o empreendedorismo feminino, pois a partir do momento em que as atividades econômicas desvalorizam, e o empreendedorismo realizado por meio da mulher está em crescimento, salienta-se a importância dessas atividades para sustentar a economia em tempos difíceis (FRANCO, 2014).

2.2.2 Educação Infantil - Creche e Pré-Escola

Ao final dos anos de 1970, as mulheres trabalhadoras de grandes centros, começaram a busca por reparar a necessidade de seus filhos, e encontrando uma forma de coloca-los em creches, que até então eram consideradas, para exercerem suas atividades fora do ambiente do lar. Em consequência disso, surgiram movimentos sociais em prol das creches, como o Movimento de Luta por Creche, alcançando visibilidade e impactando os meios de comunicação, exercendo assim, pressão nos governantes da época (NUNES; CORSINO; DIDONET, 2011).

Lima e Leal (2016) discorrem que, da forma a qual se instituíram escolas de educação infantil, verifica-se que sua base estrutural está emparelhada com a formação do capitalismo, em consequência do desenvolvimento urbano e da busca por recursos financeiros resultantes da força de trabalho, com ênfase à mulher. Essas, necessitavam ter onde deixar os filhos, e as creches foram instituídas como forma de um território privilegiado, a fim de fortalecer o futuro crescimento da força de trabalho feminina (LIMA, LEAL, 2016).

Para Nunes, Corsino e Didonet (2011), suprir as necessidades da primeira infância não consta de um processo simples, pois acaba por envolver áreas complexas, dentre elas a política, setores governamentais e não governamentais, bem como a saúde e nutrição da criança, a educação, assistência social e ainda, proteção do ser incapaz. Para que essas necessidades sejam cumpridas, leva-se em consideração temas ligados à licença parental, o emprego da mulher, oportunidades, aos quesitos sociais e econômicos das famílias, às ações e responsabilidades de diversos setores dos órgãos públicos (NUNES; CORSINO; DIDONET, 2011).

De forma relevante, a imposição realizada por movimentos sociais, preocupou-se em ampliar, organizar e qualificar a atenção voltada para crianças menores de 6 anos. Historicamente, a quantidade de vagas na educação infantil aumenta, na proporção que a mulher se insere no mercado de trabalho, entretanto, ao mesmo tempo, esse aumento é acompanhado pelos movimentos que lutam por uma educação sistemática da maior forma possível (LIMA; LEAL, 2016).

Para Silva (2016), acima da questão em que os homens recebem melhores tratamentos que as mulheres, imposta nos locais de trabalho, as mulheres acabam

por possuir uma problemática a mais no momento em que se tornam mães. O cuidado, a dedicação e o zelo necessário com os filhos, até pelos menos, os primeiros 6 anos de vida, exigem maior maleabilidade em horários para trabalhar, impactando na conduta profissional de forma desproporcional ao que ocorre aos homens. Existe ainda dificuldade de aceitação das mulheres que se tornam mães (SILVA, 2016).

Uma causa a influenciar a demanda de creches e pré-escolas, desde que se iniciou a necessidade, até o momento, está relacionada à mulher inserida no mercado de trabalho. No ano de 2008, quase 45% das pessoas empregadas eram mulheres; desse percentual, 30% sustentavam a casa e aproximadamente, 51% eram consideradas mães solteiras e mantenedoras dos lares (NUNES; CORSINO; DIDONET, 2011).

Diante disso, faz-se considerável a proposição sobre creches e pré-escolas, na medida em que se considerou esse dado, em pesquisas bibliográficas realizadas, um dos índices responsáveis pelo crescimento do empreendedorismo feminino.

2.2.3 Empreendedoras por Oportunidade

O empreendedor possui capacidade de detectar oportunidades e criar negócios próprios, tornando-se o responsável pelos processos de criação e adaptação de empresas, mantendo-se inovador e observando o comportamento do mercado, sendo agente modificador dos meios econômicos e sociais (SANTOS; PINHEIRO; SOUZA, 2015).

Empreendedor por oportunidade é o empreendedor que encontra oportunidade em meio às dificuldades, aquele que possui sonhos e tem por objetivo ser dono do próprio negócio. O empreendedor por oportunidade possui uma preparação anterior ao empreendimento, está sempre atento às informações do mercado em que se insere e prepara-se, financeiramente, antes de decidir deixar de ser empregado, e tornar-se patrão. A taxa de mortalidade de empreendimentos criados por oportunidade é baixa, e os riscos são proporcionais e menores (SILVA, 2016).

Em razão do formato da economia brasileira estar estabelecido em um ordenamento diferenciado, tendo sido levado à diminuição de vagas de trabalho,

parte da população de mulheres visualizou no empreendedorismo uma nova forma de combater o cenário do desemprego (SANTOS; PINHEIRO; SOUZA, 2015).

Empresas lideradas por mulheres possuem uma taxa, de permanência no mercado, maior que grande parte das empresas. Essas empresas tem atuação nas áreas de vestuários, bijuterias, perfumes, estética, entre outras (VALADÃO; RIBEIRO; BRITO, 2016).

Ainda que o empreendedorismo feminino mereça destaques, apenas nos últimos trinta anos, a espiritualidade empreendedora se mantém presente na humanidade, disseminando sua cultura e arraigando na civilização. No contexto da atualidade, em meio a desafios constantes e instabilidade no desenvolvimento das organizações, os indivíduos que identificam novas oportunidades de empreendimentos, classificam-se como inovadores e visionários. Essa visão, juntamente, com o instinto empreendedor feminino faz das empreendedoras líderes eficazes, diferenciadas pela conciliação na forma de gerir e administrar as empresas (MAXIMIANO, 2006).

2.2.4 Empreendedoras por Necessidade

A definição do empreendedor por necessidade consiste naquele ser que não possui opções, tomado pelo desemprego, pela dificuldade financeira e instinto de sobrevivência, encontra no empreendedorismo a única chance de sobressair. Nessas situações, inicialmente, o empreendimento tende a ser informal, com deficiência de estrutura e planejamento, não gerando crescimento financeiro imediato e com a tendência a falir. O empreendedorismo por necessidade é comumente identificado em países em desenvolvimento, como no Brasil (GELAIN; OLIVEIRA, 2014).

O empreendedor por necessidade, em muitas circunstâncias necessita de dinheiro para sua sobrevivência e de sua família, e não encontrando uma maneira de adquirir uma renda que supra as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, adota o empreendedorismo como forma de sustento. Empreender não é a primeira opção para essas pessoas, não são gestores por essência, o que acaba resultando em empreendimentos fechados e, suas taxas de mortalidade acabam sendo as maiores, por não saberem administrar, não possuírem estrutura de funcionamento e se tornarem insustentáveis com o tempo (HASHIMOTO, 2011).

O empreendedor por necessidade não possui alternativa, nem acesso ao mercado de trabalho, por razão de demissão, permitindo envolvimento em negócios sem a formalidade necessária, resumindo-se em atividades simples, prestação de serviços e resultando em pouco, ou nenhum retorno financeiro. As características empreendedoras desse tipo de motivação acabam por não serem inovadoras, podendo o empreendedor por necessidade, abandonar o negócio, na primeira oferta de emprego, ou dissolvendo o empreendimento por não possuir aptidão suficiente (HASHIMOTO, 2011).

A conceituação de empreendedorismo não se distingue entre gêneros, pois características do empreender encontram-se, tanto em homens quanto em mulheres. Sendo motivadas por seus interesses de oportunidade ou impulsionadas por necessidades, as mulheres empreendedoras estão escrevendo uma nova história, do empreendedorismo no mundo. (GELAIN; OLIVEIRA, 2014).

Colocando o empreendedorismo feminino como o foco desse estudo, pode-se observá-lo como uma vertente crescente, ano após ano, de forma a possuir mais características da motivação por necessidade que por oportunidade, quando comparado aos homens. Isso se deve ao fato das mulheres não encontrarem outra forma de geração de renda, de acordo com pesquisas do GEM (CARVALHO, 2017).

Conforme Witzel e Pozo (2013), as mulheres empreendedoras por necessidade buscam a diferenciação de sua atividade, por intermédio da inovação, afirmando que, possivelmente, obtém essa inovação por força de impulso da necessidade.

2.2.5 Nível de Escolaridade

A relação entre escolaridade e atividade empreendedora contribui para a compreensão das características específicas do empreendedorismo nos países selecionados, também no Brasil e em suas regiões. A metodologia adotada pelo relatório do GEM até o ano de 2014 utilizava-se de quatro faixas de escolaridade, com o objetivo de permitir que fossem realizadas comparações entre os países que participaram, considerando que cada país adota classificações e nomenclaturas diferentes. A partir do relatório do GEM de 2016, passou-se a adotar três faixas de escolaridade, pois o número de empreendedores que seguem a vida acadêmica em

níveis de pós-graduação, em mestrados e doutorados, diminuiu de forma relevante, levando ao órgão de pesquisa, excluir a faixa 4.

Para a equivalência, da classificação com a nomenclatura, utilizada no Brasil, realizou-se a adaptação das faixas conforme Quadro 1, conjuntamente com a descrição de cada uma.

Quadro 1 – Faixas de Escolaridade parametrizadas conforme alterações do GEM.

Escolaridade Faixa 1	nenhuma educação formal e primeiro grau incompleto
Escolaridade Faixa 2	primeiro grau completo até segundo grau incompleto
Escolaridade Faixa 3	segundo grau completo até graduação completo e incompleto, especialização completa e incompleta.
Escolaridade Faixa 4	mestrado completo e incompleto até doutorado completo e incompleto

Fonte: (GEM, 2015).

No Brasil observa-se que quem possui até o primeiro grau incompleto (faixa 1) são os mais ativos em termos de empreendedorismo inicial; e as pessoas que possuem entre o primeiro grau completo e o nível superior incompleto (faixa 2) e, entre o superior completo até pós-graduação (faixa 3) são igualmente ativos. Verifica-se na comparação com os países selecionados que na China, Estados Unidos e México há maior atividade empreendedora inicial de indivíduos que pertencem aos níveis superiores de escolaridade. Exemplo disso é a alta atividade em termos de empreendedorismo inicial de indivíduos que possuem doutorado (faixa 4) nesses países, corresponde a 14,3% dos doutores na China, 16,4% nos Estados Unidos, e 27,5% no México (GEM, 2016).

A maior porção das mulheres empreendedoras encontra-se no ensino médio, porém, esse dado não as impede de se tornarem empreendedoras. O acesso à informação e conhecimento se faz mais acessível às mulheres do que aos homens. A busca pelo saber tem as feito crescer e possibilitam novas oportunidades para seus negócios (VALADÃO; RIBEIRO; BRITO, 2016 apud SEBRAE, 2013).

As mulheres ganham destaque na escolaridade e redução do número de analfabetas. Segundo o IBGE, adolescentes homens e mulheres, a partir de 15 anos de idade, apresentavam taxas de analfabetismo semelhantes, mas a maior porcentagem era dos homens, com 9,8%, frente aos 9,1% entre as mulheres (BRASILa, 2015).

Em 2010, o número de mulheres entre os universitários de 18 a 24 anos de idade, representava 57,1% do total de estudantes frequentando o ensino superior nessa faixa etária. Todavia, a população da área rural apresentava índices inferiores de alfabetização que a da área urbana. Além disso, as mulheres tinham em geral a maior taxa de alfabetização entre a população mais jovem. A partir dos 50 anos ou mais, os homens estavam em melhor situação, refletindo o menor acesso que as mulheres brasileiras tinham à educação algumas décadas atrás (BRASILd, 2015).

2.3 EVOLUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO FEMININO

Buscou-se, por meio de variáveis que medem o desempenho da mulher empreendedora, relacioná-las com as variáveis econômicas e sociais. Essas variáveis explicitam valores que compõem a base de dados, tais como o crescimento da renda média das famílias, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, tanto como empregada como empreendedora; e a quantidade de mulheres empregadas com o passar dos anos.

2.3.1 Renda Média per capita Familiar

O Brasil vem passando por mudanças importantes nos últimos anos, sendo uma delas a queda contínua da concentração de renda. As medidas de desigualdade de renda familiar per capita confirmam que o percurso dessa queda, iniciada nos anos de 1990, tomando uma intensidade acentuada a partir de 2001, permanecendo durante os anos que se seguiram, até 2005. Um dos principais resultados desse processo resultou na desigualdade alcançar o nível mais baixo das últimas três décadas. Entretanto, mesmo com os avanços, a concentração de renda brasileira continua extremamente alta, fazendo com que o Brasil se encontre entre os países com mais elevados níveis de desigualdade (BARROS; FOGUEL; ULYSSEA, 2007; IPEA, 2012).

A renda média per capita familiar se conceitua por meio da eliminação da desigualdade estrutural, dentro de membros de mesma família. Embora esse conceito tente suavizar as características individuais, no que tange ao ambiente familiar per capita, algumas dessas características apresentam mudanças relevantes (IPEA, 2016). Os grupos, que geralmente são considerados excluídos, acabaram por ter a renda que mais se destaca no período dos últimos 15 anos (IPEA, 2016).

Estudos sobre desigualdade de gênero no mercado de trabalho salientam-se em questões sobre a diferente remuneração entre homens e mulheres. O indicador de rendimento pode ser considerado como uma versão resumida das formas e condições de inclusão de trabalhadores e trabalhadoras em certa área, em que se determina o setor que ocupam, o tipo de atividade desempenhada, o mínimo de escolaridade exigida, jornada de trabalho, entre outros fatores (BRASILc, 2014).

Existem estudos acadêmicos e relatórios públicos, como o Relatório Socioeconômico da Mulher (BRASILc, 2014; BRASILd, 2015), que buscam salientar o quanto a desigualdade salarial não é explicada por algum fator explícito, como idade, escolaridade, cargo ou religião. Dessa forma, além das desigualdades existentes ao longo do tempo, o mercado de trabalho também produz suas próprias desigualdades atuais (IPEA; MTPS, 2016).

A irregular distribuição de renda, no país, no período de 2001 a 2005, esteve em queda, fazendo com que no ano de 2005, se tenha alcançado o menor nível de desigualdade de renda das três décadas anteriores. A desconcentração da renda resultou em alterações nos níveis de pobreza e extrema pobreza no Brasil. Nesse momento, em que o país possui de um crescimento econômico lento, a extrema pobreza reduziu a uma taxa seis vezes mais acelerada que a taxa delimitada pela primeira meta de desenvolvimento do milênio (IPEA, 2016).

2.3.1.1 Taxa Renda Média per capita Familiar

A renda média per capita familiar sofreu transformação para taxa (%), com a finalidade de analisar não apenas os valores de renda que aumentaram no decorrer do período em análise, mas sua variação. Essa transformação realizou-se dividindo o valor do ano em análise pelo valor do ano anterior, subtraindo-se de 1, para que fosse possível observar a evolução ou crescimento da renda média per capita, em percentual (CONTIJO, 2013).

O Brasil provou nos últimos dez anos, um crescimento da renda originada no trabalho formal. Entre os anos de 2004 a 2014 a renda média da população empregada obteve aumento gradual, alcançando valor pouco acima de mil reais em 2004, e R\$ 1.595,00 em 2014. Esse aumento, para as mulheres, foi de 61%, quase 20% a mais que para os homens, em que seu percentual girou em torno de 44% (IPEA, 2016).

2.3.2 Mulheres Empregadas

A inclusão das mulheres no mercado de trabalho torna-se uma temática de extremo interesse nos aspectos que tratam das condições desiguais de gênero em nossa sociedade. As últimas décadas tiveram destaque em inúmeras discussões sobre a condição de trabalho destinado à mulher, possibilitando a caracterização detalhada das várias formas em que elas participam nesse espaço, tanto do ponto de vista de informações quantitativas, como de análises qualitativas que procuraram medir a razão da inclusão das mulheres em diferentes grupos sociais (BRASILc, 2014).

Por mais que existam mudanças, ainda se tem muito a tratar sobre diferenças em relação às mulheres. Principalmente as discriminações das mulheres com elas mesmas, pois, ainda que exista um denominador comum que defina suas piores condições de trabalho, em relação aos homens, permanecem contribuições do ser feminino em questões de raça, tornando possível a dissociação de um sujeito universal, esclarecendo que, muito mais do que algo que une a classe feminina, existe o que as divide e as classifica, tornando visível essas problemáticas (BRASILb, 2016).

A partir da década de 1970, as mulheres adentraram no mercado de trabalho, passaram a dar importância à sua formação profissional, ocupando as mais variadas funções e cargos, e procurando adiar cada vez mais a maternidade para poderem investir em suas carreiras profissionais (BOTELHO et al. 2009; OLIVEIRA; SOUZA NETO, 2010).

Os dados dos Censos Demográficos indicam que na década de 1970, somente 18,5% das mulheres eram economicamente ativas. No Censo de 2010, esse valor alcançou 50% de mulheres ativas. Esses dados induzem a algumas observações, como os primeiros dados oficiais, sobre mulheres no mercado de

trabalho, datam de 1872, o qual representavam uma parcela de 45,5% da força de trabalho. Nessa época, elas se concentravam nas áreas agrícolas, serviços domésticos ou costuras. Em 1920, o número de mulheres economicamente ativas feminina reduziu abruptamente, pelo fato que nessa época, no primeiro recenseamento, a grande parte da produção se centralizava nos limites domésticos (IPEA, 2016).

A autonomia econômica das mulheres tem como premissa a melhora de condições para a inclusão no mercado de trabalho, seus rendimentos, distribuição equilibrada de afazeres domésticos e atividades de cuidado. As variáveis abordadas no RASEAM 2014, publicados em 2015, mostram a permanência de adversidades no alcance da autonomia econômica plena, das mulheres brasileiras. Em 2012, a taxa de atividade das mulheres de 16 a 59 anos era de 64,2%, bastante inferior a dos homens (86,2%), uma diferença de 22% menor (BRASILd, 2015).

A crise econômica instalada no Brasil, iniciada em 2008, nos últimos anos, reduziu o desemprego, até o ano de 2014, estimulando a permanência das desigualdades por gênero, por região e por idade da taxa de desocupação. Essa taxa de desocupação, entre as mulheres, era quase 80% superior à masculina, consequência das permanentes disparidades regionais e grupos de idade, sendo a população mais vulnerável aos jovens entre 16 e 24 anos (BRASILc, 2014).

O incentivo à inserção das mulheres no mercado do trabalho, visa garantir seus direitos, a equidade salarial e o surgimento de oportunidades, a igualdade de tratamento entre homens e mulheres formam a busca pela melhora do desenvolvimento econômico, para a conquista do equilíbrio entre homens e mulheres em todas as esferas da vida (IPEA; MTPS, 2016).

A divisão de gênero do trabalho causa uma sobrecarga nas mulheres em relação aos afazeres domésticos e de cuidados, dificultando sua inclusão e permanência no trabalho, e, ascensão profissional. Tendo em vista essas razões, a disponibilidade de vagas em creches se torna um importante indicador de autonomia econômica feminina (BRASILd, 2015).

A problemática do acesso à creches, torna-se indispensável, pois mulheres com filhos pequenos devem poder exercer trabalho assalariado. Mulheres com todos os filhos de 0 a 3 anos em idade de creche classificaram-se 72,9% como ocupadas, em contraste com 42,6% das mulheres, sem nenhum filho em idade de creche, possuíam ocupação (BRASILd, 2015).

O trabalho da mulher doméstica remunerada tem passado por recentes e importantes transformações legais. Do ponto de vista jurídico, a Emenda Constitucional nº 72/2013, visa diminuir a desigualdade estrutural imposta ao ramo doméstico. Tencionando-se o avanço institucional, a Instrução Normativa nº 110 do Ministério do Trabalho e Emprego, de 6 de agosto de 2014, dispõe sobre os procedimentos de fiscalização no cumprimento das normas relativas à proteção ao trabalho doméstico. Entretanto, mesmo que esta atividade doméstica continue sendo uma das principais ocupações entre as mulheres, existe uma tendência à redução da quantidade de mulheres empregadas nesse ramo, em que apenas entre os anos de 2011 e 2012, a quantidade de mulheres domésticas diminuiu de 15,5% para 14,7% (IPEA; MTPS, 2016).

No ano de 2012, quase 3 milhões e 900 mil mulheres acima de 16 anos estavam ocupadas em atividades agrícolas, o que corresponde a 9,8% das mulheres empregadas. No entanto, no setor agrícola, mais de dois terços dessas mulheres (72,6%) tinham dedicação voltada ao trabalho para consumo ou atividades sem remuneração. Somente 6% eram empregadas com carteira assinada e o mesmo número trabalhava de maneira informal; 15% se declararam trabalhadoras por conta própria; e, menos de 1% se declarou ser empregadora (BRASILd, 2015).

A desigualdade de acesso ao trabalho remunerado reflete, entre outros indicadores, o tipo de cobertura previdenciária a que as mulheres rurais têm acesso. Dessa forma, em 2012, apenas 7% dos beneficiários de aposentadoria por tempo de contribuição, no meio rural, eram mulheres. Por outro lado, há um maior número de mulheres rurais aposentadas por idade (BRASILd, 2015).

Silva (2016) relata que a mulher empregada possui benefícios quando adere à maternidade, mesmo na condição de filhos adotivos, conforme o ordenamento jurídico trabalhista. Primeiramente, a Licença Maternidade em que recebe-se uma licença de trabalho por 120 dias, sem prejuízo do emprego ou salário. Em situação de aborto, a mulher tem direito a duas semanas de licença e salário-maternidade proporcional; Em seguida à licença maternidade, após o parto, passa-se a receber o Salário-maternidade, o qual é pago a todas as mulheres contribuintes da Previdência Social, em função do nascimento da criança. Esse salário tem duração igual à licença. E por fim, a mulher empregada recebe a garantia de emprego, ou seja, uma estabilidade por até cinco meses após o nascimento, ressalva em demissões por justa causa ou contrato por tempo determinado (SILVA, 2016).

O programa “Empresa cidadã”, que obteve sua criação no ano de 2008, passou a possibilitar o empregador a prorrogar a licença maternidade em mais 60 dias, aumentando de 120 para 180 dias de licença. Porém, não é prerrogativa do empregador, e sim, decisão facultada à empresa (SILVA, 2016)

2.4 TÉCNICAS ESTATÍSTICAS APLICADAS

A aplicação de técnicas estatísticas em dados quantitativos, tem por finalidade ratificar, numericamente, a veracidade das pesquisas científicas. Para tal, esse trabalho tem por base técnicas de estatística descritiva, teste de normalidade, análise de correlação e teste de significância, como definido para o banco de dados formado.

2.4.1 Estatística Descritiva

Conforme Moraes, Jacobi e Zanini (2013) a estatística descritiva tem por objeto a descrição de dados dispostos de maneira mais completa possível, de forma que, exista o cuidado em gerar conclusões sobre um conjunto de dados amplo, ou população.

Para a estatística descritiva, quanto mais fácil for a transmissão de informações sobre uma determinada população em estudo, a quem estiver recebendo, mais eficiente será considerado esse meio de transmissão (ARANGO, 2005).

Quadro 2 – Classificação das Medidas Descritivas

Medidas Descritivas	Posição	Tendência Central
		Separatrizes
	Dispersão	Absoluta
		Relativa
	Momentos, Assimetria e Curtose	-

Fonte: (MORAES; JACOBI; ZANINI, 2013).

Nesse estudo serão utilizadas as medidas de posição de tendência central:

a) média aritmética simples – calcula-se pela soma de todas as observações dividida pelo total delas (BUSSAB; MORETTIN, 2013). A média possui identificação por \bar{x} e obtida por meio da equação:

$$\bar{X} = \frac{\sum_{i=1}^n x_i}{n} \quad (1)$$

b) mediana - Para Bussab e Morettin (2013), a mediana é a observação, do banco de dados, que ocupa posição central na série, no momento em que estão ordenadas em ordem crescente. Identifica-se como P_{Md} e calcula-se da seguinte forma (MORAES; JACOBI; ZANINI, 2013):

- Para um banco de dados em que o número de observações é par:

$$P_{Md} = \frac{n}{2} \quad (2)$$

- Para um banco de dados em que o número de observações é ímpar:

$$P_{Md} = \frac{(n+1)}{2} \quad (3)$$

As medidas de dispersão absoluta e relativa são informações de variabilidade contidas no conjunto de observações. Essas medidas são calculadas em relação a média dessas observações (BUSSAB; MORETTIN, 2013).

a) variância – usa-se os símbolos de σ^2 para população e S^2 para amostra:

$$S^2 = \frac{\sum_{i=1}^n (X_i - \bar{X})^2}{n-1} \quad (4)$$

Em que $n - 1$ é definido como grau de liberdade da estimativa.

b) desvio-padrão – simbologia de σ para população e S para amostra, calcula-se:

$$s = \sqrt{s^2} \quad (5)$$

c) coeficiente de variação - identificado como CV ou CV%, é utilizado quando se deseja comparar dados que possuam unidades de medição diferentes

$$CV = \frac{S}{\bar{X}} \quad \text{ou} \quad CV = \frac{S}{\bar{X}} \cdot 100 \quad (6)$$

Em observação a sequencia do estudo proposto, após as análises das estatísticas descritivas, será observada a técnica de análise de correlação.

2.4.2 Análise de Correlação

A correlação é uma técnica que tem como objetivo principal medir se a força ou o grau de associação linear entre duas variáveis estão estreitamente relacionadas. O coeficiente de correlação mede a força de associação entre as variáveis (GUJARATI e PORTER, 2011).

2.4.2.1 Diagrama de Dispersão

O diagrama de dispersão compõe-se de um gráfico que indica relação entre duas variáveis, conforme a distribuição dos dados, em um plano cartesiano (GUJARATI; PORTER, 2011).

2.4.2.2 Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk (SW)

Arango (2005) considera que o teste de Shapiro-Wilk pode ser utilizado em amostras de até 2000 observações, pois esse teste trabalha com parâmetros da distribuição normal estimados a partir dos dados da amostra. Calcula-se uma variável estatística (W) que observa se a amostra aleatória vem de uma distribuição normal.

$$W = \frac{(\sum_{i=1}^n a_i x_i)^2}{\sum_{i=1}^n (x_i - \bar{x})^2} \quad (7)$$

Em que x_i - os valores ordenados de amostras, a_i - constantes geradas a partir de meio, variâncias e covariâncias da ordem estatística de uma amostra de tamanho n e uma distribuição normal. Arango (2005) trata X como uma característica em estudo, e suas hipóteses são:

H_0 : X tem distribuição Normal, o qual W tabelado, adotando $\alpha = 0,05$, é maior que W calculado;

H_1 : X não tem distribuição Normal, em que W tabelado é menor que W calculado.

Em caso do teste de SW apresentar resultado em que a distribuição da amostra é normal, utiliza-se o coeficiente de correlação de Pearson. Caso contrário, em que a distribuição da amostra não for normal, deve-se utilizar o coeficiente de correlação de Spearman, tais que seguem os coeficientes (GUJARATI e PORTER, 2011).

2.4.2.2 Coeficiente de Correlação de Pearson

A relação entre duas variáveis será linear quando o valor de uma das variáveis pode ser obtido aproximadamente por meio de uma equação de reta. Dessa forma, a correlação (r) irá determinar se existe relação linear entre X e Y , ou seja, indica o grau em que uma variação de uma variável X está relacionada com a variação de outra variável Y (MALHOTRA, 2011).

O coeficiente linear de Pearson varia entre -1 e 1, ou seja, $-1 \leq r \leq 1$, em que quanto mais próximo de 1, a correlação é direta, ou seja, ambas as variáveis

direcionam-se no mesmo sentido, e quanto mais próximo de -1 ocorre a correlação é inversa, quando uma variável cresce, a outra decresce (GUJARATI; PORTER, 2011). Portanto, o coeficiente (r) mede a intensidade e a direção da relação linear entre duas variáveis quantitativas.

Esse coeficiente é dado pela seguinte equação:

$$\rho = \frac{n \sum XY - (\sum X) \cdot (\sum y)}{\sqrt{[n \sum X^2 - (\sum X)^2][n \sum Y^2 - (\sum Y)^2]}} \quad (8)$$

Em que: ρ representa o coeficiente de correlação de Pearson; n é o número de elementos da amostra; \sum o somatório das variáveis indicadas na forma descrita;

Gujarati e Porter (2011) atentam que para testar a significância da correlação estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

$H_0: \rho = 0$, ou seja, a hipótese pode ser nula ou igual a zero significa que não há uma correlação entre as variáveis x e y .

$H_1: \rho \neq 0$, isto é, a hipótese pode ser diferente de zero ou alternativa significa que há uma correlação entre as variáveis x e y .

2.4.2.3 Coeficiente de Correlação de Spearman

Siegel (1979) considera todas as estatísticas baseadas em postos, o coeficiente de correlação de Spearman foi o primeiro a surgir e por conseguinte, o mais conhecido.

O coeficiente de correlação de Spearman, denominado pela letra r_s , é uma medida de correlação não-paramétrica, em que os dados não seguem a normalidade. Definido como uma medida de associação, exigindo que todas as variáveis sejam apresentadas em escala ordinal, de forma que as observações em estudo estejam dispostas em postos e séries ordenadas (SIEGEL, 1979).

No cálculo do valor de r_s os escores brutos da variável x devem ser ordenados e, em seguida, substituídos pelo valor correspondente à sua posição (posto) no conjunto de dados. Em um segundo momento, essa operação é feita com

a variável y , ou seja, efetua-se o cálculo mediante aplicação das mesmas operações matemáticas descritas em relação à correlação de Pearson. Assim, a correlação de Spearman é uma correlação entre os postos das variáveis x e y .

$$\rho_s = 1 - \frac{6 \sum_{i=0}^n d_i^2}{n^3 - n} \quad (9)$$

Em que $d_i = x_i - y_i$. Quando os valores de x e y forem iguais, o coeficiente de correlação de Spearman será igual a 1 (SIEGEL, 1979).

Nessa pesquisa, procurou-se estudar a correlação por meio de uma matriz de correlação, com o intuito de observar a significância da variável de mulheres empreendedoras, correlacionada às demais variáveis em estudo.

2.4.2.4 Teste t de Student para o Coeficiente de Correlação

Quando se obtém uma amostra de uma quantidade n , de duas variáveis, x e y , e após calcula-se o coeficiente de correlação r , desejando se obter a significância da correlação, utiliza-se o teste t de Student. Adotando a prerrogativa das seguintes hipóteses (PESTANA; GAGEIRO, 2014):

$H_0: \rho = 0$ - Não existe correlação significativa entre as variáveis em análise;

$H_1: \rho \neq 0$ ($t_0 > t_{gl}$ ou $t_0 < -t_{gl}$) - Existe correlação significativa entre as variáveis em análise.

A fórmula utilizada para o cálculo da significância do teste t para esse caso é:

$$t_0 = \sqrt{\frac{n-2}{n-r^2}} \quad (10)$$

Primeiramente, deve-se escolher o valor crítico a ser utilizado ($\alpha = 0,05$), assim como definir os graus de liberdade (gl) na tabela da distribuição t. Em que $gl = n - 2$.

Pestana e Gageiro (2014) discutem que no momento em que assume-se a hipótese nula, constata-se que o p-valor do teste resultou ser maior que 0,05 (valor crítico). Caso o resultado do teste seja acima do valor crítico, assume-se que não existem evidências suficientes para aceitar a hipótese nula.

Para fins dessa pesquisa, o teste t de *student* foi apresentado juntamente com o coeficiente de correlação, selecionado de acordo com o resultado do teste de normalidade de SW. Ao apresentar a evolução das variáveis desse trabalho, qualificou-se a base teórica com o intuito de justificar sua utilização, como indicadores capazes de explicar o crescimento do empreendedorismo feminino.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento do trabalho deu-se por meio de pesquisa empírica, ou seja, utilizando coleta de dados de forma secundária. A coleta de dados secundária realizou-se com o auxílio de órgãos públicos, pesquisas e relatórios divulgados de forma aberta. Neste capítulo apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados para estruturar a pesquisa. Inicialmente, utilizou-se a revisão sistemática de artigos que compõem a base da discussão dos resultados, bem como, a conclusão do trabalho. Após, destaca-se a maneira como se realizou a coleta de dados, a metodologia utilizada pelos relatórios públicos e as dificuldades encontradas, em meio às mudanças dessas metodologias. O trabalho iniciou-se com a construção dos bancos de dados de cada variável individualmente. E, a delimitação dessas variáveis foi apresentada no desenvolvimento da pesquisa.

3.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática tem por definição uma revisão planejada, objetivada em responder o problema de pesquisa, utilizando métodos específicos para encontrar, efetuar uma seleção e avaliação desses estudos, de forma crítica para utilizá-los como base teórica do trabalho em questão (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Galvão e Pereira (2014) tratam a revisão sistemática de forma que seja de ampla abrangência, e não tendenciosa, da mesma maneira que apresentam melhor qualidade em sua construção, consideradas um nível elevado de evidência para uma possível tomada de decisão.

Trabalhos que utilizam revisão sistemática são categorizados como inovadores, pelo resultado do uso de bibliografias sobre determinada temática, possuem rigidez metodológica (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011 apud ROTHER, 2007). Essas revisões diferem de revisão narrativa ou tradicional, as quais trazem visões gerais sobre o tema em questão (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Em meio a estudos, alega-se que esse método de revisão compatibiliza-se com estudos múltiplos, sendo possível a incorporação de resultados de pesquisas que possuem, em sua comprovação, dados e resultados estatísticos (WHITEMORE; KNALF, 2005).

Nesse trabalho buscou-se pesquisar artigos específicos sobre empreendedorismo feminino, a fim de sustentar as discussões e embasar os resultados, no Quadro 3.

Quadro 3 – Revisão Sistemática de artigos para discussão do estudo

(continua)

Autores	Título do Trabalho	Tipo de Análise	Variáveis Analisadas
CAVALCANTI, 2007	O Ensino do Empreendedorismo no Brasil na Universidade Pública e o Apoio à Mulher Empreendedora: Algumas Reflexões Críticas	Teórica; Tabelas e gráficos.	Empreendedorismo; Falhas e Desafios; Oportunidades e Obstáculos; Dados do GEM; Cursos de Empreendedorismo; Estrutura e Eficiência dos Cursos.
CAVAZOTTE; OLIVEIRA; MIRANDA, 2010.	Desigualdade de gênero no trabalho: reflexos nas atitudes das mulheres e em sua intenção de deixar a empresa	Teórica e Prática; Análise de Regressão em variáveis qualitativas	Desigualdade de gênero; Satisfação no trabalho; Identificação com o trabalho; Intenção de deixar a empresa.
CRAMER et al., 2012.	Representações Femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das Mulheres no mundo dos negócios	Teórica; Discussão social.	Empreendedorismo Feminino; Representação Social; Gênero.
FREIRE et al., 2012.	Empreendedorismo feminino no Brasil: perspectivas	Teórica; Análise relatórios GEM;	Gênero; Relações de trabalho; Empreendedorismo.
WITCEL; POZZO, 2013	Empreendedorismo feminino: uma análise documental do perfil brasileiro	Teórica; Análise relatórios do GEM;	Empreendedorismo Feminino; Novos Negócios; Tipos de Negócio.

Quadro 3 – Revisão Sistemática de artigos para discussão do estudo.

(continuação)

Autores	Título do Trabalho	Tipo de Análise	Variáveis Analisadas
STAVROPOULOU; PROTOPAPA, 2013	A strengths-based approach to mentoring entrepreneurs: how to free the strengths within them	Teórica; Técnicas de administração;	Empreendedoras; Visão como Mentoras; Talentos Naturais.
SANCHES et al. 2013.	Empreendedorismo Feminino: Um Estudo sobre sua representatividade no Município de Toledo - Paraná	Análise percentual e teórica.	Quantidade, ramo de atividade e tempo de existência de empresas pertencentes a mulheres, em Toledo - Paraná.
VITA; MARI; POGESI, 2014.	Women entrepreneurs in and from developing countries: Evidences from the literature	Teórica; Evidências de Literatura.	Empreendedorismo Feminino; Mensuração de artigos publicados em todos os continentes do mundo.
GOMES et al., 2014	Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa	Teórica; Análise de Pesquisas sobre Empreendedorismo Feminino	Empreendedorismo Feminino; Produção Acadêmica;
BARRETO; NASSIF, 2014.	O Empreendedor Líder e a Disseminação da Orientação Empreendedora	Teórica; Aplicação de Questionários.	Empreendedorismo Feminino; Comportamento Empreendedor; Liderança, Inovação, Riscos; Proatividade.
WELSH et al., 2014.	Saudi women entrepreneurs: A growing economic segment	Análise de correlação em variáveis qualitativas.	Mulheres e Oportunidades; Empreendedorismo; Quadro conceitual de variáveis que influenciam na economia da Arábia Saudita.
ALPERSTEDT; FERREIRA; SERFIM, 2014.	Empreendedorismo Feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida	Estudo de Caso	Empreendedorismo Feminino; Dificuldades;

Quadro 3 – Revisão Sistemática de artigos para discussão do estudo.

(continuação)

Autores	Título do Trabalho	Tipo de Análise	Variáveis Analisadas
AHL; NELSON, 2015.	How policy positions women entrepreneurs: A comparative analysis of state discourse in Sweden and the United States	Teórica; Bibliográfica.	Posição política das mulheres empreendedoras; Evolução histórica entre Estados Unidos e Suécia.
KARINJE; GIRI; VERMA, 2015.	Role of Women in Entrepreneurship and Economics Development	Teórica; Análise percentual.	Empreendedorismo Feminino; Contribuição; Funções da Mulher Empreendedora.
MORSHED; HAQUE, 2015.	Impact of Women Entrepreneurship on Women Empowerment in Bangladesh	Teórica; Análise percentual.	Empreendedorismo Feminino; Empoderamento Feminino; Cargos de Liderança.
PÉREZ-PÉREZ; AVILÉS-HERNÁNDEZ, 2016.	Explanatory factors of female entrepreneurship and limiting elements	Teórica; Análise Qualitativa.	Empreendedorismo Feminino; Limitações da mulher; Iniciativa Empresarial;
RAO, 2016.	A Study on Empowerment of Rural Women Through Entrepreneurial Activities	Estudo de caso; Variáveis Qualitativas; Descritiva; Entrevistas e Questionários.	Atividades Empreendedoras da mulher Rural da Índia, em Andhra Pradesh; Condições Econômicas; Empoderamento;
REDDY, 2016.	Empowering Women – Fostering Women Entrepreneurship	Teórica; Análise de variáveis Qualitativas.	Empreendedorismo na Índia; Empreendedorismo Feminino; Encorajamento da Mulher Empreendedora;

Quadro 3 – Revisão Sistemática de artigos para discussão do estudo.

(conclusão)

Autores	Título do Trabalho	Tipo de Análise	Variáveis Analisadas
SENTHILVASAN; DEEPA, 2016.	A Study on Socio Economic Conditions of Women Employees in Unorganized Sector with special reference to Coir Making Industries at Pollachi	Estudo de caso; Variáveis Qualitativas; Questionários; Teste Qui-Quadrado; Análise de Variância - ANOVA.	Condições Sócio-Econômicas; Mulher Empregada.
KRISHNAMURTHY; SIRARAMAKRISHNAN, 2016.	Development of action plan based on the study of some factors that influence Women Entrepreneurs to start Akshaya Centres in Kerala	Estudo de caso; Questionários; Teste Qui-Quadrado; Análise de Variância - ANOVA.	Fatores que influenciam no início do Empreendedorismo Feminino; Ambição, Dinheiro, Família.
PATHAK; VARSHNEY, 2017	Challenges faced by women entrepreneurs in rural India: The case of Avika	Estudo de caso; Questionários; Análise teórica.	Desafios; Sociedade de Castas; Política e Religião; Mulher Empreendedora Rural; Família.

Fonte: (Autora, 2016).

O Quadro 3 é composto de trabalhos científicos envolvidos na temática apresentada nesse estudo, o empreendedorismo feminino, configurando a fundamentação da revisão teórica, com a finalidade de embasar a discussão.

3.2 COLETA DE DADOS

A pesquisa consiste em analisar o comportamento de variáveis, econômicas e sociais, que tenham a premissa de serem influenciadas pelo crescimento do

empreendedorismo feminino. Nesse intuito, buscou-se identificar variáveis relacionadas à mulher no mercado de trabalho, como número de mulheres empregadas formalmente, juntamente com as motivações que levam o empreendedorismo a se desenvolver, seja por oportunidade ou por necessidade, o crescimento econômico por meio do PIB. Tal como, o número de crianças matriculadas em creches e pré-escolas, buscando identificar se houve, ou não, crescimento nesses números, se estão correlacionados com as mulheres empreendedoras, e de forma complementar, com mulheres empregadas. O período de análise corresponde aos anos de 2002 até 2015, considerando as fontes de acesso a esses dados, tais como o Relatório anual do GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), sites oficiais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Ministério da Educação (MEC), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Relatório PNAD (Programa Nacional de Amostra de Domicílios), e o Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS).

Os dados das variáveis de empreendedoras iniciais, empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade, foram obtidos mediante o relatório do GEM, dos anos de 2002 a 2015.

As variáveis de nível de escolaridade, em todas as faixas de estudo, faixa 1 até faixa 4, foram adaptadas ao longo do período dos relatórios. Ocorre que inicialmente, nos relatórios de 2000 até 2004, o GEM possuía uma metodologia com maior amplitude, pois constavam nas pesquisas valores percentuais por anos de estudo e por nível de escolaridade. Em 2005 e 2006, os relatórios constavam apenas os anos de estudo. A partir de 2007, essa metodologia passou a ser por anos de estudo, divididos em níveis: sem educação formal, de 1 a 4 anos, 5 a 11 anos e mais de 11 anos de estudo. Em 2010, o método sobre a escolaridade se diferenciou novamente, em que se observou a inclusão de uma planilha contendo o percentual de pessoas pelo grau de escolaridade: alguma educação secundária, secundário completo, pós-secundário e pós-graduação. No ano de 2011, esse percentual por grau de escolaridade se subdividiu em oito categorias: nenhuma educação formal, primeiro grau incompleto, primeiro grau completo, segundo grau incompleto, segundo grau completo, curso superior completo, curso superior incompleto e pós-graduação. A partir de 2012, pode-se observar uma evolução na forma de apresentação da escolaridade, a qual contém os mesmos 8 níveis e a

inclusão das faixas, cujas utilizadas nesse estudo. As faixas do nível de escolaridade se mantiveram apresentadas em quatro até o ano de 2014. Em 2015, houve mais adaptação, que apresentou um retrocesso no nível de estudo dos empreendedores, que de quatro faixas, a quarta foi absorvida pela terceira, pois a quantidade de empreendedores com nível de pós-graduação diminuiu de forma relevante.

Ao que tange à variável de Renda Média per capita familiar, obteve-se os dados pelo site do IPEADATA, dentro do período anual dessa pesquisa. Da mesma maneira que a variável PIB, em valores anuais e sua variação percentual conforme o período requisitado.

A variável da Taxa de Renda Média per capita familiar foi encontrada por meio de cálculo de variação, entre um ano e o ano seguinte, de tal forma que dividindo a renda do ano em análise pela renda do ano anterior, subtraindo-se de 1, ou seja, 100%, obtém-se o percentual considerado como a variação da renda de um ano em relação ao ano seguinte.

Variáveis como matrículas de crianças em creches e pré-escolas, e mulheres empregadas, foram encontradas em relatórios anuais publicados no site do IBGE, por intermédio da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), no mesmo período. E, em parte, obteve-se dados retirados da RAIS.

Após as variáveis terem sido encontradas, que poderiam corresponder às expectativas desse estudo, procurou-se desenvolver, mediante o uso dos softwares *Microsoft Excel 2010* e *Statistica 10*, o tratamento dos dados, e a aplicação da técnica estudada da Análise de Correlação.

As variáveis selecionadas para o estudo são descritas conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Variáveis selecionadas para a pesquisa.

(continua)

Variável	Unidade de medição	Representatividade	Cálculo
Mulheres Empreendedoras	percentual	percentual da quantidade de mulheres que se tornaram e permanecem empreendedoras iniciais (empresas com até 3 anos de vida)	número de mulheres empreendedoras iniciais dividido pelo total de empreendedores no Brasil

Quadro 4 – Variáveis selecionadas para a pesquisa.

(continuação)

Variável	Unidade de medição	Representatividade	Cálculo
PIB	percentual	soma de tudo que é produzido de produtos e serviços no Brasil	produtos + serviços = PIB
Matrículas na Escolaridade Infantil	número	total de matrículas de crianças em idade de creches e pré-escolas	número total de matrículas
Empreendedoras por Oportunidade	percentual	proporção de mulheres empreendedoras por motivo de oportunidade: conheciam o negócio, fonte alternativa.	número de mulheres empreendedoras por oportunidade dividido pelo número de empreendedoras iniciais
Empreendedoras por Necessidade	percentual	proporção de mulheres empreendedoras por falta de opção, questão de necessidade: família, dinheiro.	número de mulheres empreendedoras por necessidade dividido pelo número de empreendedoras iniciais
Nível de Escolaridade Faixa 1	percentual	nenhuma educação formal e primeiro grau incompleto	número de pessoas pertencentes a faixa 1 dividida pelo total de empreendedores
Nível de Escolaridade Faixa 2	percentual	primeiro grau completo até segundo grau incompleto	número de pessoas pertencentes a faixa 2 dividida pelo total de empreendedores
Nível de Escolaridade Faixa 3	percentual	segundo grau completo até graduação completo e incompleto, especialização completa e incompleta.	número de pessoas pertencentes a faixa 3 dividida pelo total de empreendedores
Nível de Escolaridade Faixa 4	percentual	mestrado completo e incompleto até doutorado completo e incompleto	número de pessoas pertencentes a faixa 4 dividida pelo total de empreendedores
Renda Média per capita Familiar	valor em reais	renda média por pessoa de uma família no Brasil	média aritmética entre os salários de pessoas de uma mesma família

Quadro 4 – Variáveis selecionadas para a pesquisa.

(conclusão)

Variável	Unidade de medição	Representatividade	Cálculo
Taxa da Renda Média per capita Familiar	percentual	valor da renda média transformada em taxa	renda do ano que está calculando, dividido pela renda do ano anterior, subtraindo-se de 1
Mulheres Empregadas	número	quantidade de mulheres trabalhadoras com carteira assinada	Somatório total anual de mulheres com carteira assinada

Fonte: (Autora, 2016).

3.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolveu, em parte, por trabalhos científicos publicados em revistas especializadas, com a finalidade de suprir bibliograficamente esse estudo. Diante disso, encontraram-se limitações sobre o tema, não havendo nenhuma abordagem especificamente quantitativa, apenas trabalhos por meio de pesquisas com dados qualitativos e pesquisas teóricas. Sendo assim, buscou-se permear essas dificuldades, pela premissa de originalidade das análises, cerceada das bibliografias.

Para plena observação desse estudo, após a finalização da teoria metodológica, segue a análise dos resultados e discussões, composta por análises de diagramas de dispersão, construídos pelas variáveis econômicas e sociais, relacionadas com a variável de mulheres empreendedoras iniciais. Incluem-se nos resultados, estatísticas descritivas apresentando-se as medidas de dispersão de cada variável, e as medidas de tendência central. Bem como, a análise desse trabalho, em que mais se buscava respostas, a análise de correlação e o teste t de significância, no que tange ao empreendedorismo feminino.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de resultados foi desenvolvida com a finalidade de apresentar os resultados pesquisa, as discussões envoltas sobre a influência dos índices, referentes ao crescimento do empreendedorismo feminino e, apresentar análises complementares de outros resultados que tenham se salientado, com as variáveis determinadas. Ainda, buscou-se discutir o contexto em que esses resultados se encontram e as razões que levaram o Brasil a chegar à situação atual, por vezes influenciado pelo Empreendedorismo Feminino.

Os contextos econômico, financeiro, social e empresarial em que o Brasil se encontra, tem grande relevância para a análise do resultado apresentado nesse estudo. A crise econômica, influenciada pelos problemas políticos instaurados no país, acarretaram infimos impedimentos de cunho social e empresarial. Transtornos esses que, em 2016, se encerrou com quase 12 milhões de desempregados, conforme informações do IBGE (2016). Esse desemprego acarreta em oportunidades de empreender, e em relação às mulheres, as impulsionaram ainda mais a sair de casa e enfrentar o mercado de trabalho, pois o número de empreendedoras iniciais superou ao de homens, de acordo com o último relatório emitido pelo GEM (2016).

A apresentação dos resultados dessa pesquisa é realizada seguindo os pressupostos especificados pela técnica estatística escolhida. Como o banco de dados possui 14 observações, do ano de 2002 a 2015, o teste de normalidade determinado para pequenas amostras é Shapiro-Wilk. Dessa forma, não se tornou possível a aplicação de análise de regressão, ideia inicialmente almejada, pela premissa que o banco de dados deveria constar de mais de 30 observações.

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

A estatística descritiva, aplicada aos dados das variáveis dessa pesquisa, realizou-se pelos cálculos da medida de tendência central, média, e medidas de dispersão, variância e desvio padrão. As observações de máximo e mínimo também foram analisadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Estatística Descritiva das variáveis em análise

(continua)

	N	Média	Mínimo	Maximo	Variância	Desvio Padrão
Empreendedoras Iniciais	14	0,1389	0,0940	0,2000	0,0011	0,0325
PIB	14	0,0298	-0,0385	0,0753	0,0008	0,0289
Matrículas Escolaridade Infantil	14	6877179,36	5635116	7972230	484304509696,86	695919,90
Empreendedoras por Oportunidade	14	0,5614	0,3800	0,6900	0,0118	0,1084
Empreendedoras por Necessidade	14	0,4279	0,3000	0,6100	0,0112	0,1060
Escolaridade - Faixa 1	14	0,0601	0,0090	0,3000	0,0089	0,0942
Escolaridade - Faixa 2	14	0,3474	0,1850	0,5620	0,0147	0,1213
Escolaridade - Faixa 3	14	0,4484	0,1080	0,5420	0,0140	0,1182
Escolaridade - Faixa 4	14	0,1443	0,0300	0,2510	0,0032	0,0563
Renda Média per capita familiar	14	876,8930	676,5051	1113,00	20771,68	144,12
Taxa Renda Média per capita familiar	14	0,0373	-0,0582	0,0930	0,0014	0,0369
Mulheres Empregadas	14	13226405	9579441	17075000	8216384891762,6	2866423,7

Fonte: (Autora, 2017).

Em decorrência dos valores do Quadro 5, afirma-se que a média de empreendedoras iniciais se estabelece em torno de 14%, com uma variabilidade mínima de menos de 1%. O menor valor apontado na pesquisa permanece em 9%, da mesma forma que o valor máximo em 20%, correspondente ao ano de 2015, pelo GEM. A variável PIB possui uma média de 4%, sendo positivo ou negativo, a tal ponto que o valor indicado por mínimo, 4% negativo, relaciona-se ao resultado de 2015.

Ao que tange a variável de Matrículas na Escolaridade infantil, observa-se uma média no entorno de 6 milhões e 800 mil matrículas, um valor mínimo em 5 milhões e 600 mil e máximo em 7 milhões e 900 mil matrículas, podendo variar, conforme desvio padrão apontado, em 6 milhões e 900 mil.

Empreendedoras por oportunidade e por necessidade apresentam comportamentos próximos ao ponto que se complementam, de tal forma que suas variabilidades circundam 1%. Bem como as empreendedoras por motivação, os níveis de escolaridade, entre as faixas 1 a 4, possuem comportamentos complementares, ao ponto de ter o total do somatório anual em 100%. A faixa 1 possui uma variabilidade de 1%, a faixa 2 em 1,5%, a faixa 3 em 1,4% e a faixa 4 com a menor das variâncias, em 0,3%.

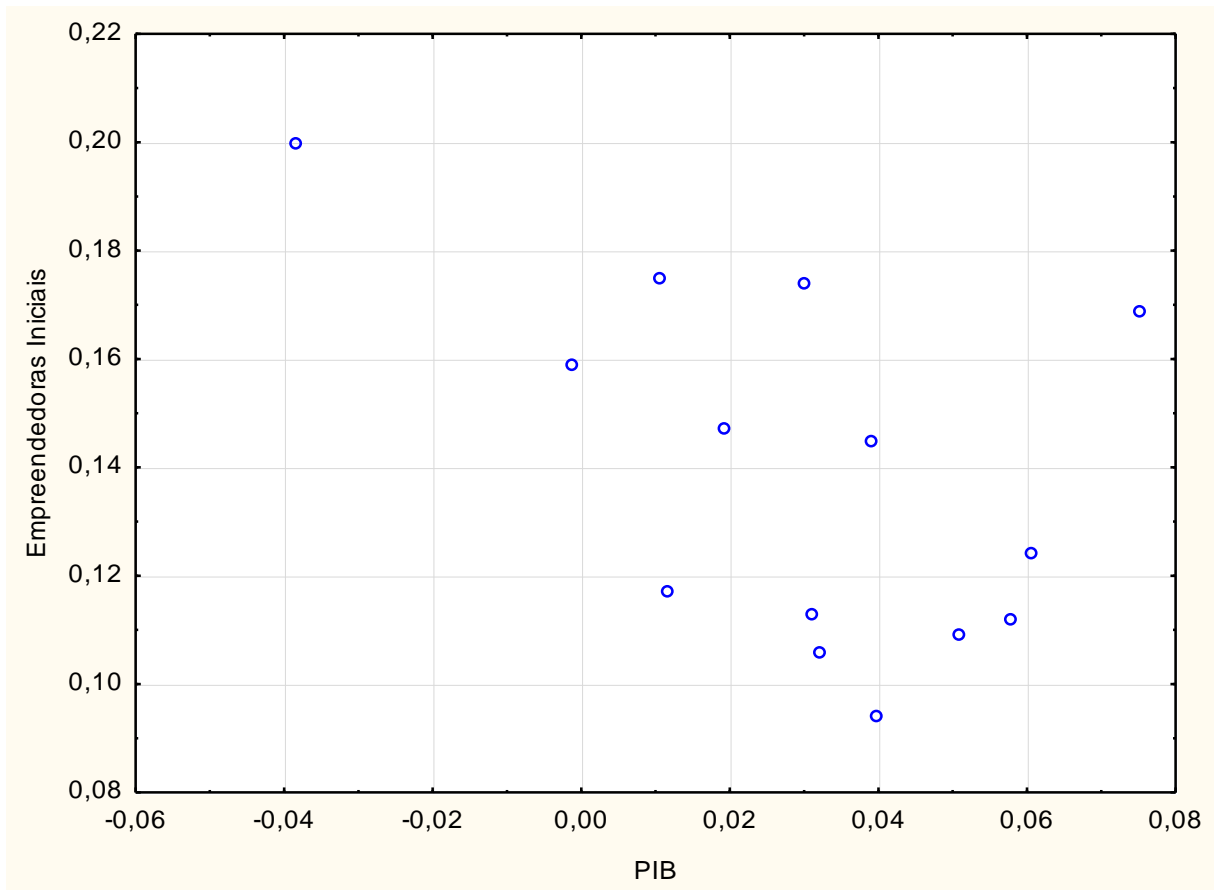
No que se refere à renda média per capita familiar considera-se a média no valor de R\$ 877,00, possuindo como valor máximo, do ano de 2015, em R\$ 1.113,00. Em conformidade com a taxa da renda média per capita familiar, a renda possui um crescimento médio em torno de 4% ao ano.

4.2 DIAGRAMA DE DISPERSÃO

Primeiramente torna-se necessária a realização da análise dos gráficos de diagramas de dispersão, fazendo um comparativo em que, considerando um plano cartesiano simples, encontra-se no eixo “x” (eixo vertical) a variável de Empreendedoras Iniciais. E, no eixo “y” (eixo horizontal) cada uma das variáveis observadas nesse estudo, pois em cada gráfico se faz possível realizar uma análise comportamental e, observar a evolução dessas variáveis em comparação ao empreendedorismo feminino, no contexto econômico nacional, e seu desenvolvimento social.

No diagrama abaixo, Gráfico 1, pode-se observar os dados de Empreendedoras Iniciais em comparação com os do PIB.

Gráfico 1 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e PIB



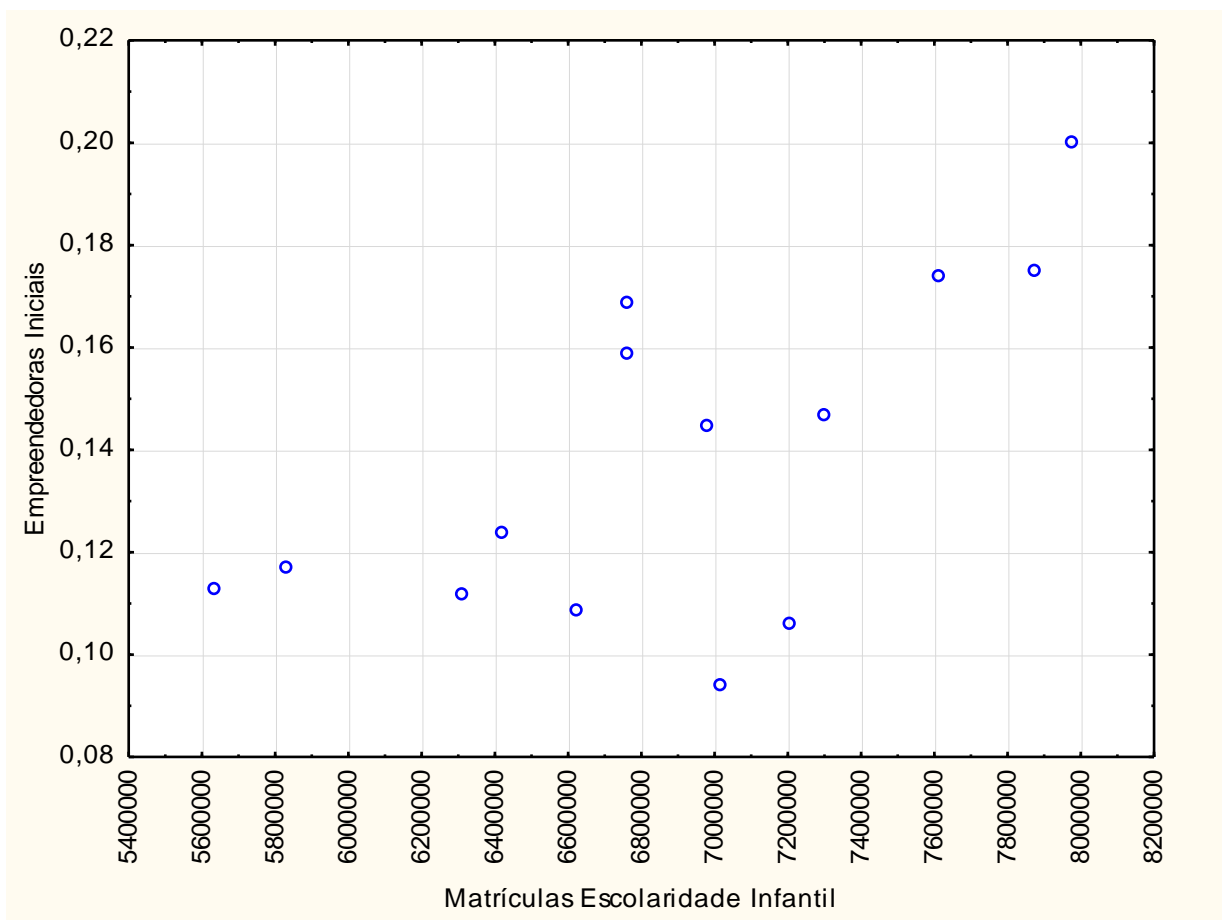
Fonte: (Autora, 2017).

Construído o diagrama entre as variáveis de empreendedoras iniciais e o PIB, pode-se observar que no momento em que o PIB estava em seu menor valor, ou seja, a economia obteve um somatório de produtos de serviços em valor negativo, é a situação em que o empreendedorismo feminino alcança o maior percentual. Witzel e Pozo (2013) vêm de encontro ao resultado encontrado no diagrama acima, pois afirmam que o empreendedorismo feminino possui, entranhado em sua definição, um considerável potencial econômico. Sanches et al. (2013) confirma que o empreendedorismo feminino é um grande aliado do desenvolvimento econômico, estimulando a competitividade, geração de renda e oportunidades. Para tanto, torna-se relevante salientar que, se existe alguma contribuição no processo de construção do PIB, atualmente, tem-se a influência das mulheres no campo empreendedor.

Por meio da pesquisa bibliográfica realizada pôde-se identificar a influência social na vida da mulher, com a iniciação escolar de crianças, de 0 a 6 anos. Cramer et al. (2012) corrobora essa influência, através de sua pesquisa, em que define a criação de uma espécie de contrato de empenho exclusivo da mulher empreendedora com seu trabalho, juntamente com sua família, como mãe e esposa,

pois não são atividades excludentes. O GEM de 2015 obteve como um de seus resultados, o maior valor de empreendedorismo feminino inicial em todos os anos de pesquisa, 20%. Diante dessa afirmação, observa-se, no Gráfico 2, a variação do empreendedorismo feminino inicial em relação ao número de crianças matriculadas na educação infantil;

Gráfico 2 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Matrículas Escolaridade Infantil



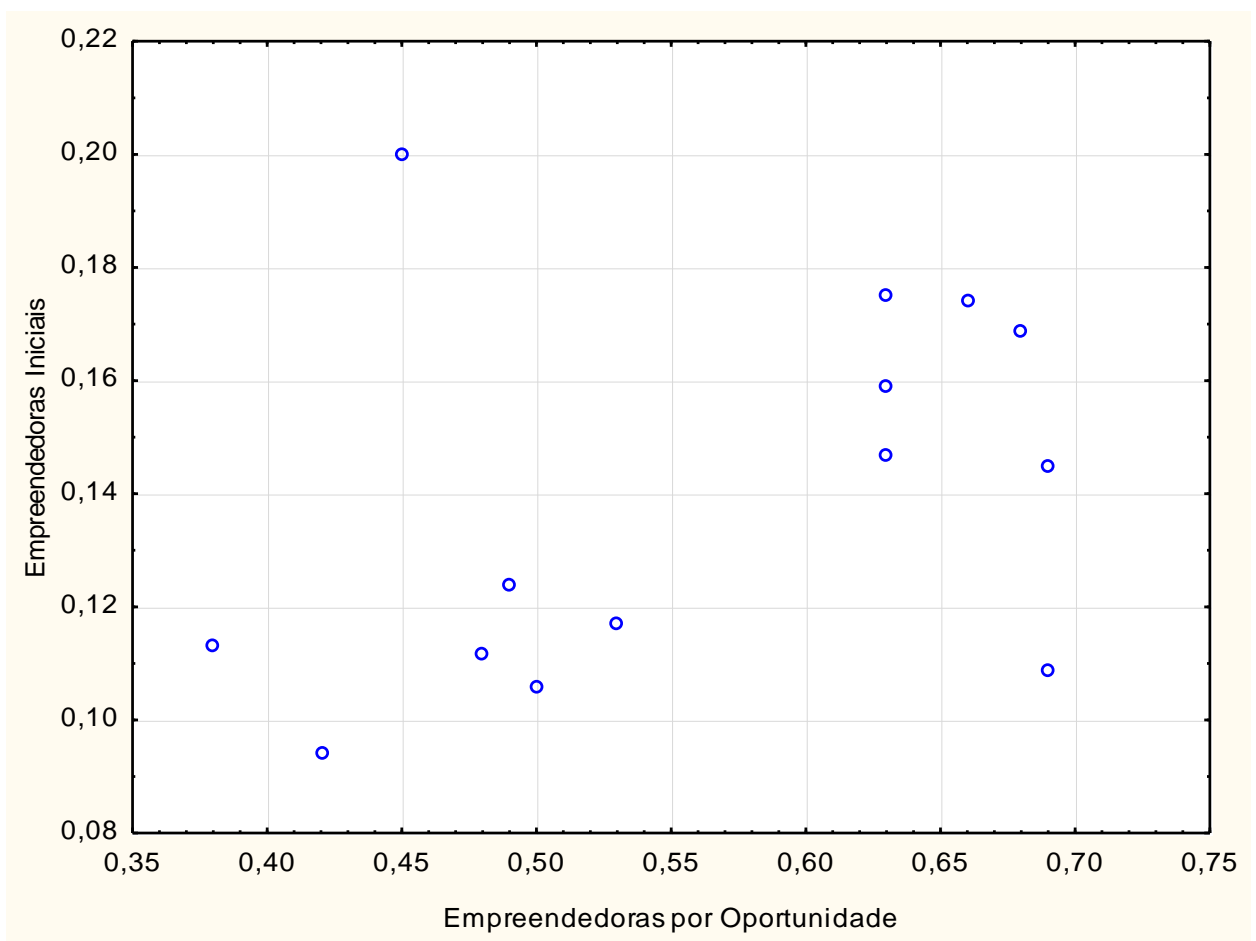
Fonte: (Autora, 2017).

Em virtude da análise gráfica realizada, torna-se pertinente dissertar sobre o dado do GEM, de 2015, não apenas por ser o maior percentual de empreendedorismo feminino inicial, mas também por intensificar a ideia de que, quanto mais crianças, com até 6 anos, são matriculadas em creches e pré-escolas, maior tem sido a quantidade de mulheres se tornando empreendedora. Welsh et al. (2014), e, Pérez-Pérez e Avilés-Hernández (2016) afirmam que o suporte familiar é

fator crítico para a mulher empreendedora, para isso torna-se necessário que hajam infraestruturas para suportar a decisão da mulher se ausentar e investir nos empreendimentos.

Continuando a análise dos diagramas, o Gráfico 3, está estruturado pela relação entre as empreendedoras iniciais e o percentual de empreendedoras por oportunidade. A maior quantidade de observações, do percentual de empreendedoras por oportunidade, concentra-se acima de 60%. Em contraponto a esse crescimento, observa-se o percentual de 2015, em torno de 45%, podendo assim, contextualizar que, embora se tenha alcançado 20% de empreendedorismo feminino, houve uma queda nas oportunidades empreendedoras nos últimos anos.

Gráfico 3 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Empreendedoras por Oportunidade



Fonte: (Autora, 2017).

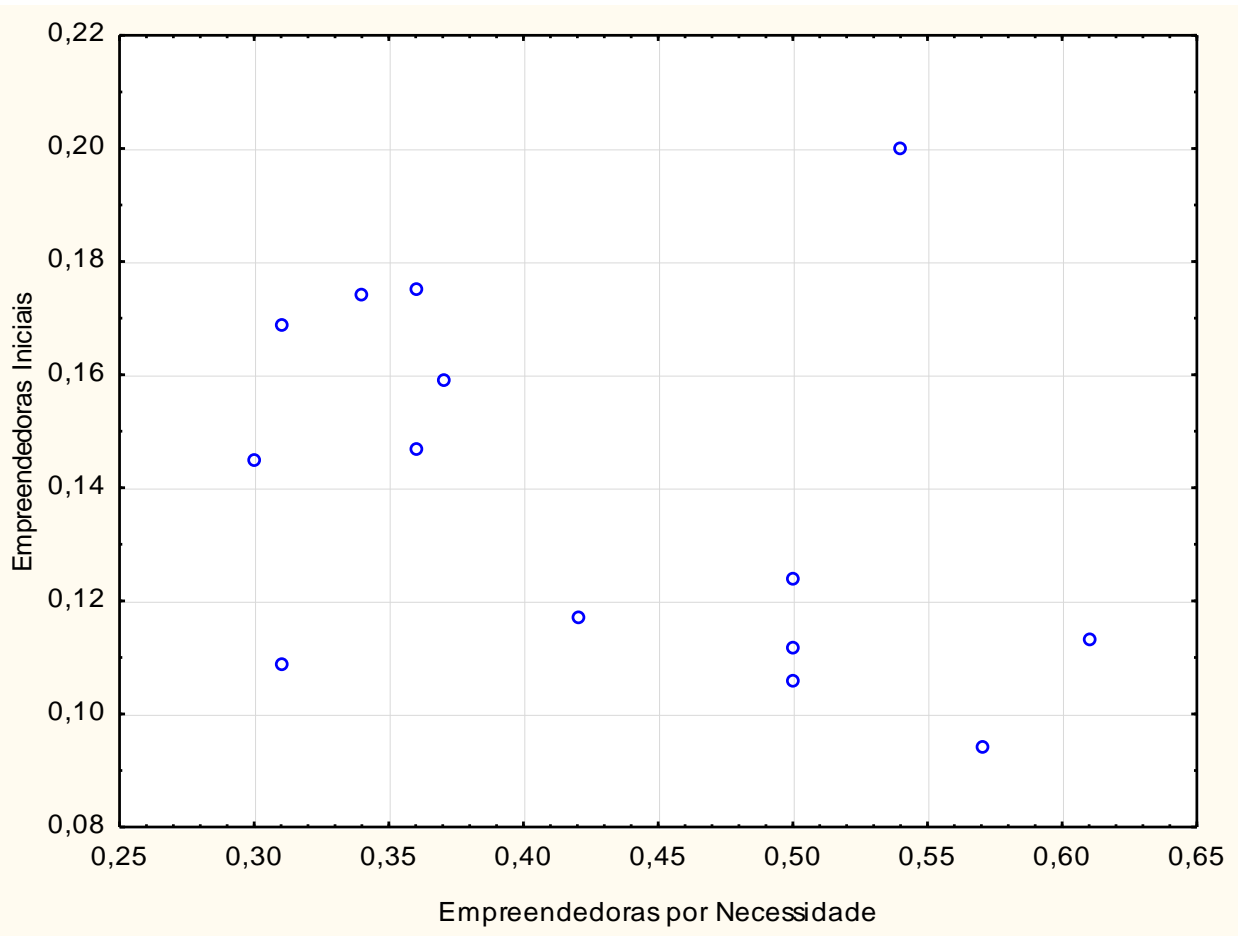
Os dados visualizados no Gráfico 3, indicam que, por sete anos, o percentual de empreendedoras iniciais por oportunidade manteve-se acima dos 60%. Conforme os dados do GEM, esse período corresponde aos anos de 2008 a 2014, podendo-se assim responsabilizar, em parte, a criação da Lei do Microempreendedor, que incentivou a formalização e criação de muitas empresas a partir desse ano, no Brasil.

A motivação é um efeito do que incentiva as mulheres a empreender. Evidências encontradas por Cavazotte, Oliveira e Miranda (2010) e por Freire et al. (2012) corroboram a ideia da modificação dos papéis e expectativas sociais femininas, resulta de oportunidades oferecidas pela mudança da legislação e dos incentivos vindo de políticas governamentais.

Tratando-se das empreendedoras por necessidade, pode-se perceber que, até por sua forma de avaliação, trata-se de serem motivadas de maneira inversa às empreendedoras por oportunidade.

A maior parte das empreendedoras, localizam-se na faixa de idade acima dos 30 anos, a qual muitas tem filhos e passam por dificuldades para empreender, segundo dados do GEM. Witcel e Pozo (2013) ratificam o GEM, quanto às dificuldades encontradas no empreendedorismo, tal que concluem que as empreendedoras por necessidade somavam mais de 60% até 2014, e pode ser resultado de uma baixa empregabilidade, pela idade que possuem, a necessidade de uma renda alternativa e busca por realização pessoal ainda não encontrada. Além da justificativa encontrada por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), que salientam sobre a falta de credibilidade de externos, para com as empreendedoras. Confirmada também por Krishnamurthy e Sivaramakrishnan (2016). A relação das empreendedoras por necessidade pode ser observado no diagrama, Gráfico 4.

Gráfico 4 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Empreendedoras por Necessidade

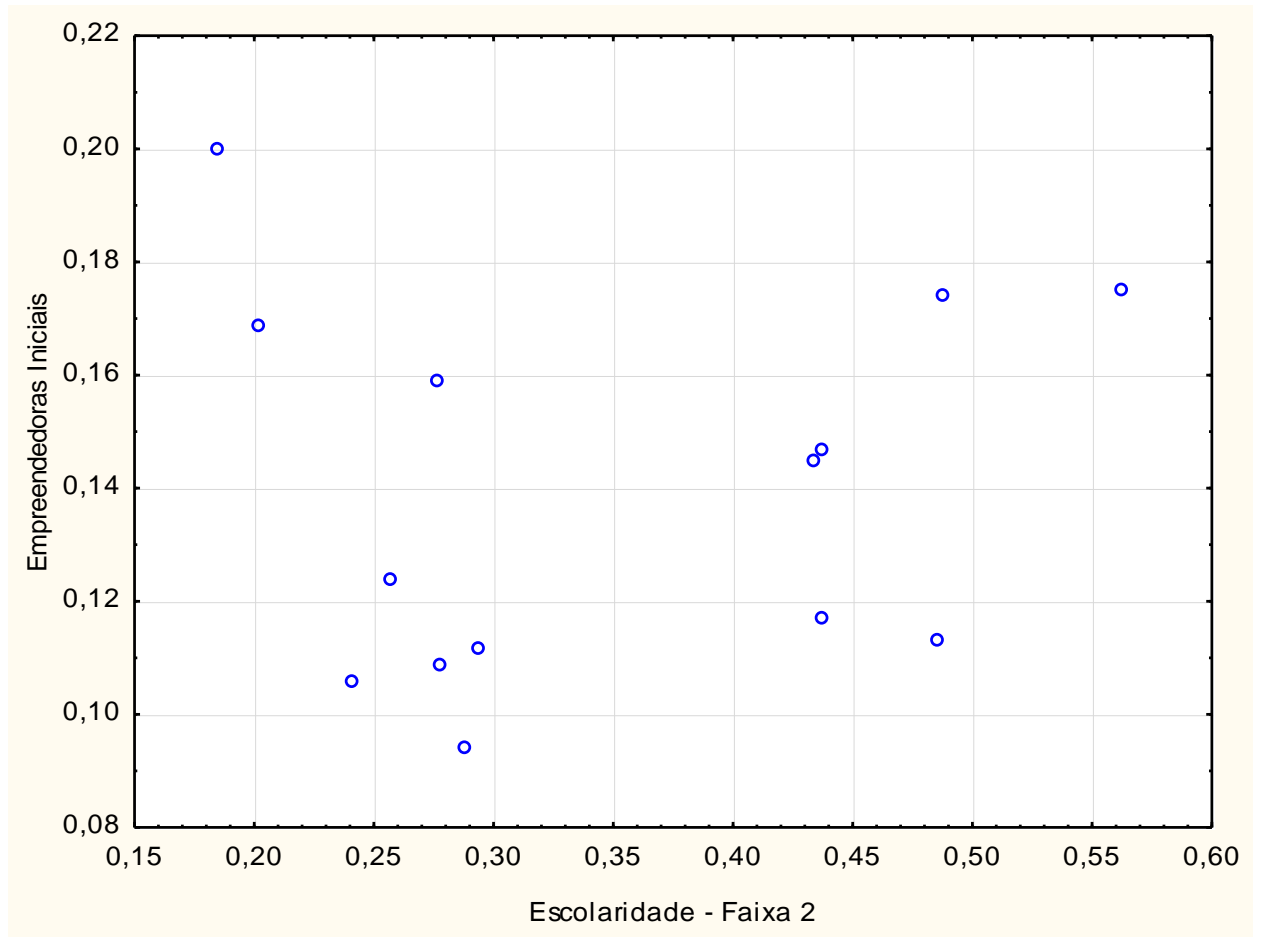


Fonte: (Autora, 2017).

Para tanto, nota-se que no mesmo período em que as empreendedoras por oportunidade obtinham a maior parte da motivação em empreender, de 2008 a 2014, as por necessidade, correspondiam aos menores percentuais do empreendedorismo feminino. Contudo, em 2015, como consequência às questões econômicas, sociais e políticas que influenciam o país, esse percentual correspondeu a 54%. Percebe-se que, pela redução da oportunidade, a necessidade acabou por motivar as mulheres empreendedoras, sendo essa motivação, um visível resultado da economia atual.

Na análise do resultado obtido pelo Gráfico 5, em que os dados são consequência da relação entre o percentual de mulheres empreendedoras iniciais e o nível de escolaridade – faixa 1, percebe-se que empreendedoras não se concentram na faixa de pessoas sem educação formal e primeiro grau incompleto.

Gráfico 6 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 2



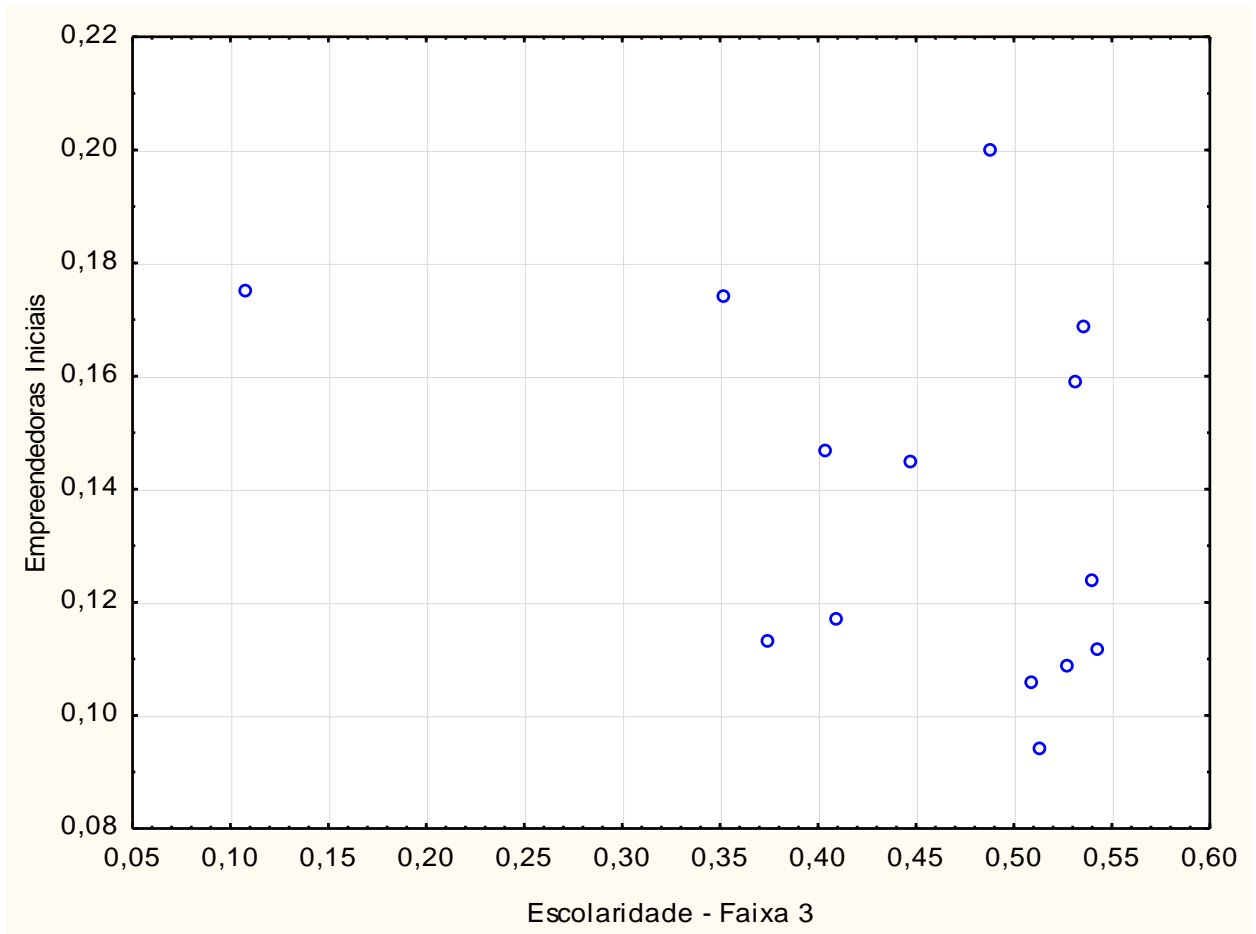
Fonte: (Autora, 2017).

Em 2015, conforme o GEM, o índice de empreendedoras alocadas na faixa 2 reduziu em menos de um terço, de 56% em 2014, para 18%. Considerando que não houve aumento de empreendedoras no nível de escolaridade – faixa 1, e ainda que, ocorreu a queda na faixa 2, pode-se deduzir que esse aumento se concentre entre as faixas 3 e 4.

Dedução considerável, a ponto de enaltecer o fato que, o maior número de empreendedoras iniciais está buscando instrução, educação para sua independência, seu sucesso pessoal e do empreendimento.

O nível de escolaridade – faixa 3 é a categoria em que mais se encontra empreendedoras iniciais, bem como visualiza-se no Gráfico 7, que apresenta a relação da faixa 3 com as mulheres empreendedoras.

Gráfico 7 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 3



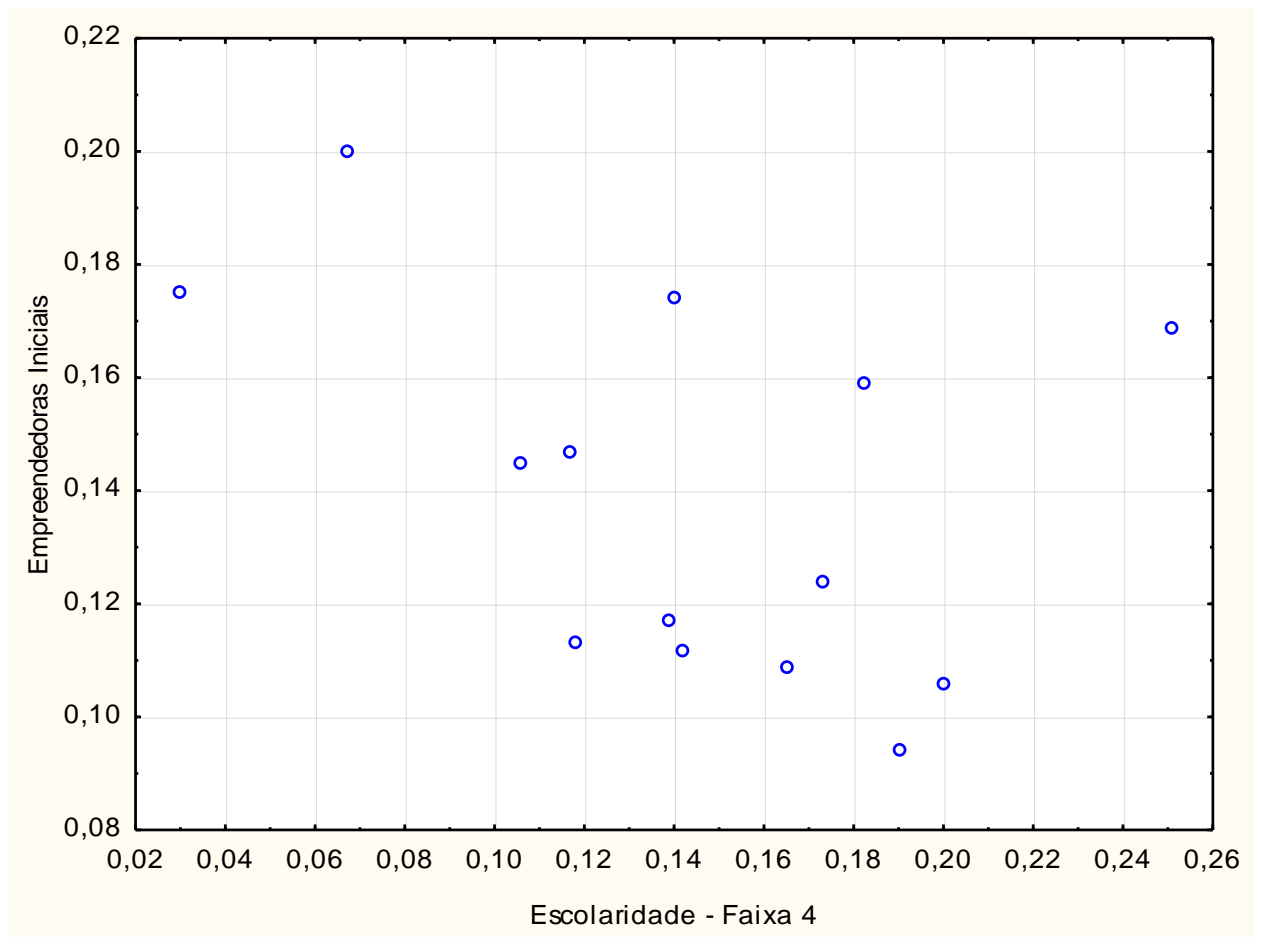
Fonte: (Autora, 2017).

Pelo período de 8 anos, pois cada ponto no gráfico conta um ano de avaliação do banco de dados, observa-se que o empreendedorismo feminino manteve-se acima dos 50%. Sendo esse período correspondente aos anos de 2004 a 2010. Após 2010, o número de empreendedoras iniciais que possuem até o grau de especialização, faixa 3, tendeu a queda, alcançando um percentual de 11% em 2014, e um aumento para 49% em 2015, mantendo-se assim na condição de faixa de escolaridade em que as empreendedoras iniciais mais se concentram. A busca pelo conhecimento se tornou uma das formas, que as mulheres encontraram, de sobressair no mercado de trabalho.

Perante esse fato, no Gráfico 8, percebe-se que essa afirmativa já não se mantém, tendo em vista que o número de empreendedoras, que se encontram no

nível de escolaridade – faixa 4, mestrado e doutorado, alcança um percentual máximo de 25%, em 2010, e a partir disso, acaba por decair substancialmente.

Gráfico 8 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Escolaridade – Faixa 4



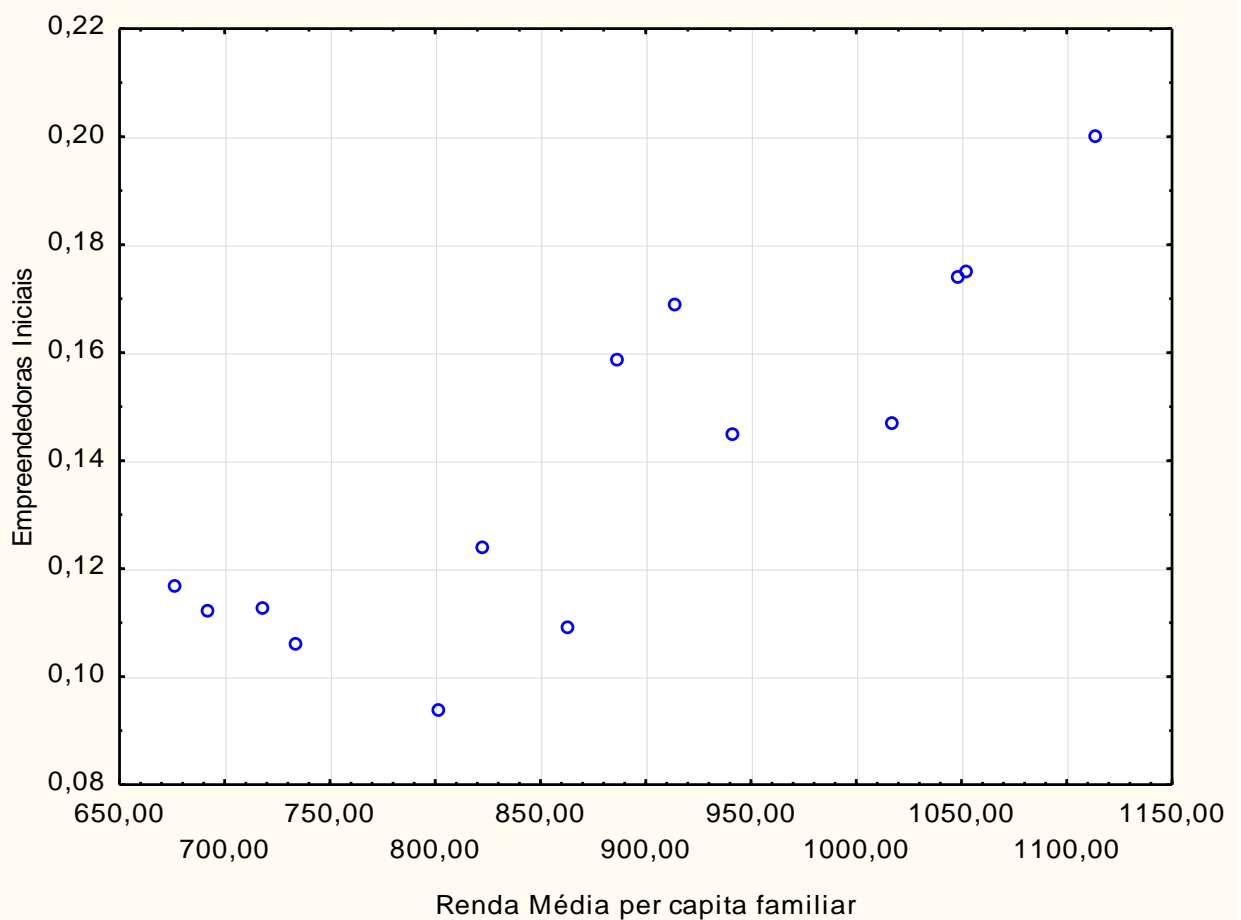
Fonte: (Autora, 2017).

Observa-se que no ano de 2015, em que a quantidade de empreendedoras iniciais apontou em 20%, o percentual do nível de escolaridade – faixa 4, decresceu e passou a ser o segundo menor percentual alcançado em todos os anos de pesquisa que compõem o banco de dados desse estudo. Para tanto, o relatório do GEM, de 2015, aponta que a quantidade de empreendedores, tanto homens quanto mulheres, que abdicou em seguir os estudos para níveis mais apurados, aumentou de tal forma, que o órgão optou por excluir o nível de escolaridade – faixa 4, de sua

pesquisa. Os empreendedores que constituíam a faixa 4 passaram a ser integralizados no nível de escolaridade - faixa 3.

Após estudos pelos níveis de escolaridade, a variável que se adapta de forma consistente com o empreendedorismo feminino, é a renda média per capita familiar, como pode ser analisada no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Renda Média per capita Familiar



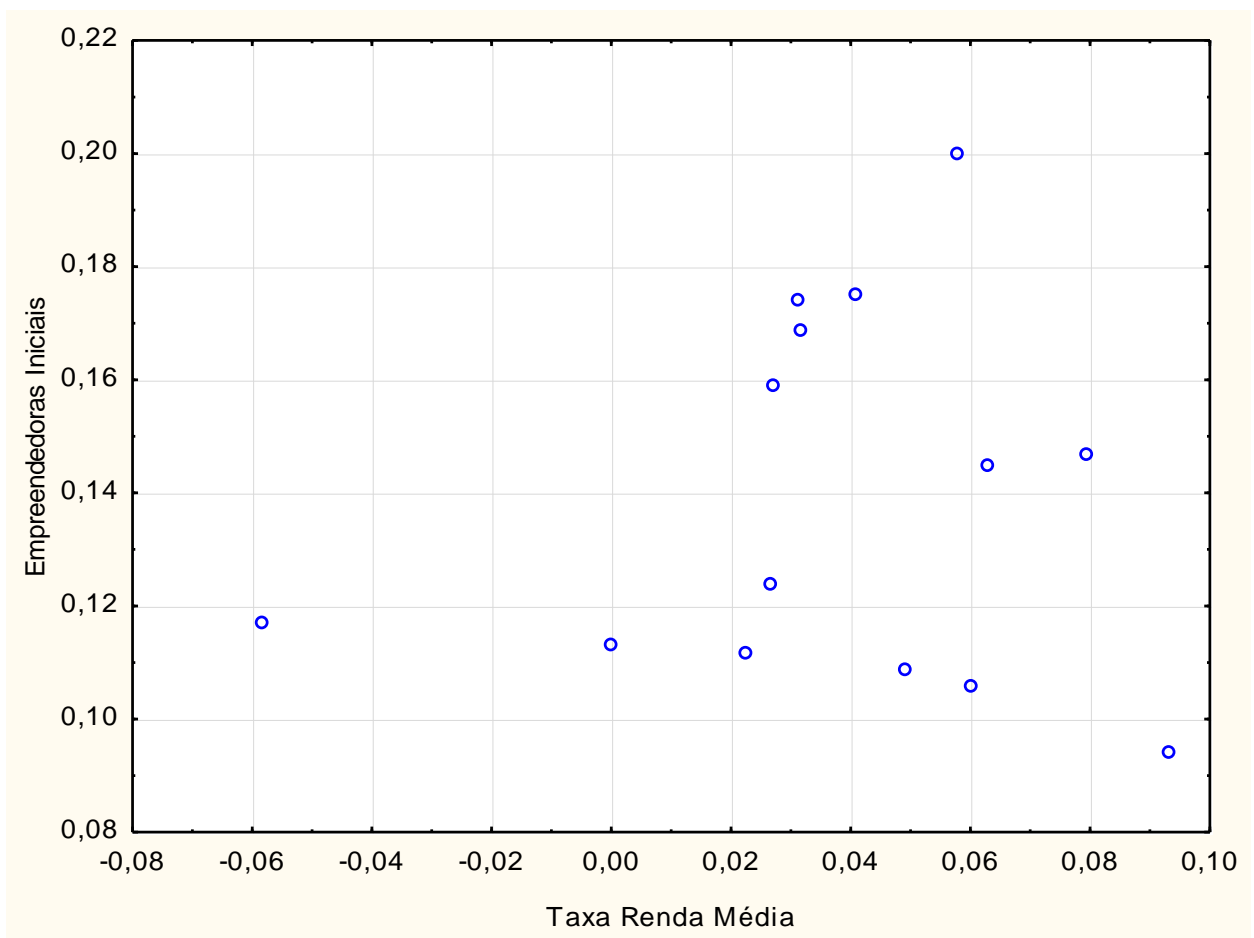
Fonte: (Autora, 2017).

Há uma tendência, pelos dados dispostos no Gráfico 9, a afirmar que, conforme aumenta-se a quantidade de empreendedoras, aumenta conjuntamente a renda média per capita familiar. Tornando possível descrever que, a mulher empreendedora não apenas auxilia na renda da família, como também a faz aumentar. Essa afirmação também se substancia que existe um percentual de

famílias que sobrevivem apenas com a renda obtida pelas mulheres. Cramer et al. (2012) confirma a busca pela conquista da independência financeira, mas também relata sobre as relações de abdicar tempo com a família, e serem cobradas por isso, em prol da dedicação ao trabalho e empreendedorismo, tornando-se uma dificuldade e razão de muitas empreendedoras abandonarem os negócios.

A complementação da análise da renda das famílias brasileiras, por membros da família, se executou mediante a transformação do aumento da renda, em taxa da renda média. Essa taxa permite visualizar a variação percentual do quanto as mulheres, inseridas como empreendedoras, tendem a ser responsáveis pelo aumento da capacidade financeira familiar, como no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Taxa de Renda Média per capita Familiar

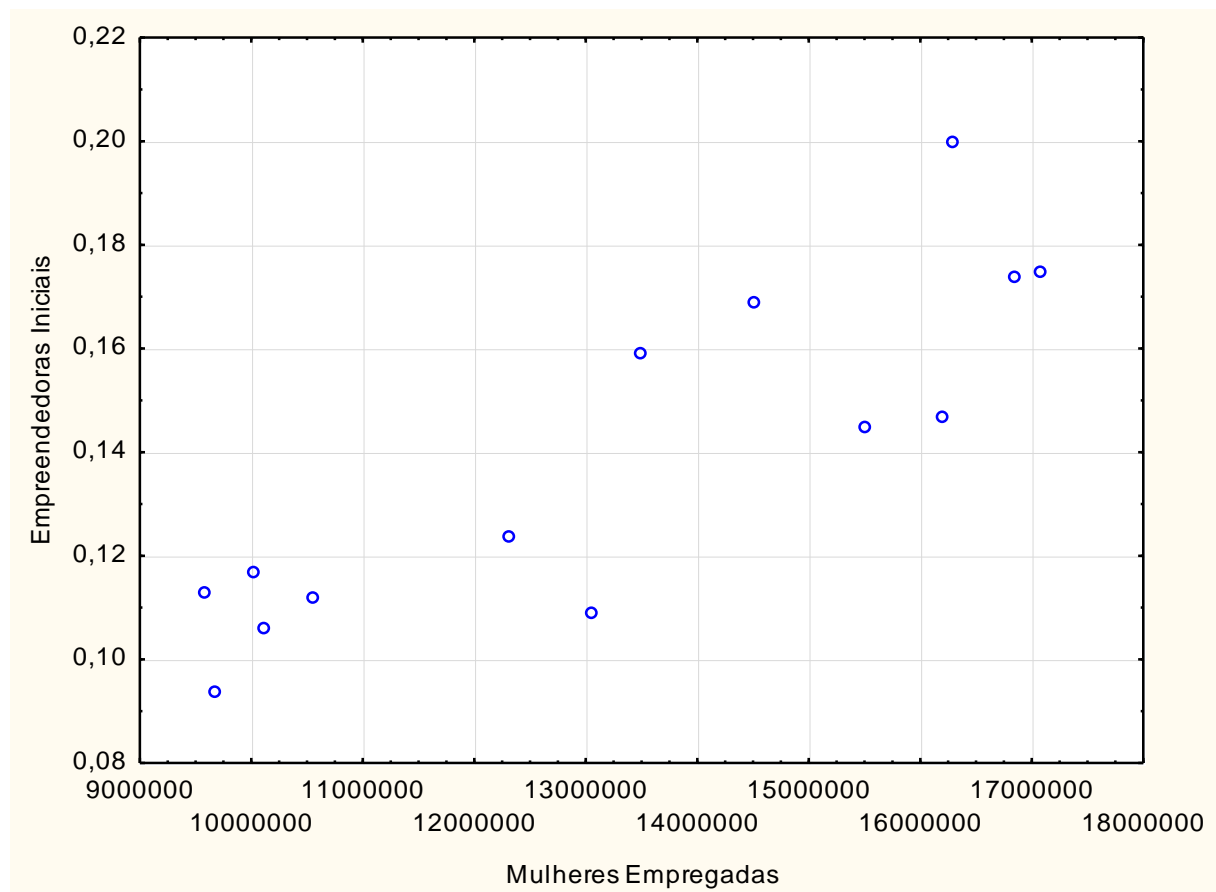


Fonte: (Autora, 2017).

Pelo Gráfico 10, pode-se visualizar a variação da renda média familiar, por indivíduo, bem como, nota-se que não há tendência de crescimento dessa taxa. A falta de tendência se destaca no ano de 2015, em que as empreendedoras iniciais alcançam o nível de 20%, e a taxa de variação da renda média permanece próximo de 6%. Existe uma variação, que de forma não abrupta, acabou por elevar os valores de renda, chegando ao ápice nos anos de 2011 e 2012, oscilando entre 6,5% e 7,5%. Essa análise não permite afirmar que o crescimento no empreendedorismo feminino seja uma responsável, de forma impactante, na taxa da renda média. Observa-se que pode ter influência, mas não tem prerrogativa de ser a única variável a aumentar a renda das famílias brasileiras.

Para entendimento, analisa-se o comportamento do empreendedorismo feminino, relacionado ao número de mulheres empregadas com carteira assinada, no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras Iniciais e Mulheres Empregadas



Fonte: (Autora, 2017).

A partir da montagem do banco de dados das mulheres empregadas, pode-se notar que existe uma configuração de evolução positiva nesses números. Conforme os valores adquiridos em relatórios da RAIS e pelo PNAD, ao passar dos anos, mais mulheres tem sido inseridas, das mais diversas formas, no mercado formal de emprego. A observação do Gráfico 11 transparece esse aumento, da mesma forma que cresce a quantidade de empreendedoras, quase que proporcionalmente.

No ano de 2015, percebe-se uma queda no número de mulheres empregadas, pois relacionado aos 20% de mulheres empreendedoras, o número diminuiu de 1.708.000 para 1.630.000 empregadas. Tendo-se como parâmetro até o ano de 2014, ambas as variáveis se mantiveram em desenvolvimento, o que se pode alegar, ou até mesmo entender, é que mulheres empreendedoras tem a propensão a contratar mulheres, para seus empreendimentos.

A fim de melhor esclarecer a forma e os procedimentos utilizados nesse estudo, segue-se com as análises de resultados por meio da estatística descritiva.

4.3 TESTE DE NORMALIDADE

Utiliza-se o teste de normalidade de Shapiro-wilk em pequenas amostras, e em conformidade com esse estudo, foi utilizado e descrito na revisão teórica. Essa pesquisa possui um banco de dados com 12 variáveis, e estão compostas por 14 observações cada uma, coletadas nos anos de 2002 a 2015.

Na aplicação do teste, parte-se da prerrogativa de duas hipóteses. A primeira, em que a variável em estudo possui distribuição normal, a qual no cálculo do teste obteve-se um W calculado menor que o W tabelado, assumindo a normalidade. E, a segunda, que a presunção tida como a variável não tendo uma distribuição normal, pelo resultado de W calculado ser maior que o W tabelado.

Tais hipóteses, testadas em todas as variáveis, são comprovadas pela normalidade, e descritas no Quadro 6.

Quadro 6 – Resultado do Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk

Variáveis	Shapiro-Wilk - $W(\alpha=0,05) > W_{\text{calculado}}$
Empreendedoras Iniciais	$W(\alpha=0,05) = 0,93067 > W_{\text{calculado}} = 0,31184$
PIB	$W(\alpha=0,05) = 0,96002 > W_{\text{calculado}} = 0,72345$
Matrículas Escolaridade Infantil	$W(\alpha=0,05) = 0,97531 > W_{\text{calculado}} = 0,93843$
Empreendedoras por Oportunidade	$W(\alpha=0,05) = 0,89901 > W_{\text{calculado}} = 0,10912$
Empreendedoras por Necessidade	$W(\alpha=0,05) = 0,90329 > W_{\text{calculado}} = 0,12590$
Escolaridade - Faixa 1	$W(\alpha=0,05) = 0,55246 > W_{\text{calculado}} = 0,05792$
Escolaridade - Faixa 2	$W(\alpha=0,05) = 0,90637 > W_{\text{calculado}} = 0,13955$
Escolaridade - Faixa 3	$W(\alpha=0,05) = 0,76702 > W_{\text{calculado}} = 0,06021$
Escolaridade - Faixa 4	$W(\alpha=0,05) = 0,98254 > W_{\text{calculado}} = 0,96693$
Renda Média per capita familiar	$W(\alpha=0,05) = 0,94656 > W_{\text{calculado}} = 0,50865$
Taxa Renda Média	$W(\alpha=0,05) = 0,91596 > W_{\text{calculado}} = 0,19226$
Mulheres Empregadas	$W(\alpha=0,05) = 0,88699 > W_{\text{calculado}} = 0,07316$

Fonte: (Autora, 2017).

Analisa-se de forma abrangente, pelos dados do Quadro 6, a presença de normalidade em todas as variáveis utilizadas nesse estudo. Porém, duas variáveis, matrículas na escolaridade infantil e nível de escolaridade – faixa 4, por uma diferença muito pequena, não comprovariam a normalidade. O comportamento das demais variáveis apresentou normalidade por uma diferença maior entre os valores de SW tabelado e SW calculado, como se torna viável a observação.

Após o teste, e a identificação da existência de normalidade nas variáveis, pelas prerrogativas da análise estatística em questão, utiliza-se o teste de correlação adequado. Nesse estudo, a correlação adequada à normalidade dos dados, é a de Person, acompanhada do teste t de significância.

4.4 MATRIZ DE CORRELAÇÃO E TESTE DE SIGNIFICÂNCIA

A matriz de correlação apresentada nesse trabalho é composta dos valores de correlação entre as variáveis em análise, consideradas como variáveis independentes, e a variável de empreendedoras iniciais, tratada como variável dependente. Apresenta-se assim o grau de correlação entre as empreendedoras e as variáveis econômicas e sócias, que variam entre -1 e 1, bem como o p-valor,

identificado no Quadro 7 apenas por p, o qual significa se existe uma correlação significativa, ou não entre as variáveis, em caso de ser menos que 5%.

Em caso de correlação positiva, o comportamento das variáveis em análise é direto, ou seja, ao momento que uma apresenta crescimento, a outra também cresce. Quando há correlação negativa, considera-se esse comportamento inverso, isto é, no instante que uma variável apresenta evolução, a outra apresenta decaimento no desenvolver dos dados.

Torna-se viável observar que, no Quadro 7, houveram quatro variáveis que apresentaram estar correlacionadas com as empreendedoras iniciais, sendo elas: matrículas na escolaridade infantil, nível de escolaridade – faixa 1, renda média per capita familiar e mulheres empregadas.

Todas as correlações significativas indicaram valores positivos, sendo possível afirmar que essas variáveis, quando relacionadas aos valores de empreendedorismo feminino, evoluem positivamente. Ainda, nota-se que duas dessas variáveis, com p igual a zero, são altamente correlacionadas, não apenas pelos valores de p, mas pelo grau de correlação ser acima de 0,85, indicando correlação forte positiva. Embora o PIB e as empreendedoras iniciais não tenham apresentado uma relação significativa, nas pesquisas realizadas existe uma constatação quase unânime de que a influência da função empreendedora no desenvolvimento econômico é uma relação inevitável (KARINJE; GIRI; VERNA, 2015).

Quadro 7 – Matriz de correlação entre Empreendedoras Iniciais e as Variáveis econômicas e Sociais

Variáveis	Correlações ($p < \alpha = 0,05$), N=14
	Empreendedoras Iniciais
Empreendedoras Iniciais	1,0000
	p= ---
PIB	,5005
	p=,068
Matrículas Escolaridade Infantil	,6598
	p=,010
Empreendedoras por Oportunidade	,4052
	p=,151
Empreendedoras por Necessidade	-,3906
	p=,167

Quadro 7 – Matriz de correlação entre Empreendedoras Iniciais e as Variáveis econômicas e Sociais

Variáveis	Correlações ($p < \alpha = 0,05$), N=14
Escolaridade - Faixa 1	,5914
	p=,026
Escolaridade - Faixa 2	,0714
	p=,808
Escolaridade - Faixa 3	-,3547
	p=,213
Escolaridade - Faixa 4	-,4010
	p=,155
Renda Média per capita familiar	,8596
	p=,000
Taxa Renda Média	,0838
	p=,776
Mulheres Empregadas	,8677
	p=,000

Fonte: (Autora, 2017).

Com base no estudo teórico, encontraram-se muitos trabalhos que tratavam do desenvolvimento econômico como uma das variáveis influenciadas pelo crescimento do empreendedorismo, o que, numericamente, não pôde ser comprovado nesse estudo. Ocorreu que pelo nível de significância, ou α (alfa), ser limitado a 5%, estatisticamente, a correlação entre o PIB e as empreendedoras iniciais, não apresentou resultado significativo, mas pelo entendimento da cadeia econômica e da forma que se calcula o PIB, como seu resultado vem de uma soma total, certamente quando se aumenta a prestação de serviços ou produção, seja empreendedor ou não, o desenvolvimento econômico aumenta.

O coeficiente de correlação entre o PIB e as empreendedoras iniciais resultou em -0,5, significando que existe correlação, mas sua significância esteve em torno de 0,06, que por pouco mais de 1% essa correlação não é significativa. Pode-se considerar essa diferença uma pequena margem de erro e não descartar a importância desse resultado.

Elevando essas correlações a um contexto social, é pertinente salientar que ao passo que aumenta o número de matrículas na educação infantil, ou seja, mais crianças inscritas em creches e pré-escolas, aumenta a quantidade de mulheres

empreendedoras no mercado. Comprova-se estatisticamente pelo valor da correlação em aproximadamente 0,66, e o p correspondente de 0,01. Indo ao encontro da teoria à prática, pois pesquisadores como Alperdestedt, Ferreira e Serafim (2014), Pérez-Pérez e Avilés-Hernández (2016), Rao (2016), Senthilvasan e Deepa (2016), Krishnamurthy e Siraramakrishnan (2016), possuem em seus resultados o apontamento sobre a mulher ser mãe, esposa e empreendedora, das dificuldades apresentadas no momento de empreender, e como o fator filho é premissa para que o empreendimento se desenvolva. A temática de existir um local adequado para se deixar os filhos, descrita por Rao (2016) e Reddy (2016), como uma necessidade, tanto para a mulher empreendedora como para a mulher que trabalha, torna-se quase uma regra nas pesquisas sobre o empreendedorismo feminino. Faz-se aqui a comprovação dessa condição, quantitativamente, corroborando cientificamente essa prerrogativa, até então, apenas qualitativa.

Na correlação encontrada entre as empreendedoras iniciais e os níveis de escolaridade, nota-se que apenas a faixa 1 se sobressaiu, sobre as outras faixas de escolaridade. O resultado da correlação na faixa 1, com valor de 0,59 e p de 0,026, comprova um ponto de discussão um tanto questionável mas real. A significância das mulheres empreendedoras relacionadas com pessoas que possuem um primeiro grau incompleto ou sem educação formal, acaba por confirmar a preocupação do GEM, até em suas mudanças de metodologias, por pessoas concluírem que não há necessidade de tanta formação educacional para se tornar empreendedor. Esse resultado comprova uma preocupação relevante ao Ministério da Educação, bem como aos órgãos públicos, sobre o ensino no país.

As relações entre a variável de empreendedoras iniciais e as variáveis da renda média per capita familiar e mulheres empregadas, apresentaram correlação forte positiva, de forma que a significância encontrada chega a, praticamente, zero. Comprova-se numericamente a influência existente entre a mulher empreendedora e o aumento da renda, o que não foi possível quando da análise do diagrama de dispersão. Dessa forma afirma-se que houve aumento de renda nas famílias brasileiras por influência do crescimento do empreendedorismo feminino. Senthilvasan e Deepa (2016) corroboram o resultado da correlação com a renda, pelo fato que explicam que o empreendedorismo feminino forma um segmento de suma importância na criação de recursos financeiros, e humanos.

Como observado no Gráfico 11, em que visualiza-se a relação entre as empreendedoras iniciais e as mulheres empregadas, existe um aumento do número de mulheres empregadas formalmente, com a evolução das empreendedoras. Tal ponto esse crescimento acompanha-se de forma conjunta que, quantitativamente é possível que, com uma correlação de 0,87 e um p de significância de 0,00, existe uma tendência a afirmar que mulheres empreendedoras possuem uma preferência a empregar mulheres em seus empreendimentos.

De todas as variáveis encontradas para solidificar o estudo sobre empreendedorismo feminino, apenas quatro delas obtiveram resultados com comprovação estatística significativa, sendo essas variáveis, possivelmente, as que mais influenciam a mulher empreendedora no momento de investir em si mesma, no instante de necessidade lutar por seus filhos, por sua independência financeira e auxiliar a família, bem como, em gerir suas famílias sozinhas e obter parcerias para ter consigo para trabalhar.

A importância dessa discussão tem cunho social, político e econômico, no contexto em que o Brasil se encontra, vêm a apoiar muitas pesquisas teóricas, assim como algumas tentativas, em artigos internacionais, de adquirir pesquisas bem realizadas, com a finalidade de corroborar em suas próprias problemáticas locais.

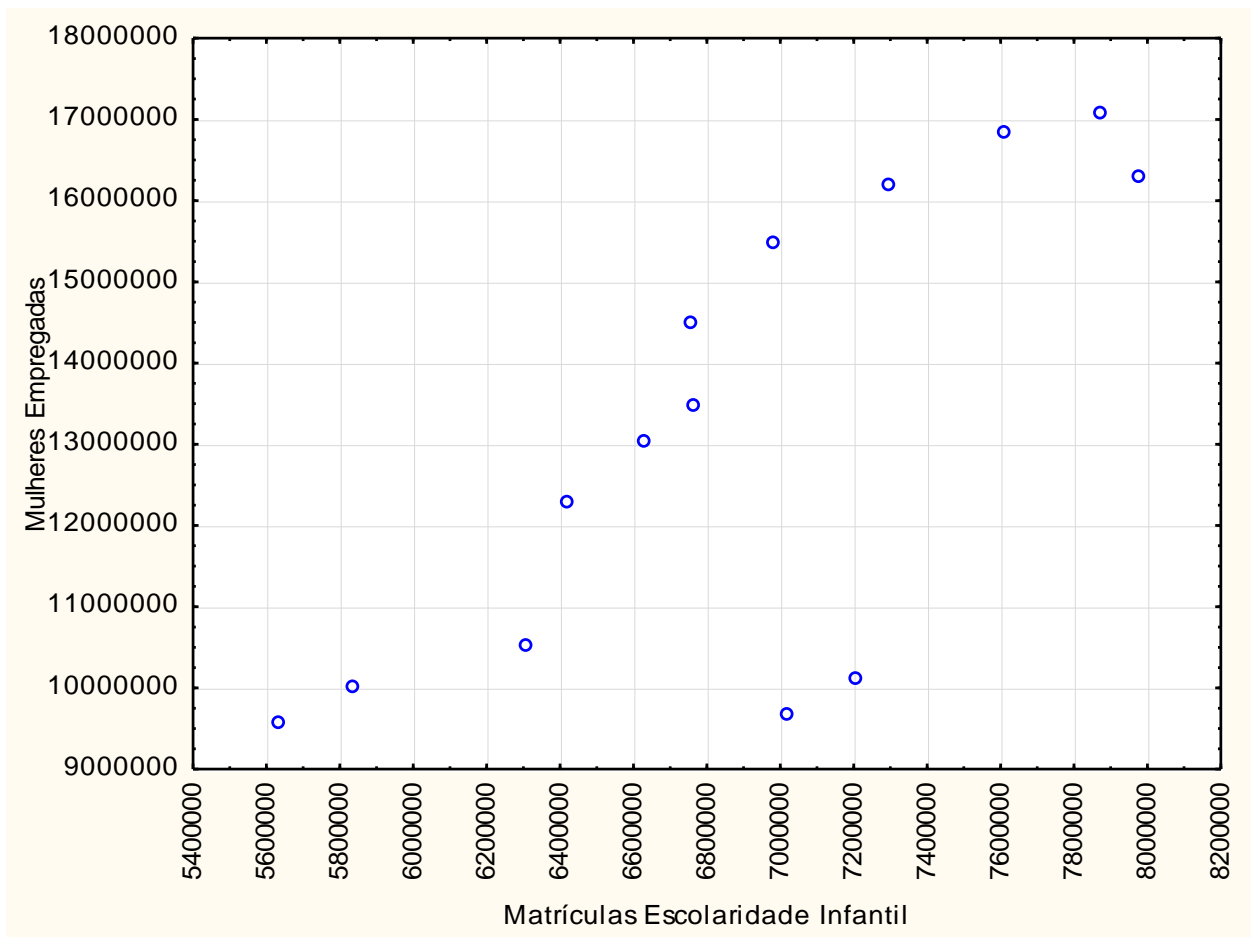
Ainda, traz-se aqui a necessidade de analisar alguns resultados complementares expressivos para que, em um futuro, seja possível ampliar essa pesquisa a outras problemáticas femininas.

4.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES COMPLEMENTARES

Os resultados complementares são compostos de diagramas de dispersão entre as variáveis que, no resultado principal do estudo, apresentaram maior pertinência em serem debatidos. Ainda, possuem em sua composição, análises de correlação entre as variáveis de mulheres empregadas com as matrículas na educação infantil, empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade. Dessa forma, seguem as análises das variáveis de empreendedoras por oportunidade e por necessidade, relacionadas com as variáveis de nível de escolaridade – faixas de 1 a 4, acompanhadas de suas análises de correlação correspondentes.

Em um primeiro momento, realiza-se a montagem do diagrama de dispersão como segue o Gráfico 12, relacionando as mulheres empregadas com as matrículas na educação infantil. Na apresentação desse gráfico torna claro o crescimento das duas variáveis, de uma forma similar. Quanto mais aumenta o número de mulheres empregadas no mercado formal, aumentam o número de crianças matriculadas em creches e pré-escolas. Essa constatação vem a corroborar o que se encontrou nos resultados da pesquisa quando da relação entre empreendedoras iniciais e matrículas na educação infantil.

Gráfico 12 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Matrículas Escolaridade Infantil



Fonte: (Autora, 2017).

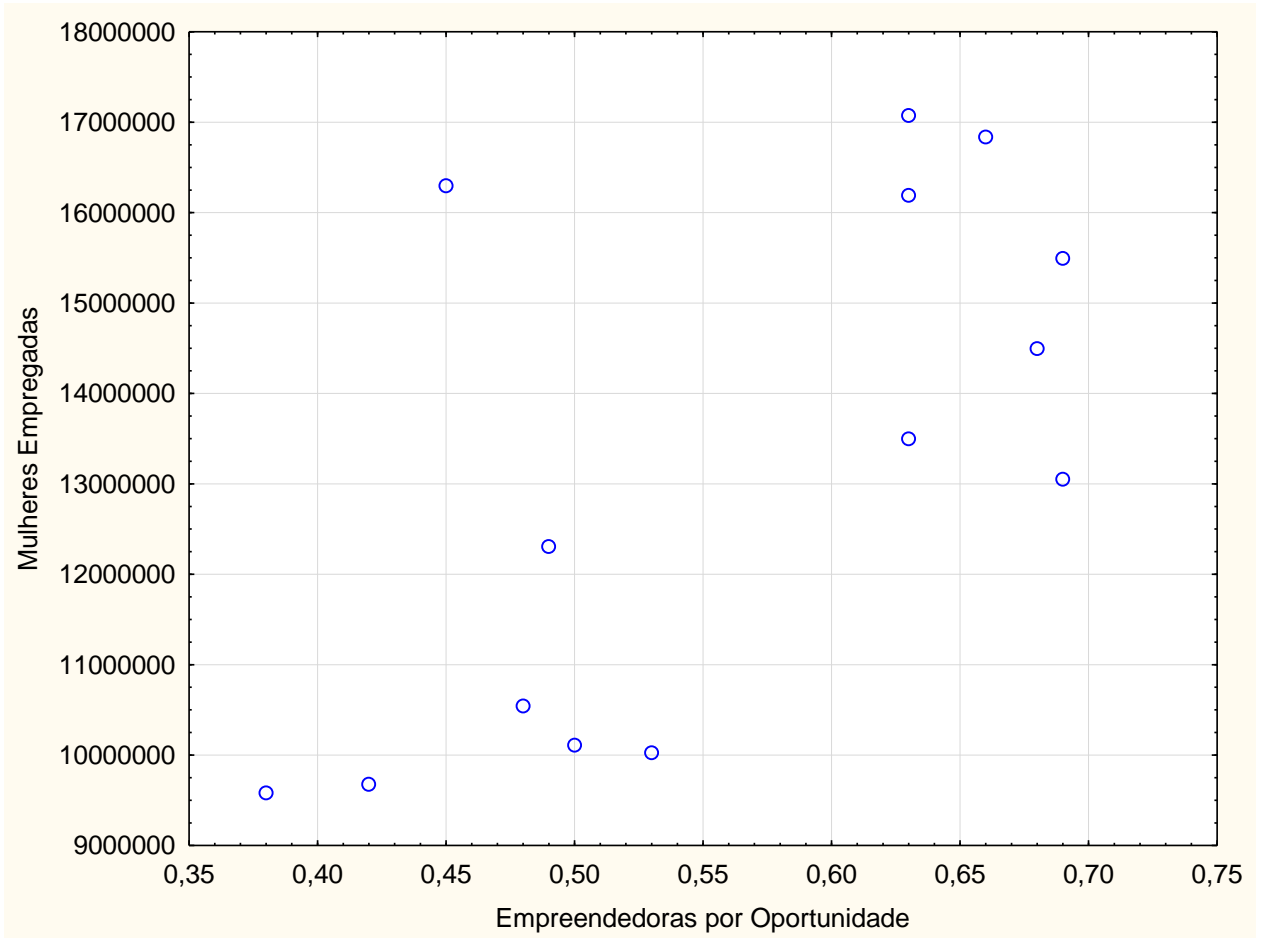
Com a explanação do Gráfico 12, pode-se afirmar que, existe uma forte indicação da influência entre, a quantidade de crianças matriculadas na educação

infantil, com o número de mulheres empregadas e mulheres empreendedoras. Os filhos acabam por ser fator primordial, no que trata da decisão da mulher tornar-se independente, sair para trabalhar e empreender.

A relação entre mulheres empregadas e as empreendedoras por oportunidade comportam-se de forma equilibrada. No sentido em que, em 2014, ambas as variáveis apresentaram valores de coleta de dados acima dos valores coletados em 2015.

Em 2014 as mulheres empregadas no mercado formal representavam uma quantidade de 17 milhões, enquanto o percentual das empreendedoras por oportunidade possuía uma representação de 63%. No entanto, em 2015, o número de mulheres que compunham o mercado formal, representa um número de 16 milhões e 300 mil mulheres, ao passo que o percentual das empreendedoras por oportunidade decresceu para 45%. Essas análises podem ser observadas no Gráfico 13.

Gráfico 13 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Empreendedoras por Oportunidade

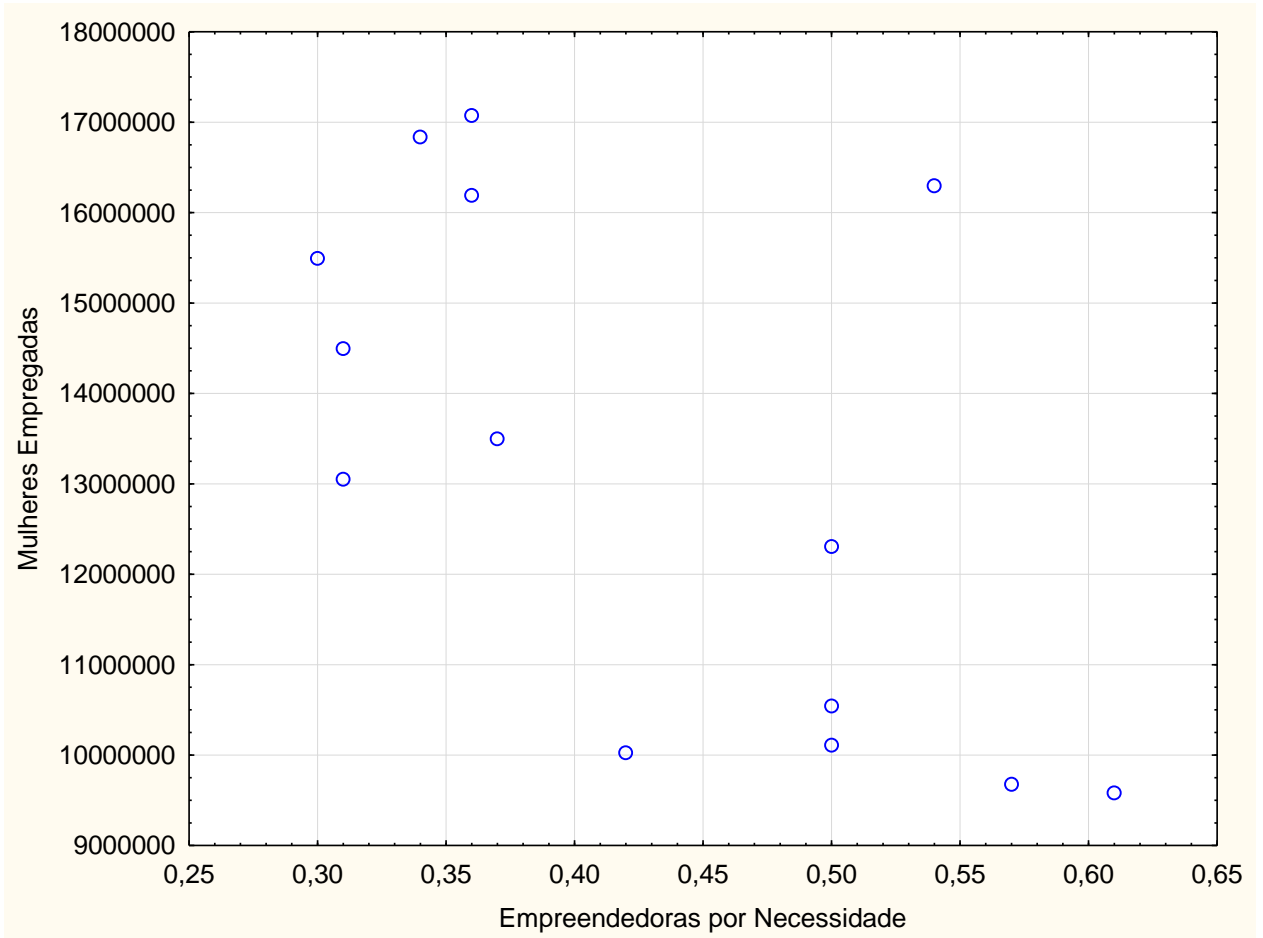


Fonte: (Autora, 2017).

Como mencionado na análise do diagrama das empreendedoras por oportunidade com as empreendedoras iniciais, por um período de sete anos o percentual esteve acima de 60%. Ao ponto que, em virtude dos problemas do país, esse valor decaiu em 2015 para 45%, como visto no Gráfico 13.

A queda do empreendedorismo por oportunidade acaba por aumentar a motivação da necessidade para o empreendimento feminino. Assim, tal que se pode visualizar no Gráfico 14, que relaciona a variável de mulheres empregadas com as empreendedoras por necessidade.

Gráfico 14 – Diagrama de Dispersão entre Mulheres Empregadas e Empreendedoras por Necessidade



Fonte: (Autora, 2017).

Como anteriormente mencionado, o empreendedorismo por necessidade se comporta de forma conjunta ao empreendedorismo por oportunidade, permeados por motivações que se complementam. No Gráfico 14, em contraste com o gráfico anterior, pode-se visualizar que enquanto as mulheres empregadas compõem uma quantidade de 16 milhões e 300 mil carteiras assinadas, as empreendedoras por necessidade crescem, se elevando a 54%

Em continuidade a análise, apresenta-se a matriz de correlação entre a variável de mulheres empregadas com as demais variáveis que compunham os diagramas analisados: matrículas na educação infantil, empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade, como no Quadro 8.

Quadro 8 – Matriz de correlação entre Mulheres Empregadas e Matrículas na Escolaridade Infantil, Empreendedoras por Oportunidade e Empreendedoras por Necessidade

Variáveis	Correlações ($p < \alpha = 0,05$), N=14
	Mulheres Empregadas
Matrículas Escolaridade Infantil	,7509
	p=,002
Empreendedoras por Oportunidade	,6582
	p=,010
Empreendedoras por Necessidade	-,6325
	p=,015

Fonte: (Autora, 2017).

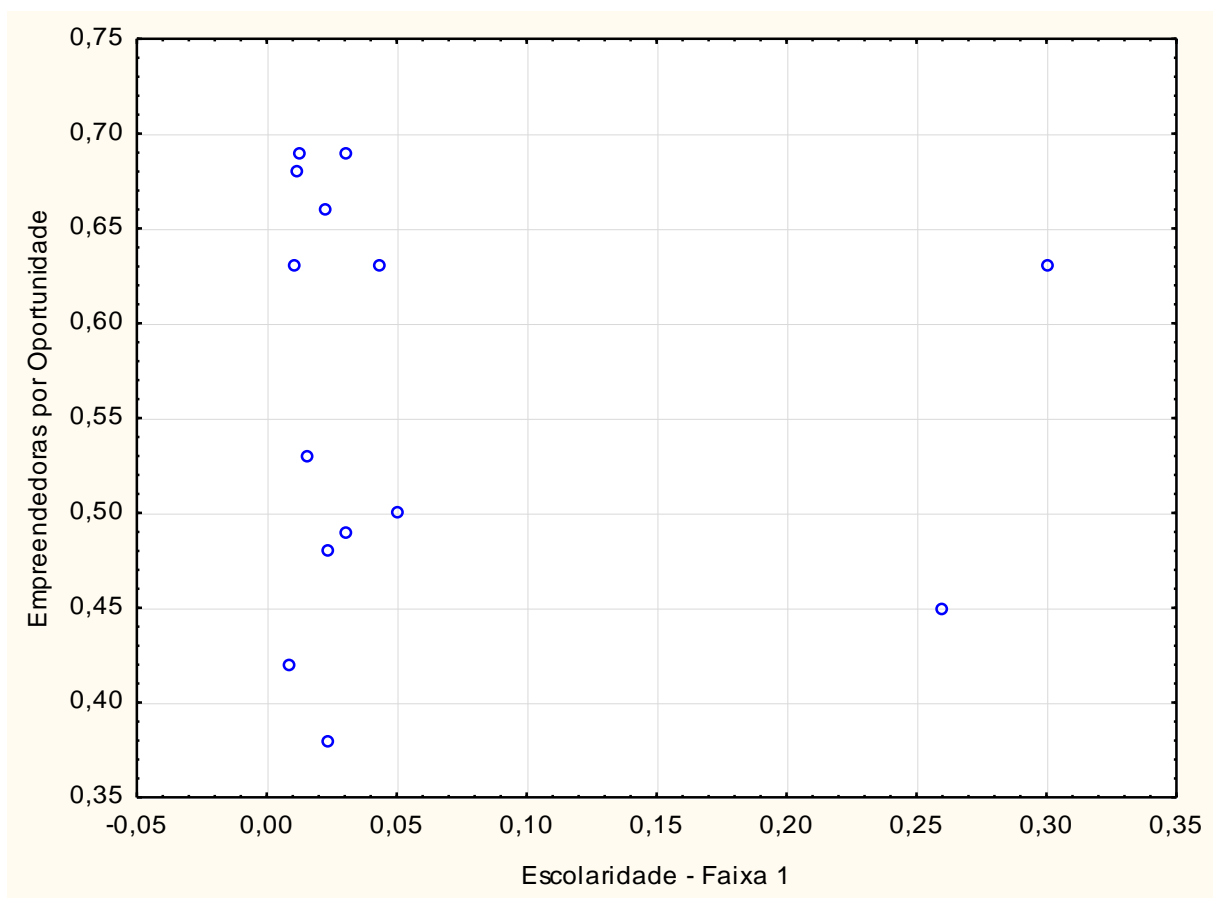
O número de mulheres com carteira assinada no país apresentou relação com as três variáveis analisadas. Da mesma maneira que as empreendedoras iniciais, a matrícula de crianças em creches e pré-escolas é fator importante para determinar quando e como a mulher sairá para o mercado de trabalho, obtendo-se assim, uma correlação de 0,75, superior a outra variável observada com as matrículas, e uma significância de 0,002, indicando maior significância que as empreendedoras.

Empreendedoras por oportunidade correlacionam-se com as mulheres empregadas em um valor de 0,66 e um p de 0,01, indicando que estão associadas as oportunidades, em empreendimentos femininos, com a quantidade de mulheres com carteira assinada. A percepção feminina do desenvolvimento empreendedor resulta em criações de oportunidades, com base nas fraquezas das mulheres empreendedoras, e por seu instinto de sobrevivência, acabam por transformá-las em forças (STAVROPOULOU; PROTOPAPA, 2013).

As empreendedoras por necessidade correlacionam-se com as mulheres empregadas de forma que o valor de correlação permanece em 0,63 e o p de significância em 0,015. Da mesma maneira que as empreendedoras por oportunidades estão relacionadas com as mulheres empregadas, as empreendedoras por necessidade também se relacionam. Com isso, pode-se afirmar que independente da motivação do empreendedorismo, a quantidade de empregos para elas aumenta, enquanto o empreendedorismo feminino aumenta.

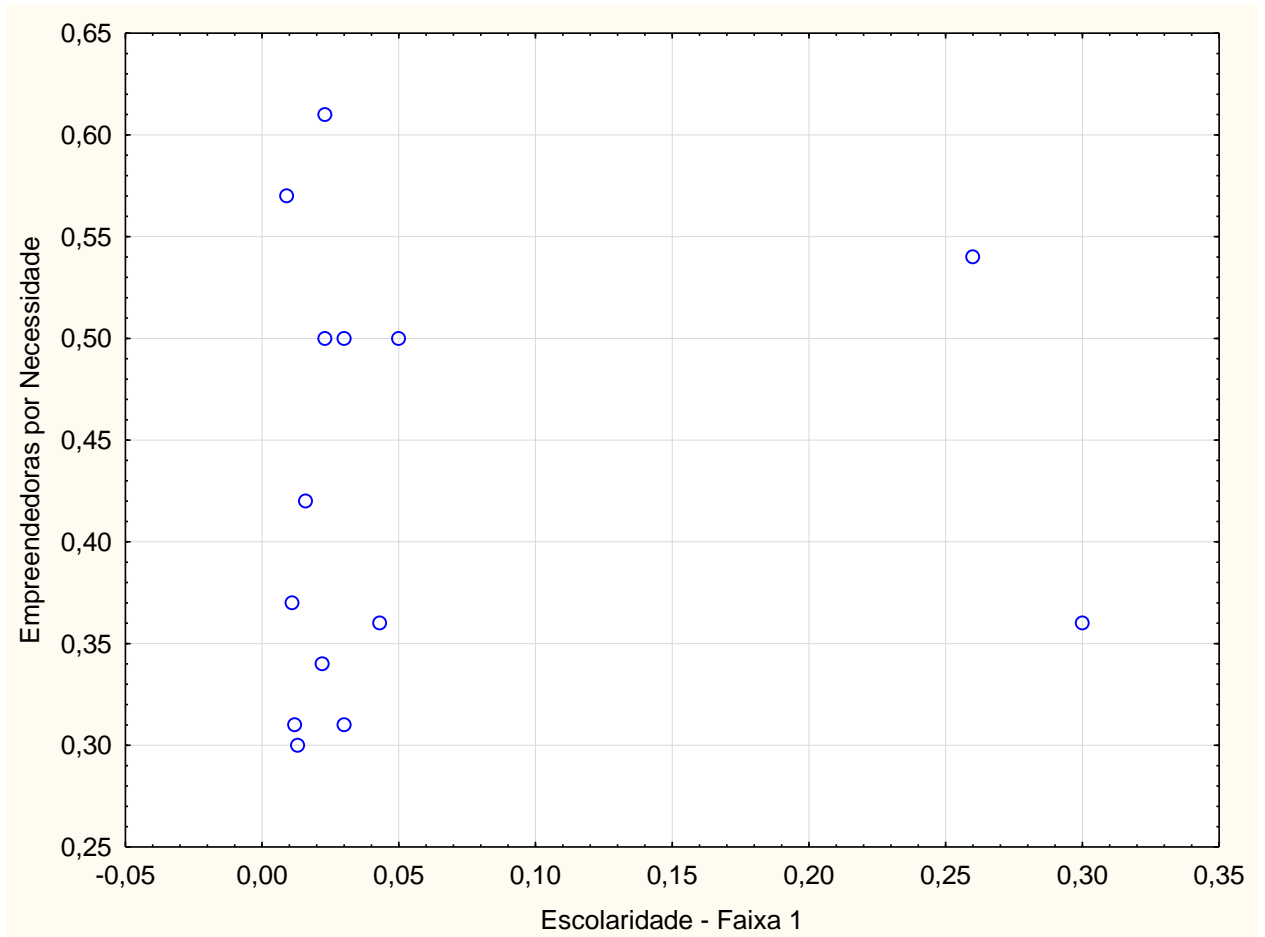
O diagrama do Gráfico 15 destaca-se com a relação entre as empreendedoras por oportunidade e o nível de escolaridade – faixa 1. A maior concentração de observações de mulheres empreendedoras por oportunidade tanto quanto as empreendedoras por necessidade, no Gráfico 16, encontram-se em até 5%.

Gráfico 15 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 1



Fonte: (Autora, 2017).

Gráfico 16 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 1

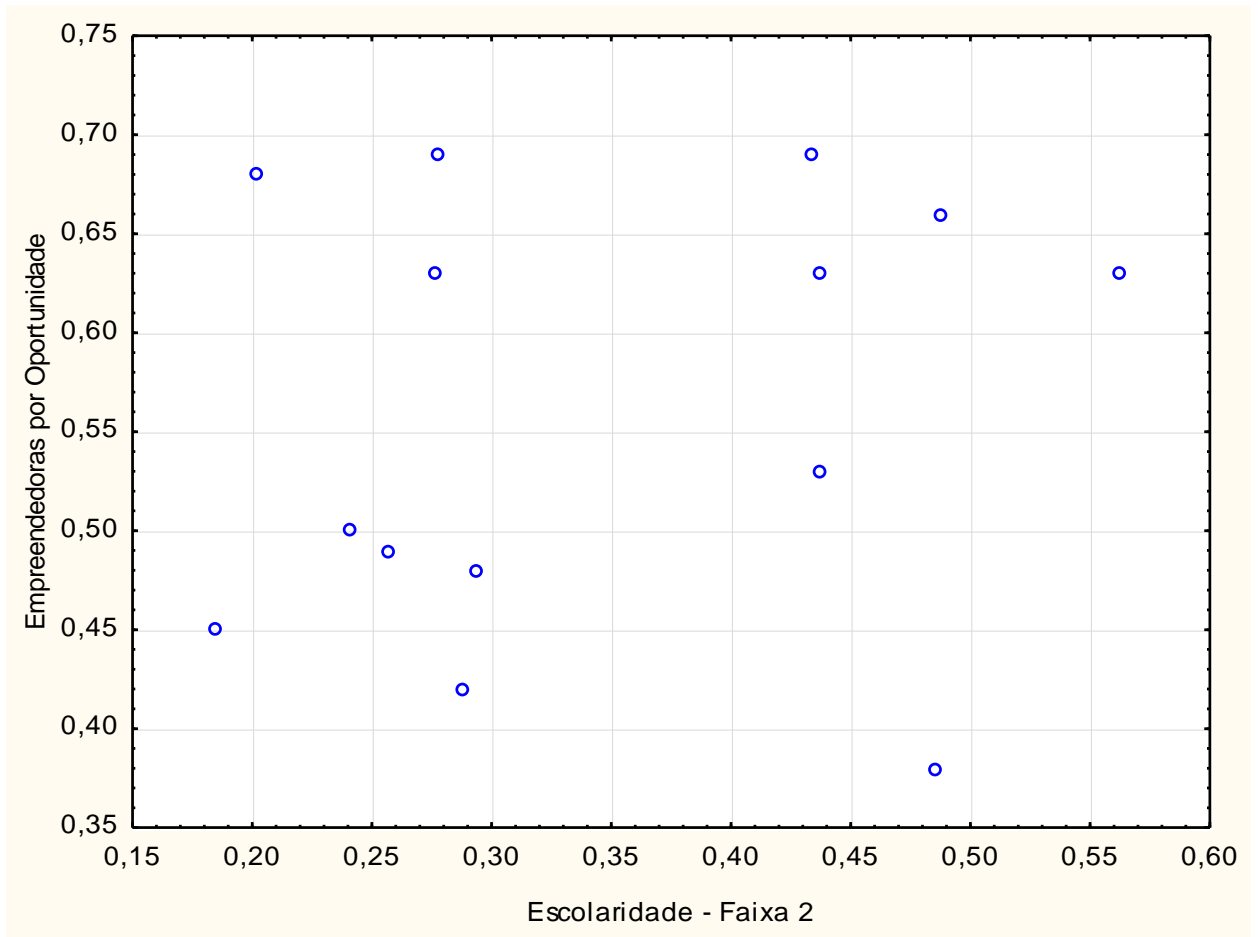


Fonte: (Autora, 2017).

Ao analisar os diagramas dos Gráficos 15 e 16, pode-se visualizar que, a motivação não influencia, na concentração do nível de escolaridade – faixa 1.

Em relação ao nível de escolaridade - faixa 2, nos Gráficos 17 e 18, é notória a variabilidade apresentada pela faixa de escolaridade da análise, sem que haja alteração advinda das variáveis de empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade.

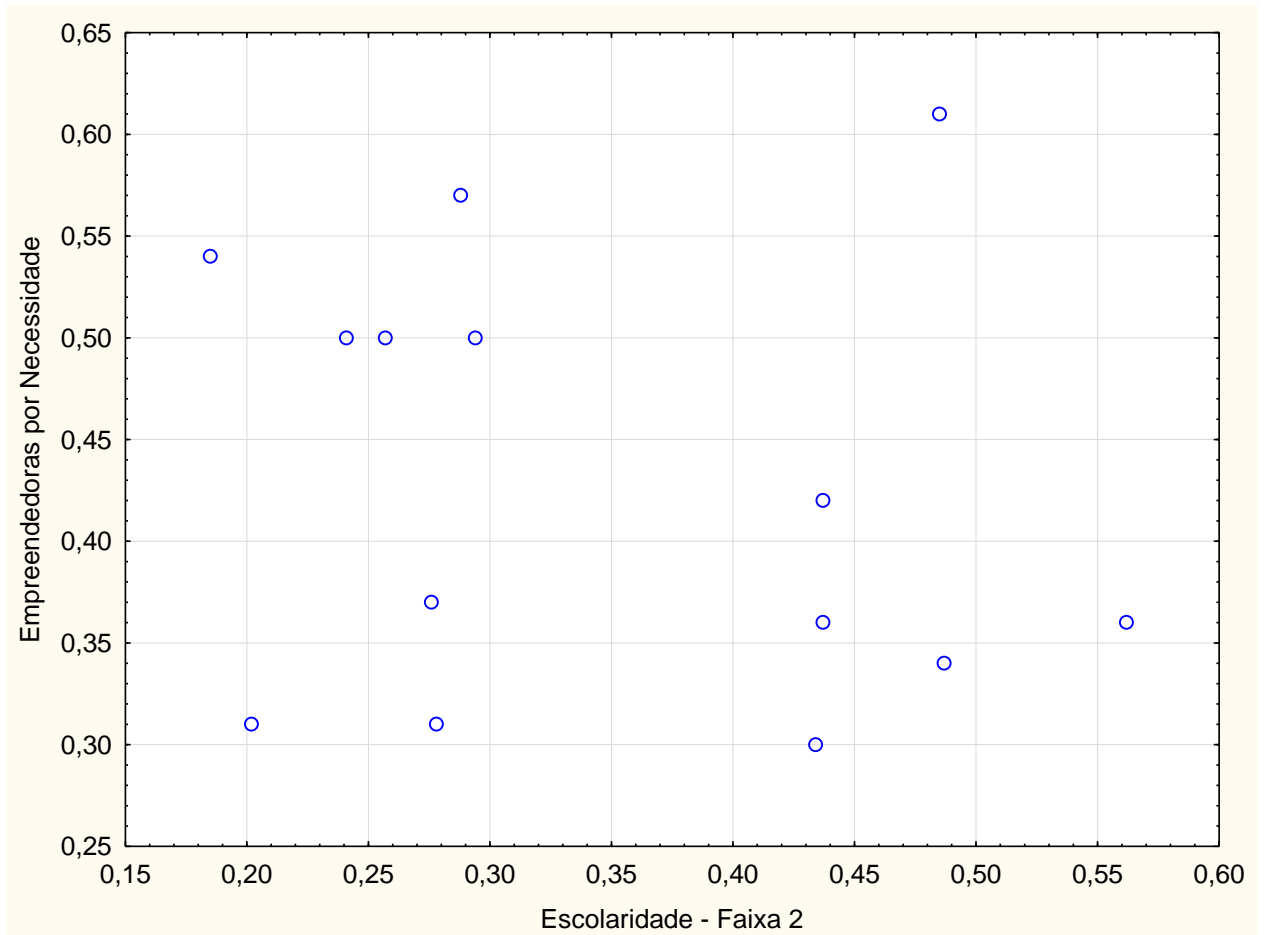
Gráfico 17 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 2



Fonte: (Autora, 2017).

O nível de escolaridade – faixa 2 está disposto de forma ao comprometimento das pessoas em querer avançar seus estudos, em obter informações, e busca de melhores condições financeiras, de tal forma que as outras faixas de escolaridade, faixas 3 e 4.

Gráfico 18 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 2

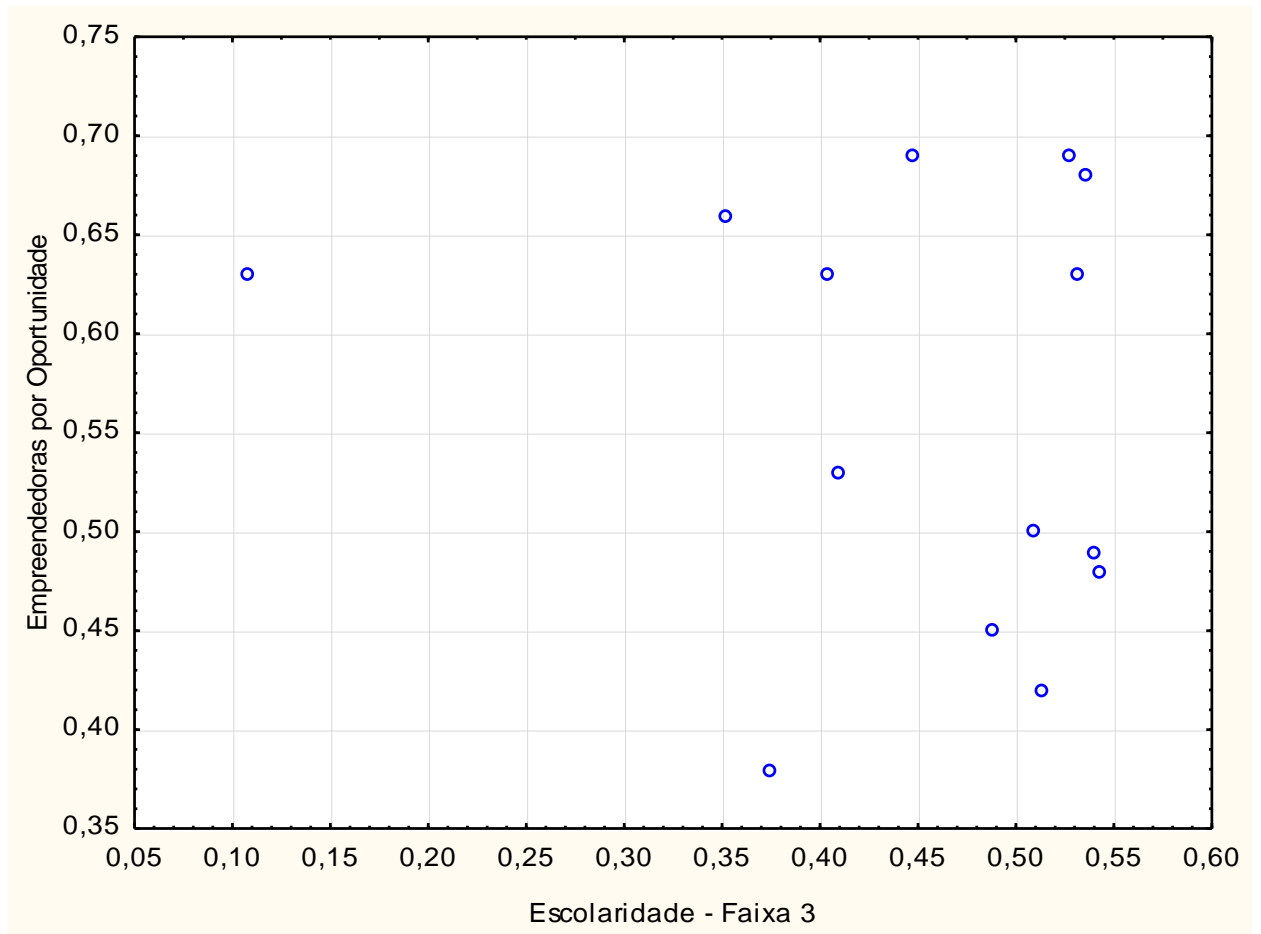


Fonte: (Autora, 2017).

O Gráfico 18, tem a distribuição de dados similar ao Gráfico 17, apenas considerando o comportamento da variável de empreendedoras por oportunidades em contraste com a variável de empreendedoras por necessidade. Salientando-se que, enquanto uma motivação cresce, a outra decresce.

O comportamento do nível de escolaridade – faixa 3 condiz com a concentração de empreendedoras, sendo elas por oportunidade ou por necessidade. Os Gráficos 19 e 20 são comprovações dessa afirmação.

Gráfico 19 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 3

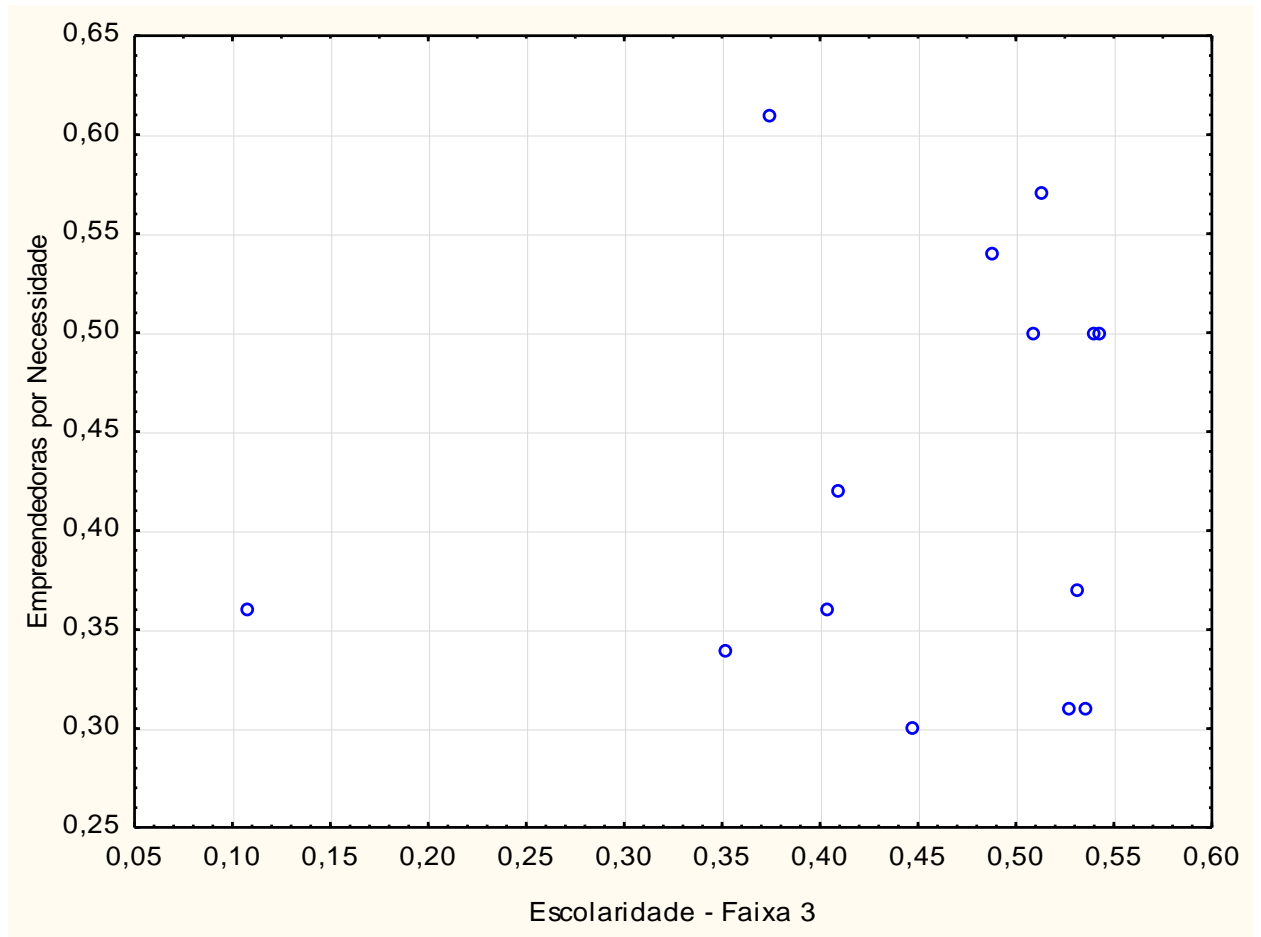


Fonte: (Autora, 2017).

No período de sete anos das 14 observações, como pode ser visto no Gráfico 19, as empreendedoras por oportunidade obtinham percentual acima de 60%, e em sete anos, mas não de forma corrente, as empreendedoras por oportunidade possuíam um nível de escolaridade pertencente a faixa 3. Maior grau de conhecimento, o que, em tese, traria melhores oportunidades, mas não é possível afirmar tal prerrogativa apenas com os diagramas de dispersão.

Já no Gráfico 20, pode-se observar que as empreendedoras por necessidade não obtiveram percentuais tão elevados quanto as por oportunidade, mas é possível concluir que não é premissa do nível de escolaridade – faixa 3.

Gráfico 20 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 3



Fonte: (Autora, 2017).

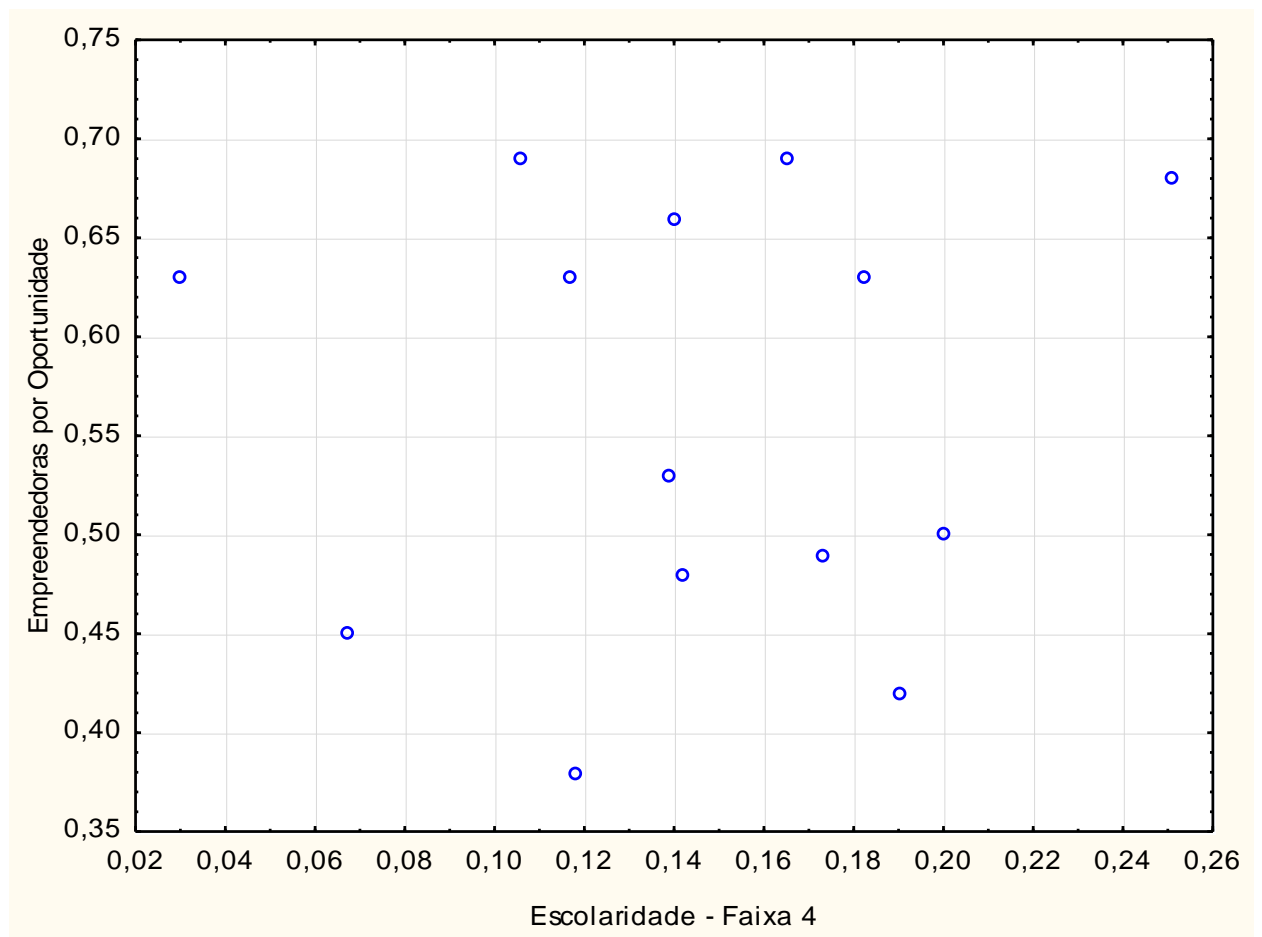
O Gráfico 20 traz em sua disposição valores que se sobrepõem por três anos das observações, em um percentual de 50%. Ainda se analisa que por sete anos o nível de escolaridade – faixa 3 manteve-se acima de 50% das empreendedoras analisadas pelo GEM. Não sendo consequência da variável analisada em conjunto com essa faixa de escolaridade, a maior parte das empreendedoras, por oportunidade ou por necessidade, possuem maior grau de escolaridade.

Os níveis de escolaridade não variam pela motivação das empreendedoras, pelo menos não pode ser concluído pela análise visual dos gráficos, pois não é possível identificar valores mais precisos para concluir.

Os Gráficos 21 e 22, são relacionados ao nível de escolaridade – faixa 4, com as variáveis de empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade. A faixa 4 possui uma variabilidade em seus dados, de tal forma que

não torna possível a identificação de tendência dos dados, ou qualquer comportamento que indique uma afirmação conclusiva em sua disposição.

Gráfico 21 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Oportunidade e Escolaridade – Faixa 4

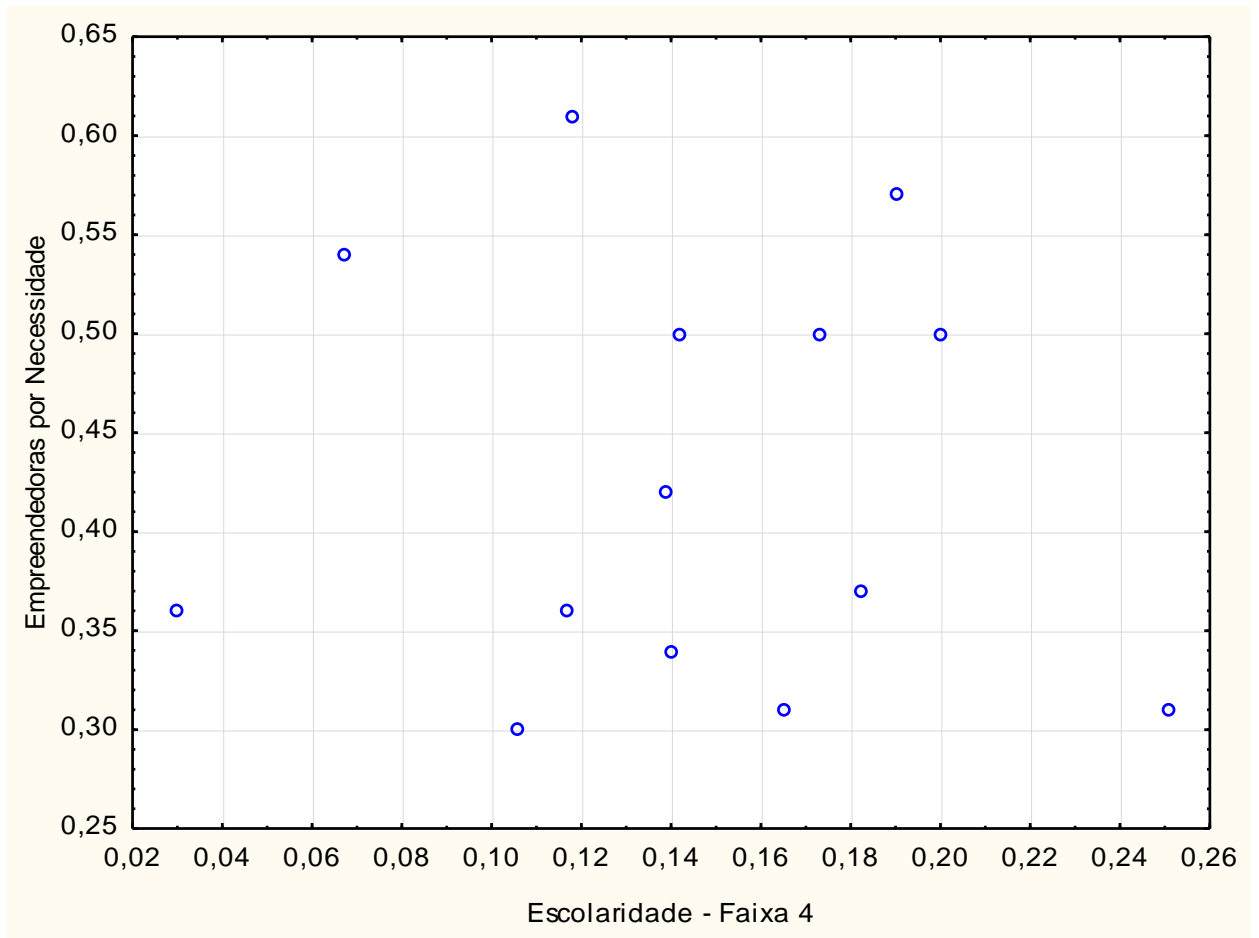


Fonte: (Autora, 2017).

A análise do Gráfico 21 pode ser realizada por meio da distribuição de seus dados, bem como nas outras faixas de escolaridade relacionadas com as empreendedoras por oportunidade, pode-se observar que a maior parte de seus dados pertence a um percentual acima de 60%, independente da faixa de escolaridade que se encontram.

Da mesma maneira que o Gráfico 22, em que as empreendedoras por necessidade, em boa parte de seus dados se mantêm abaixo de 45%.

Gráfico 22 – Diagrama de Dispersão entre Empreendedoras por Necessidade e Escolaridade – Faixa 4



Fonte: (Autora, 2017).

Os diagramas de dispersão, das análises de resultados complementares, tornaram a emergência de temas sociais e econômicos, bem como temas políticos, mais em debate de forma quantificada. A influência constatada de possibilidade das condições de manter crianças de até 6 anos em creches e pré-escolas, são assuntos de abordagem ampla, e ao mesmo tempo intrínseca para as mulheres. Parte da revisão sistemática utilizada para a complementação desse trabalho, auxilia na constatação com seus resultados para o debate dessa problemática. Da mesma maneira que o aumento das oportunidades de trabalho para as mulheres e os motivos da necessidade em sair trabalhar.

A fim de confirmar o que se debateu até o momento, realizaram-se análises de correlação entre as variáveis de empreendedoras por oportunidade e empreendedoras por necessidade, como seguem os Quadros 9 e 10.

A correlação entre o empreendedorismo por oportunidade e os níveis de escolaridade é considerada fraca. Como os diagramas não apresentaram tendência, pode-se dizer, com a comprovação por meio da análise de correlação, que as empreendedoras por oportunidade não tem relação significativa com a escolaridade.

Quadro 9 – Matriz de correlação entre Empreendedoras por Oportunidade e Nível de Escolaridade, faixas 1 a 4

Variáveis	Correlações ($p < \alpha = 0,05$), N=14
	Empreendedoras por Oportunidade
Escolaridade - Faixa 1	-,0649
	p=,826
Escolaridade - Faixa 2	,1799
	p=,538
Escolaridade - Faixa 3	-,1615
	p=,581
Escolaridade - Faixa 4	,0585
	p=,843

Fonte: (Autora, 2017).

Quadro 10 – Matriz de correlação entre Empreendedoras por Necessidade e Nível de Escolaridade, faixas 1 a 4

Variáveis	Correlações ($p < \alpha = 0,05$), N=14
	Empreendedoras por Necessidade
Escolaridade - Faixa 1	,0730
	p=,804
Escolaridade - Faixa 2	-,2087
	p=,474
Escolaridade - Faixa 3	,1767
	p=,546
Escolaridade - Faixa 4	-,0427
	p=,885

Fonte: (Autora, 2017).

De maneira similar, pode-se observar, no Quadro 10, que as empreendedoras por necessidade não possuem correlação significativa quando relacionadas as variáveis de nível de escolaridade – faixas de 1 a 4.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo apresentam-se as conclusões a serem consideradas em relação aos resultados encontrados. Resgata-se a problemática apresentada inicialmente no trabalho, verificam-se as observâncias diante do objetivo geral e dos objetivos específicos, buscando analisar se foram atendidos conforme propostos. Após, apresentam-se algumas pontuações sobre os resultados e discussões complementares, e assim, sugestões para trabalhos futuros com a finalidade de enriquecimento dessa pesquisa.

5.1 CONCLUSÕES E TRABALHOS FUTUROS

O estudo apresentado nessa dissertação teve como ponto inicial, a análise do crescimento do empreendedorismo feminino, aplicado às variáveis econômicas e sociais pesquisadas, utilizando-se análise de correlação, com a finalidade de identificar quais são influenciadas pelo aumento das mulheres empreendedoras. Desse modo, buscou-se permear o trabalho a partir do seguinte problema de pesquisa: qual a influência do crescimento do empreendedorismo feminino, como forma de evolução da mulher e redução da desigualdade de gênero e, quais variáveis apresentam evidências de que o empreendedorismo feminino se tornou um índice de redução das desvantagens da mulher perante o mercado de trabalho?

Com a finalidade de encontrar um resultado que satisfaça o problema proposto, o objetivo geral do trabalho que foi verificar o aumento da participação da mulher empreendedora no Brasil, por meio da análise de correlação aplicada a variáveis econômicas e sociais, sendo elas o PIB, o número de matrículas de crianças na educação infantil, empreendedoras por oportunidade, empreendedoras por necessidade, nível de escolaridade – faixas 1 a 4, renda média per capita familiar e taxa de renda média per capita familiar, e, o número de mulheres empregadas no mercado formal, com a finalidade de identificar os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino.

Diante do que foi colocado, os objetivos específicos transcorreram de modo que identificou-se as variáveis que caracterizam o perfil da mulher empreendedora e a motiva a empreender; foram aplicadas a técnica estatística em todas as variáveis verificando o que aumentou conjuntamente com o empreendedorismo feminino,

como as variáveis econômicas do PIB, renda média per capita familiar e taxa de renda média per capita familiar; se conseguiu identificar a existência de correlação entre as variáveis dispostas no trabalho e o percentual de empreendedoras iniciais, sinalizando as correlações significativas, bem como levantou-se o questionamento sobre a temática quantitativa do empreendedorismo feminino no Brasil; ainda, conseguiu-se realizar o levantamento pelos dados da RAIS e apontar a participação da mulher no mercado formal de emprego, e também, correlacionar a variável de mulheres empregadas com as variáveis que motivam o empreendedorismo, por oportunidade ou necessidade, e com as matrículas na escolaridade infantil, para medir o quanto essas variáveis impulsionam a mulher a se inserir no mercado formal de emprego.

Assim, a fundamentação teórica se deu por meio de pesquisas bibliográficas, por livros específicos e artigos científicos voltados ao tema, possuindo como características o empreendedorismo feminino, o desenvolvimento econômico, a renda, o emprego e o empreendimento, e a família.

A análise das empreendedoras iniciais e o PIB, observou-se que mesmo quando o PIB estava abaixo de zero, a economia somou um total de produtos e serviços inferior que os outros anos, situação em que o empreendedorismo feminino alcançou o maior índice. Retomando Sanches et al. (2013) quando retrata que o empreendedorismo feminino é um grande aliado do desenvolvimento econômico, estimula a competitividade, gera de renda e oportunidades, salienta-se que, se existe alguma contribuição positiva na construção do PIB, em 2015, a influência vem das mulheres no campo empreendedor.

Através da pesquisa bibliográfica identificou-se a influência social na vida da mulher, com o início da vida escolar das crianças de 0 a 6 anos. Por meio do GEM de 2015, observou-se que o maior valor de empreendedorismo feminino inicial em todos os anos de pesquisa, 20%. Diante disso, pode-se afirmar o também aumento do número de crianças inseridas na educação infantil.

Após as variáveis do PIB e das matrículas na escolaridade infantil, averiguou-se que as empreendedoras iniciais possuem maior concentração no nível de escolaridade – faixa 3, composto pelo segundo grau completo, graduação e especialização, fato que não se considerava há mais de 30 anos, no início do empreendedorismo. Dentre todas as faixas de escolaridade analisadas, a faixa 3 é a qual se concentram o maior número de empreendedoras iniciais.

A relação entre as empreendedoras iniciais e o percentual de empreendedoras por oportunidade, percebeu-se que o percentual de empreendedoras por oportunidade, concentrou-se acima de 60%. Contrariando o valor de 2015, que resultou em 45%, embora se tenha alcançado o maior percentual de toda a análise de empreendedorismo feminino, decresceu a quantidade de oportunidades empreendedoras nos últimos anos.

As empreendedoras por necessidade são motivadas de maneira inversa às empreendedoras por oportunidade. O percentual de empreendedoras iniciais por oportunidade permaneceu acima de 60%, nos anos de 2008 a 2014, possibilitando inferir que a criação da Lei do Microempreendedor incentivou a formalização e criação de muitas empresas a partir de 2008, no Brasil. Já as empreendedoras por necessidade ocorre o contrário, enquanto as por oportunidade se mantiveram acima dos 60%, as por necessidade, abaixo dos 40%. O que sobressai em 2015, que o índice de empreendedoras por necessidade esteve em 54%.

Os estudos teóricos, bibliográficos e qualitativos fundamentavam que a busca pelo conhecimento se tornou uma das formas que as mulheres encontraram em sobressair no mercado de trabalho. Questão essa que não deixa de ser ponto sobressalente, nas pesquisas qualitativas, porém essa afirmativa não se mantém, tendo que o número de empreendedoras que se encontram em nível de escolaridade – faixa 4, de mestrado, doutorado e PhD, alcança um percentual máximo de 25%, em 2010, e a partir disso, decai de forma relevante. Chegou-se ao ponto do GEM eliminar a faixa 4, pela redução abrupta da quantidade de empreendedoras que continuavam a estudar, sendo esses valores pequenos absorvidos pela faixa 3.

Conforme aumenta a quantidade de empreendedoras, aumenta conjuntamente a renda média per capita familiar. Sendo assim, pode-se deduzir que a mulher empreendedora, não apenas auxilia na renda da família, como também a faz aumentar, e muitas vezes maior parte da renda pertence apenas à elas.

Conforme os relatórios da RAIS e do PNAD, com o passar dos anos, mais mulheres tem sido inseridas no mercado de trabalho por meio de carteira assinada. Assim, pelas análises realizadas observa-se que as mulheres empregadas crescem, praticamente, na mesma proporção que a quantidade de empreendedoras.

Em 2015 houve uma diminuição no número de mulheres empregadas, e esse ano corresponde ao maior percentual de mulheres empreendedoras. Pode

corresponder que, parte do número de mulheres que saiu ou perdeu seu emprego, tenha se tornado empreendedora, independente da motivação.

Comprovada a normalidade em todas as variáveis utilizadas nesse estudo, efetuou-se o cálculo do coeficiente de correlação.

A correlação entre as empreendedoras iniciais e o número de matrículas na educação infantil, com quase 0,66, e significância de 0,01, significando que essas variáveis são altamente correlacionadas. Conforme já mencionado, Alperdestedt, Ferreira e Serafim (2014), Pérez-Pérez e Avilés-Hernández (2016), Rao (2016), Senthilvasan e Deepa (2016), Krishnamurthy e Siraramakrishnan (2016), discutem em suas pesquisas a questão das mulheres se tornarem mães, esposas e empreendedoras, dos obstáculos encontrados no momento de empreender, e como o filho é prerrogativa para o desenvolvimento do empreendimento. Existir um lugar propício para se deixar os filhos, tanto para a mulher empreendedora como para a mulher que trabalha, é quase uma regra quando se pesquisa o empreendedorismo feminino.

A correlação encontrada entre as empreendedoras iniciais e os níveis de escolaridade, apenas a faixa 1 se salientou, sobre as outras faixas de escolaridade. O coeficiente de correlação da faixa 1, em 0,59 e significância em 0,026, incitando a discussão de que as mulheres empreendedoras, relacionadas com pessoas que possuem um primeiro grau incompleto ou sem educação formal, confirmam a preocupação do GEM, até por suas mudanças de metodologias, pelo fato de, ao se tornar empreendedor, não veem necessidade em concluir seus estudos,

As relações entre a variável de empreendedoras iniciais e as variáveis da renda média per capita familiar e mulheres empregadas, com correlação forte positiva, comprova quantitativamente que existe influência entre a mulher empreendedora e o aumento da renda. Assim, pode-se afirmar que o aumento da renda per capita das famílias brasileiras, se deve ao crescimento do empreendedorismo feminino no Brasil.

Das variáveis encontradas para fortalecer a pesquisa sobre o crescimento do empreendedorismo feminino, quatro resultaram correlação significativa, caracterizando assim, essas como sendo as variáveis que mais influenciam a mulher empreendedora a buscar sua independência, investir em si mesma, batalhar pelas necessidades de seus filhos, como de suas famílias. E muitas vezes, a empreendedora é a única pessoa a gerir renda na família.

Essa discussão se faz importante pelo contexto nacional em que se encontra, seja econômico, social ou político. Ainda, os resultados desse trabalho irão servir para auxiliar pesquisas, que em sua totalidade, eram qualitativas.

Diante das colocações apresentadas, acredita-se que o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa foram satisfeitos. Os resultados encontrados na pesquisa corroboram com outros trabalhos que afirmam, teoricamente, e por métodos qualitativos que o empreendedorismo feminino é influenciado por algumas das variáveis selecionadas: (CAVALCANTI, 2007; CAVAZOTTE; OLIVEIRA; MIRANDA, 2010; CRAMER et al., 2012; GOMES et al., 2014; SENTHILVASAN; DEEPA, 2016; KRISHNAMURTHY; SIRARAMAKRISHNAN, 2016; PÉREZ-PÉREZ; AVILÉS-HERNÁNDEZ, 2016; PATHAK; VARSHNEY, 2017). Contudo, esses trabalhos não alcançam dados numéricos, a ponto de conseguirem comprovações estatísticas, corroborando a ideia de originalidade dessa pesquisa.

Além disso, encontraram-se trabalhos que avaliam outras variáveis influenciadoras do crescimento do empreendedorismo feminino, como: religião, divisão social, índices de sustentabilidade e cursos de graduação exclusivos de empreendedorismo; nos mais variados lugares do mundo, como Suécia, Estados Unidos e Índia (MORSHED; HAQUE, 2015; AHL; NELSON, 2015; VITA; MARI; POGESI, 2014; CAVALCANTI, 2007; PATHAK; VARSHNEY, 2017). Grandes economias e economias em desenvolvimento, como o caso da Índia, as pesquisas sobre o empreender das mulheres também se faz temática importante.

Dessa forma, os resultados desse trabalho poderão ser utilizados para auxiliar outras pesquisas em níveis nacionais, desde que a premissa das variáveis mensuráveis seja mantida, por meio da mesma metodologia. Ainda, poderão servir de equiparação para outras pesquisas qualitativas realizadas após esse estudo.

5.2 CONCLUSÕES COMPLEMENTARES

As análises complementares serviram para incitar a discussão sobre as mulheres empregadas no mercado formal, da mesma forma que seus filhos são introduzidos no ensino escolar infantil, a razão pela qual eles são deixados em creches e pré-escolas, e qual a influencia na vida das mulheres que se dividem entre o trabalho e a família.

As mulheres inclusas no mercado formal brasileiro influenciam as três variáveis relacionadas conjuntamente a variável de mulheres empregadas. Assim como as empreendedoras iniciais, as matrículas de crianças em creches e pré-escolas auxilia a determinação do quando e como a mulher irá para o mercado de trabalho. Como mencionado nos resultados complementares, a correlação resultou em 0,75, uma significância de 0,002, ou, seja, maior significância que as empreendedoras.

Empreendedoras por oportunidade correlacionam-se com as mulheres empregadas com correlação de 0,66 e significância de 0,01, inferindo-se que possuem mais oportunidades de trabalho em empreendimentos femininos, criados por empreendedoras por oportunidade.

As empreendedoras por necessidade correlacionam-se com as mulheres empregadas de forma a correlação está em torno de 0,63 e a significância em 0,015. Assim, deduz-se que as empreendedoras por oportunidades estão relacionadas com as mulheres empregadas, da mesma forma que as empreendedoras por necessidade. Com isso, conclui-se que independente da motivação do empreendedorismo, a quantidade de empregos para elas aumenta, na mesma proporção que aumenta o empreendedorismo feminino.

As relações entre as empreendedoras por oportunidade e por necessidade, juntamente com o nível de escolaridade – faixas 1 a 4 não resultaram em correlações significativas. Contudo, a concentração de observações de mulheres empreendedoras por oportunidade tanto quanto as empreendedoras por necessidade, encontram-se nos mesmos percentuais que as empreendedoras iniciais, indicando que não há uma relação explícita para estudo, mas com a mudança da metodologia aplicada, pode-se conseguir resultados mais expressivos.

Dessa forma, deve-se continuar o estudo das mulheres empregadas, bem como do empreendedorismo feminino, com objetivos de medir, relacionar variáveis, ou ainda desenvolver modelos matemáticos capazes de descrever o comportamento do avanço empreendedor feminino nacional.

REFERÊNCIAS

- AHL, H.; NELSON, T. How policy positions women entrepreneurs: A comparative analysis of state discourse in Sweden and the United States. **Journal of Business Venturing**. v. 30. n. 2. p: 273-291. 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883902614000755>> Acesso: 12 set. 2016. DOI: 10.1016/j.jbusvent.2014.08.002.
- ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo Feminino: Dificuldades Vivenciadas em Histórias de Vida. VIII ENCONTRO DE ESTUDOS DE EMPREENDEDORISMO DE PEQUENAS EMPRESAS – EGEPE, 2014. **Anais...** Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/anais/tema07/266.pdf>> Acesso: 31 mai. 2016.
- ARANGO, H. G. **Bioestatística: Teórica e Computacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. PIB 2015. Disponível em <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/notas/15457>> Acesso: 10 mar. 2016.
- BARBOSA, F. C. et al. Empreendedorismo Feminino E Estilo De Gestão Feminina: Estudo de Casos Múltiplos na Cidade de Aracajú – Sergipe. **Revista de Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 5, n. 2, p. 124-141. 2011. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/401/1/EmpreendedorismoFemininoGest%C3%A3o.pdf>> Acesso: 17 mai. 2016. DOI: 10.21714/2237-37132011V5N2.124141
- BARRETO, J. C.; NASSIF, V. M. J. O Empreendedor Líder e a Disseminação da Orientação Empreendedora. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. São Paulo, v. 16, n. 51, p. 180-198, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://rbgn.fecap.br/RBGN/article/view/1422/pdf_62> Acesso: 13 abr. 2016. DOI: 10.7819/rbgn.v16i51.1422.
- BARROS, R. P.; FOGUEL, M. N.; ULYSSEA, G. A Década Inclusiva (2001-2006): Desigualdade, Pobreza e Políticas de Renda: Uma análise da década recente. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3249/1/Desigualdade%20de%20renda%20no%20Brasil%20-%20v.%201.pdf>> Acesso: 26 abr. 2016.
- BERNARDI, L. A. **Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- BOTELHO, L. L. R.; et al. **Desafios gerenciais das mulheres empreendedoras: como exercer a liderança em espaços de identidade masculina? O caso da Alpha Tecnologia**. 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.icesi.edu.co/biblioteca_digital/bitstream/item/1904/1/27.pdf> Acesso: 03 out. 2015.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Revista Gestão e Sociedade**. v. 5. n. 11. p: 121-136.

Belo Horizonte: mai/ago 2011. Disponível em: <
<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>
 Acesso: 01 fev. 2017. DOI: 10.21171/ges.v5i11.1220

BRASIL. Lei Complementar n. 128, de 19 de dezembro de 2008. Altera a Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006, altera as Leis nos 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, 8.029, de 12 de abril de 1990, e dá outras providências. Cria a figura do Microempreendedor Individual - E modifica partes da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp128.htm>. Acesso em: 03 jan. 2016.

BRASILa. Portal Brasil, Cidadania e Justiça. Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em: 15 fev. 2016.

BRASILb. Relatório de avaliação de receitas e despesas primárias: programação orçamentária e financeira de 2016. **Secretaria de Orçamento Federal**. Brasília. mar. 2016.

BRASILc. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher**. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, mar. 2014.

BRASILd. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher**. 2ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, mar. 2015.

BRUSH, C. G.; COOPER, S. Y. Female entrepreneurship and economic development: An international perspective. **Entrepreneurship & Regional Development**, Elsevier, 24 (1–2), p. 1–6. 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/08985626.2012.637340>> Acesso: 26 abr. 2016. DOI: 10.1080/08985626.2012.637340.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva. 2013.

CARVALHO, G. C. Reduzindo as desigualdades de gênero? Uma análise do Programa Nacional Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. **Revista Foco**. v. 10. n. 1. 2017. Disponível em: <<http://www.novomilenio.br/Periodicos/index.php/foco/article/view/330/216>> Acesso: 15 fev. 2017.

CAVALCANTI, M. O Ensino do Empreendedorismo no Brasil na Universidade Pública e o Apoio à Mulher Empreendedora: Algumas Reflexões Críticas. **Revista de Administração da UNIMEP**. v. 5. n. 1. jan – abr. 2007. Disponível em:

<<http://www.regen.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/28/106>> Acesso: 16 jan. 2016.

CAVAZOTTE, F. S. C. N.; OLIVEIRA, L. B.; MIRANDA, L. C. Desigualdade de gênero no trabalho: reflexos nas atitudes das mulheres e em sua intenção de deixar a empresa. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 70-83, jan./fev./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=223414863006>> Acesso: 13 dez. 2015.

CONTIJO, C. A dialética da transformação de valores em preços. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 22, n. 1 (47), p. 1-41, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v22n1/01.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2016.

CRAMER, L. et al. Representações Femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE**, v. 1, n. 1, jan/abril de 2012. Disponível em: <<http://www.regepe.org.br/index.php/regepe/article/view/14>> Acesso: 18 mai. 2016. DOI: 1014211

CUSTÓDIO, T. P.; TÓFOLI, E. T.; A. B. NOGUEIRA. Empreendedorismo: Um Estudo Sobre a Importância do Empreendedorismo como Estratégia de Negócios na Empresa Fênix Locações e Eventos. **Revista Científica do Unisalesiano – Lins – SP**. Disponível em: <<http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no4/artigo31.pdf>> Acesso: 12 jun. 2016.

DUQUE, P. R. A Revolução e Dageham. **Revista Tela Crítica**. v. 9, ano 8. 2012. Disponível em: <http://www.telacritica.org/ArtigoTelaCriticarevista9_RevolucaoEmDageham.htm> Acesso: 01 mai. 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FILION, L. J. Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abril/junho. 1999. Disponível em: <<http://rausp.usp.br/wpcontent/uploads/files/3402005.pdf>> Acesso: 28 nov. 2015.

FRANCO, M. M. S. Empreendedorismo Feminino: Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas. In: VIII ENCONTRO EM ESTUDOS DE EMPREENDEDORISMO E DE GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS – EGEPE. 2014. Goiânia. **Anais...** Goiânia: ANGEPE, 2014. Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/anais/tema07/333.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2016.

FREIRE, et al. Empreendedorismo feminino no Brasil: perspectivas. **Revista Tecer**. v. 3. n. 4. 2012. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/300/317>> Acesso: 28 out. 2016. DOI: 10.15601/1983-7631/rt.v5n9p67-79.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. Brasília, 23 (1), p. 183-184, jan-mar, 2014. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v23n1/v23n1a18.pdf>> Acesso em: 13 jul. 2016. DOI: 10.5123/S1679-49742014000100018.

GELAIN, I. A.; OLIVEIRA, E. C. A vaidade feminina enquanto nicho de mercado: uma análise da mulher empreendedora pela oportunidade e exploração do segmento de Salão de Beleza. **Caderno de Administração**. v. 22. n. 2. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/30712/16076>> Acesso: 13 jul. 2016.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Homepage**. London, UK, 2016. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/report>> Acesso em: 23 abr. 2017.

GOMES, A. F. et al. Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. **RBGN - Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. São Paulo, v. 16, n. 51, p. 319-342, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://rbgn.fecap.br/RBGN/article/viewFile/1508/pdf_63> Acesso: 07 jun. 2016. DOI: 10.7819/rbgn.v16i51.1508.

GRECO, S. M. S. *et al.* **Empreendedorismo no Brasil: 2011**. Curitiba: IBQP, 2012.

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria Básica**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman. 2011.

HASHIMOTO, M. A motivação dos empreendedores. **Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios**, 2011. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Revista/Common/0,,EMI227803-17141,00-A+MOTIVACAO+DOS+EMPREENDEDORES.html>> Acesso: 12 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso: 15 mar. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Nº 155. **A Década Inclusiva (2001-2011):** Desigualdade, Pobreza e Políticas de Renda. Comunicados do IPEA. Comunicados do IPEA. Set. 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/120925_comunicadoipea155_v5.pdf> Acesso: 12 fev. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Mulher Trabalhadora – Mais Direitos, Mais Igualdade**. Mulheres e trabalho – Uma breve análise do período 2004-2014. Folheto. mar. 2016.

KARINJE, P.; GIRI, P.; VERMA, R. Role of Women in Entrepreneurship and Economics Development. **Advances in Economics and Business Management**. v. 2. n. 5. p: 219-223. 2015. Disponível em: <<http://www.krishisanskriti.org/aebm.html>> Acesso: 05 jan. 2017.

KRISHNAMURTHY, B.; SIRARAMAKRISHNAN, G. Development of action plan based on the study of some factors that influence Women Entrepreneurs to start Akshaya Centres in Kerala. **Global Journal of Business Research**. v. 5. n. 11. 2016. Disponível em: <<https://worldwidejournals.in/ojs/index.php/gjra/article/view/13434>> Acesso: 18 jan. 2017.

LIMA, L. L. O.; LEAL, C. R. A. A. EDUCAÇÃO INFANTIL: tensões presentes na esfera do trabalho docente. **Revista Cadernos de Pesquisa da UFMA**. São Luís, v. 23, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4629/2508>> Acesso: 26 dez. 2016. DOI: 10.18764/2178-2229.v23n1p65-80

MAXIMIANO, A. C. Amaru. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. 2ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MORAES, A. B.; JACOBI, L. F.; ZANINI, R. R. **Caderno Didático: Estatística**. Santa Maria: UFSM, 2013.

MORSHERED, F.; HAQUE, E. Impact of women entrepreneurship on women empowerment in Bangladesh. **World Journal of Current Management Research**. Vol. 1, nº 1, may 2015, pp. 1-14. Disponível em: <http://www.wjcmr.com/WJCMR_Vol.%201,%20No.%201,%20May%202015/IMPACT.pdf> Acesso: 12 dez. 2016.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; DIDONET, V. Educação Infantil no Brasil: primeira etapa na Educação Básica. Ministério da Educação, Unesco. 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002144/214418por.pdf>> Acesso: 01 jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios**. Organização Internacional do Trabalho. 1. ed. Brasília: OIT, 2010.

OLIVEIRA, P. G.; SOUZA NETO, B. Empreendedorismo e Gestão Feminina: Uma Análise do Estilo Gerencial de Mulheres Empreendedoras no Município de São João del-Rei, Minas Gerais. VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. **Anais...** Florianópolis, SC, 23 a 25 maio 2010. Disponível em <http://www.anpad.org.br/ler_pdf.php?cod_edicao_trabalho=9616&cod_evento_edicao=40> Acesso em: 05 dez. 2015.

OLIVEIRA, R. R.; **Oferta e Demanda de Empregos no Brasil mediante Modelagem ARIMA**. 2015. 61 f. Monografia (Especialização em Estatística e Modelagem Quantitativa) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

OLIVEIRA, R. R.; SILVA, A. M. C.; MORAES, M. C. C. Transparência do Orçamento Governamental dos Países: um Estudo acerca da Associação entre IAO, IDH, PIB e IPSAS. **Revista Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 42, p. 5 - 11, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/pensarcontabil/article/view/87>> Acesso: 24 abr. 2016.

PALADINO, G. G. **Empreendimentos inovadores**. Brasília: IEL Nacional, 2010.

PATHAK, A. A.; VARSHNEY, J. Challenges faced by women entrepreneurs in rural India: The case of Avika. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**. v. 18. n. 1. 2017. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1465750316686245>> Acesso: 31 jan. 2017. DOI: 10.1177/1465750316686245.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de Dados para Ciências Sociais – A Complementariedade do SPSS**. 6. ed. Lisboa: Cafilésa – Soluções Gráficas Ltda. 2014.

PÉREZ-PÉREZ, C.; AVILÉS-HERNÁNDEZ, M. Explanatory factors of female entrepreneurship and limiting elements. **Suma de Negócios**. v. 7. n. 5. 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2215910X15000531>> Acesso: 23 out. 2016. DOI: 10.1016/j.sumneg.2015.12.004.

PINHEIRO, L. S. et al. Nota Técnica. **Mulheres e trabalho**: breve análise do período 2004-2014. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IPEA. 28 p. mar. 2016.

RAO, N. M. A Study on Empowerment of Rural Women Through Entrepreneurial Activities. **International Journal of Scientific Research**. v.5. n. 10. 2016. Disponível em: <<http://www.worldwidejournals.in/ojs/index.php/ijsr/article/view/12456>> Acesso: 23 dez. 2016.

REDDY, E. E. Empowering Women – Fostering Women Entrepreneurship. **Global Journal for Research Analysis**. v. 5. N. 11. 2016. Disponível em: <<https://worldwidejournals.in/ojs/index.php/gjra/article/view/13491/13617>> Acesso: 15 jan. 2017.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

SANCHES, F. C. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo sobre sua representatividade no município de Toledo – Paraná. **Revista de Gestão e Secretariado – GeSeC**. São Paulo, v. 4, n. 2, p. 134-150, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/178/pdf_34> Acesso: 13 fev. 2016. DOI: 10.7769/gesec.v4i2.178

SANTOS, H. C. O.; PINHEIRO, M. E. S.; SOUSA, W. D. O perfil sócio-econômico das empreendedoras da cidade de Juazeiro- bahia. **Revista Expansão Acadêmica**.

Ano 1, n. 1, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.expansaoacademica.com/wp-content/uploads/2015/10/02-Artigo-2-pg-23-a-43.pdf>> Acesso: 12 jan. 2017.

SCHUMPETER, J. A. Science and Ideology. **American Economic Review XXXIX**. March (1949), pp: 345-359. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/i332917>> Acesso: 25 mar. 2017.

SCHWARTZ, E. B. Entrepreneurship: a new female frontier. **Journal of Contemporary Business**, Seattle, v. 5, n. 1, p. 47-76, 1976. Disponível em: <<https://www.econbiz.de/Record/entrepreneurship-a-new-female-frontier-schwartz-eleanor-brantley/10002799836>> Acesso em: 11 jan. 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. O que é ser empreendedor. Disponível em: < [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/\\$File/NT00001D9A.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf)> Acesso: 23 nov. 2016.

SENTHILVASAN, K.G.; DEEPA, K. A Study on Socio Economic Conditions of Women Employees in Unorganized Sector with special reference to Coir Making Industries at Pollachi. *International Journal of Scientific Research*. v. 5. n. 10. 2016. Disponível em: <<https://worldwidejournals.in/ojs/index.php/ijsr/article/view/12592>> Acesso: 03 dez. 2016. DOI:

SIEGEL, S. **Estatística Não-Paramétrica**: Para as Ciências do Comportamento. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil Ltda. 1979.

SILVA, R. V. Maternidade e mercado de trabalho – avanços possíveis. **Boletim Legislativo nº 42**, de 2016. Senado Federal – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Consultoria Legislativa. Disponível em: < <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/boletins-legislativos/bol42>> Acesso: 26 jan. 2017.

SILVEIRA, A., GOUVÊA, A. B. C. T. Empreendedorismo Feminino: Mulheres Gerentes de Empresas. **FACES Revista da Administração**. Belo Horizonte. v. 7. n. 3. p. 124-138 · jul./set. 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12804041-Revista-de-administracao-faces-journal-issn-1517-8900-faces-fumec-br-universidade-fumec-brasil.html>> Acesso: 21 abr. 2016.

SRINIVASAN, T. N. Human Development : A New Paradigm or Reinvention of the Wheel? **American Economic Review**, 84 (2), p. 238-243. 2012.

STAVROPOULOU, O.; PROTOPAPA, S. J. A strengths-based approach to mentoring entrepreneurs: how to free the strengths within them. **Journal of Innovation and Entrepreneurship**. n. 2. 2013. Disponível em: < <https://link.springer.com/article/10.1186/2192-5372-2-13>> Acesso: 20 dez. 2016. DOI: 10.1186/2192-5372-2-13

VALADÃO, R. S.; RIBEIRO, I. A.; BRITO, J. N. Empreendedorismo: história de vida da empreendedora Neusa Barboza Pantaleão da Silva. **Organizações e Sociedade**.

V. 5. N. 3. 2016. Disponível em:<
<http://www.facfama.edu.br/revista/index.php/ROS/article/view/140/149>> Acesso: 23
nov. 2016.

VITA, L. D.; MARI, M.; POGGESI, S. Women entrepreneurs in and from developing countries: Evidences from the literature. **European Management Journal**. Elsevier, v. 32. p. 451 – 460. 2014. Disponível em:
<<https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-84899971187&origin=inward&txGid=0>> Acesso: 25 fev. 2016. DOI: 10.1016/j.emj.2013.07.009.

WELSH, et al. Saudi women entrepreneurs: A growing economic segment. **Journal of Business Research**. v. 67. n. 5. p: 758-762. 2014. Disponível em: <
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296313004104>> Acesso: 12
jan. 2017. DOI: 10.1016/j.jbusres.2013.11.040

WHITTEMORE, R. Combining evidence in nursing research: methods and implications. **Nursing Research**. Baltimore, v. 54, n. 1, p. 56-62, jan-fev. 2005. Disponível em: <
http://journals.lww.com/nursingresearchonline/Abstract/2005/01000/Combining_Evidence_in_Nursing_Research__Methods.8.aspx > Acesso: 15 jan. 2017.

WITCEL, M. R.; POZZO, D. N. Empreendedorismo feminino: uma análise documental do perfil brasileiro. **REN – Revista Escola de Negócios**. v. 1. n. 1. 2013. Disponível em:
<http://seer.fadergs.edu.br/index.php/administracao/article/view/34/9>> Acesso: 13 set. 2016.